

WLADIMIR OLIVIER

A
QUARTA
REVELAÇÃO

“Essas [comunicações espíritas — ocultas e espontâneas] são para todo mundo, para o pequeno como para o grande, o rico como o pobre, o ignorante como o sábio. Os Espíritos que nos protegem, os parentes e amigos que perdemos não necessitam de ser chamados: estão juntos de nós e, embora invisíveis, nos cercam com sua solicitude; só o nosso pensamento basta para os atrair, provando-lhes a nossa afeição, porque, se não pensarmos neles, é muito natural que não pensem em nós.”

Allan Kardec (**Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos**. Trad. de Júlio Abreu Filho. [s. ed.], São Paulo, EDICEL [s.d.] — Quarto ano, abril de 1861, p. 115.)

ÍNDICE

1. A minha família
2. O meu primeiro contato com o Espiritismo ...
3. A preparação
4. A palestra
5. Tratando do assunto
6. O dia seguinte
7. O Espiritismo levado a sério
8. Instruções gerais
9. Em casa
10. Uma semana de reflexões
11. O dia da reunião
12. Duas semanas depois
13. Tempos tranquilos
14. Decisões importantes
15. Maria
16. Um sonho muito louco
17. Desconfianças
18. Revelações
19. Sob a inspiração de Luisinho
20. Rodolfo se integra ao grupo
21. Laços que se estreitam
22. Primeira manifestação judicial
23. Naqueles oito meses
24. No Dia das Mães
25. Desenlaces

1. A MINHA FAMÍLIA

Meu nome é Cláudio. Tenho trinta e dois anos. Sou casado com uma jovem a quem amo, Ana Paula, que me deu dois filhos lindos: Lucas e Mateus. Quando nos casamos, eu tinha vinte e dois anos e Ana, vinte. Nós éramos muito novos e precisávamos muito um do outro, porque ambos perdemos os nossos pais muito cedo.

A nossa história de amor não contém muitos lances dramáticos. Conhecemo-nos na faculdade, quando cursava o último ano de Administração de Empresas, enquanto ela estava apenas se habilitando para o curso de Farmácia.

Foi um encontro casual no ônibus mas tudo agora me parece haver sido combinado por nossos anjos da guarda, porque, naquela tarde, o meu carro ficou na oficina e eu precisava muito ir fazer uma prova.

Assim que entrei no ônibus, ela também entrou mas, quando foi passar pela borboleta, a linda mocinha verificou que haviam tirado todo o dinheiro da sua bolsa.

— Pelo amor de Deus, disse ela em voz alta, alguém pode me ajudar?

Eu logo me prontifiquei, porque vi que estava realmente aflita.

— Não se preocupe. Eu pago a passagem.

Ela mal me olhou e agradeceu:

— Deus lhe pague!

O ônibus estava cheio mas deu para nos acomodarmos juntos, eu dando proteção a ela, quando algum passageiro passava esfregando-se na gente.

Eu sentia que ela não gostava da proximidade das pessoas e fazia de tudo para evitar que alguém relasse nela. Eu mesmo guardei distância e pude defendê-la dos mais atrevidos.

Aos poucos, o ônibus foi esvaziando e pudemos sentar lado a lado. Ela estava muito nervosa e aproveitou para remexer na bolsa, a ver o que estava faltando. Tinham levado a carteira com o dinheiro e com os documentos.

Então, ela me disse:

— Meu tio sempre me pede pra tomar cuidado nos ônibus. Por isso, os documentos não vão fazer falta, porque eram em *xerox*. O dinheiro dava só pra ir e vir da faculdade. Ainda bem que não me levaram os tíquetes-restaurantes.

— Como é seu nome? Eu me chamo Cláudio.

— Desculpe! Ana Paula. É que estou muito atrapalhada. O pessoal me dizia que os *bichos* eram... Chi! Dei um fora!

Esse foi o nosso primeiro contato. É claro que não me aproveitei do fato de ser caloura na faculdade. Eu mesmo não gostava dos trotes, porque fiquei muito bravo quando foi a minha vez.

Tornamo-nos bons amigos, passamos a frequentar o mesmo restaurante e ir à quadra de esportes nos mesmos horários.

Foi assim que não olhei para nenhuma outra colega, as quais me cercavam de atenções, até que um dia apareci com uma aliança.

Ana Paula me achava muito simpático mas nunca me disse que era bonito. Era jovem e saudável, de forte tez morena, porque tomava muito sol, já que meus irmãos mais

velhos é que dirigiam os negócios. Mais tarde, dois anos depois de me haver formado, quando nos casamos, eles me deram de presente a direção de uma das lojas e me estabeleci no ramo dos materiais de construção.

Permiti que Ana Paula terminasse o curso. Ela mesma, porém, decidiu que deveria cuidar da casa, porque o que eu ganhava era suficiente para manter com muito conforto uma família de dez pessoas, deixando a faculdade ao final do quarto semestre.

Preciso dizer que construí, a preço de custo, uma bela residência? Pois os meus irmãos, um deles engenheiro civil e outro advogado e dono de imobiliária, facilitaram a aquisição do terreno e a aprovação do plano de construção do sobrado, onde nos perdíamos os dois nos primeiros tempos em que para lá nos mudamos, carregando no colo o nosso Lucas, hoje com oito anos, enquanto dava pontapés na barriga da mãe o Mateus, agora com seis.

2. O MEU PRIMEIRO CONTATO COM O ESPIRITISMO

Depois de alguns anos de vida conjugal, sentimos necessidade de firmar os dons da religiosidade, tendo em vista que era preciso orientar as crianças para Deus.

As primeiras preces nós transmitimos e eu gostava de ouvir o mais novo reproduzir as sérias palavras que o mais velho ia recitando, compenetrado de que o seu anjo de guarda estava ali juntinho, para estender o manto de amor que recebera de Jesus.

Mas nós mesmos, Ana e eu, não sabíamos muita coisa mais, além de ir à missa ou ao culto noturno, confessando, às vezes, os pecadinhos da jornada, porque julgávamos que os atos de rebeldia contra o Senhor se resumiam em pequenas ofensas ao próximo.

Um dia, estando a conversar com meus irmãos, durante um almoço em família, num feriado de meio de semana, tivemos o seguinte diálogo.

Raul foi quem iniciou:

— Sabem onde estivemos ontem? Num centro espírita, para ouvir a palestra de um sujeito que foi procurar casa na imobiliária. Fui com o interesse da venda e lucrei com as informações do conferencista.

Luís, meu irmão do meio, ironizou:

— Aposto como você achou tudo uma beleza, principalmente a hora em que os espíritos apareceram pra contar como foi que morreram.

Minha cunhada, Maria, esposa de Luís, correu em auxílio mais da ideia do que de Raul:

— Pois eu acho que a gente deve respeitar os mortos e também as pessoas que acreditam que falam com eles.

Luís observou:

— Lá vem minha mulher defender as amigas...

Foi a vez de Odete, mulher de Raul, intervir:

— Alto lá! *Stop!* Eu também fui e não vi nada dessas coisas que você está dizendo.

Foi a vez de Ana perguntar:

— Onde é mesmo que vocês foram?

Raul respondeu:

— Ao Centro Espírita “*Coração Amoroso de Jesus*”. Fica na Lapa.
Aí, a minha curiosidade já tinha sido espicaçada:
— Você falou que ouviu uma conferência?
— Sim, a respeito da vida e da morte.
Luís tentou gracejar:
— Quando os vivos se encontram com as almas do outro mundo...
Mas Raul não gostou:
— Tudo lá foi exposto com muita seriedade. O meu cliente sabia do que tratava. Ele falou que os espíritos são as almas das pessoas que morreram.
— Morreu, acabou — insistiu Luís, mas foi vaiado pelos outros.
— Pois aí é que está o engano! — acrescentou Raul. — Se a gente pensa que o que existe é só matéria...
— Quem foi que disse que eu disse que é só matéria?! — quis protestar o intrigante, mas não lhe deram chance de ir mais longe.
Logo, Ana estava com nova questão:
— Tinha muita gente?
Foi Odete quem esclareceu:
— Não havia nenhum lugar vago, mas o salão era pequeno. Tinha umas sessenta, setenta pessoas.
— Estava cheio — definiu Raul, desejando continuar a exposição. — Na verdade, todas as religiões dizem que as pessoas, depois que morrem, vão para o céu ou para o inferno...
Luís não perdeu a oportunidade:
— Não se esqueça do purgatório...
Raul, porém, parecia estar preparado:
— O purgatório é aqui mesmo na Terra. Foi isto que o Rodolfo (esse é o nome do meu cliente) explicou. Ele falou que um tal de Allan Kardec ou Professor Rivail, não sei bem quem foi...
Odete foi obrigada a interromper:
— Allan Kardec é o pseudônimo do Professor Rivail. Foi o que eu entendi.
— Talvez seja isso mesmo — prosseguiu Raul. — O fato é que o purgatório foi uma invenção da Igreja Católica, tanto que os protestantes são assim chamados porque não aceitaram essa região de sofrimentos e começaram a seguir a doutrina de Lutero e de Calvino.
Dessa vez fui eu quem pus a minha colher de pau na panela:
— Não vai me dizer que tudo isso você trouxe dessa palestra! Parece que o homenzinho foi muito eficiente...
Odete não perdeu a vaza:
— Na terça-feira que vem tem mais. Se vocês quiserem ir, nós passamos aqui. Aliás, o convite serve também pra Maria e pro Luís.
Foi Maria quem ponderou:
— E onde vamos deixar as crianças?
— Até parece que você não sabe. A tia Eulália gosta de tomar conta delas.
Ana, contudo, continuou na sua linha:

— O que é preciso fazer pra conseguir um convite? Será que teremos onde sentar? Eu não gosto de ficar muito tempo de pé.

A partir daí, a conversa girou em torno das providências que deveriam ser tomadas e o assunto acabou morrendo.

Na terça-feira, todos nós, menos Luís, estávamos numa das últimas fileiras do saguão onde se desferiria a exposição sobre o tema *O que é a mediunidade?*, pelo Irmão Rodolfo, conforme se lia na lousa, atrás da mesa sobre o pequeno estrado.

3. A PREPARAÇÃO

Como sabe o leitor amigo, compareci à reunião na terça-feira seguinte ao almoço da família. Mas é preciso relatar duas conversas muito sérias que me fizeram tomar aquela decisão.

A primeira foi com Ana.

Tendo medo das represálias do confessor, ela me chamou e disse:

— Querido, será que não vamos cometer um pecado mortal, se formos àquela casa do diabo, conforme o Padre Aristides costuma chamar, quando sabe que alguém lá compareceu?

— Ora, meu amor, que pecado pode haver? Quando muito, ele poderá dizer-nos pra tomar cuidado, pra evitar que as palavras nos façam, como é que ele diz mesmo?...

— Ele diz que a gente pode ficar obstinado...

— Não é obstinado. Ele fala outra coisa.

— Ele diz que as pessoas que vão aos terreiros devem ser excomungadas.

— Isso ele diz mesmo, mas o centro espírita aonde foi o Raul não é da Umbanda.

— Acho que não faz diferença nenhuma.

— A verdade é que nós somos muito ignorantes. Então, está na hora de ir mesmo, pra não cometermos nenhum engano. Se a gente não gostar do que estiver vendo, a gente sai. Acho que não vão segurar ninguém à força.

— Nem teria cabimento. Depois, querido, se as coisas forem muito ruins, vamos ter o que falar pro seu irmão e também pra Odete.

— Acho que eu me lembrei: a palavra que o padre diz é *obcecado*. Você se lembra quando ele falou que precisou exorcizar uma pessoa que ficou possessa?

— Mas eu não sou tão carola que vou ter medo do que o padre diz. Ele está querendo pôr medo na gente. Se fosse do jeito que ele falou, o seu irmão não ia elogiar o orador.

— Mas foi você quem perguntou se não iríamos cair em pecado mortal...

— Na verdade, o que mais me amedronta é que alguma alma penada venha perturbar a gente, porque não vamos querer voltar mais lá.

— Mas aí o Padre Aristides vai exorcizar a gente e pronto!...

— Cláudio, não brinque. O assunto é sério. Mas a verdade é que eu também não acredito em muitas outras coisas que eu vejo na religião.

— Aninha, juízo! Afinal de contas, as orações servem pra deixar a gente de bem com Deus e com os santos. Do modo como você está falando, o melhor é não ir lá. Deus nos proteja e os santos digam amém...

— Mas eu estou curiosa é com outra coisa.

— Que coisa?

— Disseram que os mortos vêm conversar com os vivos. E se os nossos pais vierem mostrar que estão bem, longe do inferno, lá no paraíso, já que Raul falou que o purgatório é aqui mesmo?

— Veja como as ideias são terríveis pra entrarem na cabeça da gente. Sempre acreditamos no purgatório. Agora estamos colocando em dúvida. Então, é melhor que a gente se torne crente, vá aos templos, pague o dízimo...

— Mas os pastores, sem o purgatório, vão mandar os pecadores direto pro inferno.

— É mesmo. Eu acho que a gente deve deixar de molho essa ideia. Se não arranjarmos nenhuma boa desculpa, a gente vai. Caso contrário, que os outros vão sozinhos.

— É isso aí. Não vai ser numa palestra pública que os nossos pais irão comparecer. Depois, eu aposto que o Luís não vai dar as caras.

— Por que não?

— Ele vai ter medo de que algum espírito vá dizer dos casos dele.

— Você vai ter de confessar de novo esse pecado ao Aristides. Não levante falso testemunho.

— Só estou falando o que me disseram. Nem vou falar quem foi, pra você não dizer que é malquerença de uma linguaruda enxerida.

— Pois eu afirmo que Luís não tem medo dessas coisas. Você não viu o pouco caso que ele fez do Raul?

— Quanto vale?

Como eu estava com pressa, cortei o *papo* e fui trabalhar. No caminho, ruminava a ideia de receber algum recado dos espíritos. Ia matutando com meus botões:

“Será que minha mãe está na bem-aventurança eterna? E meu pai? Ela, com certeza, que viveu sempre pro lar, sem nunca abrir a boca. Ele, eu não sei, não. Parecia que era muito prepotente, muito violento, querendo tudo ali, na chincha.”

Não me lembrei dos casos do Luís nem da fidelidade do Raul. Eu é que não tinha dado motivo nenhum para que Ana me acusasse de nada.

Dirigia com cuidado, no meio do trânsito intenso, mas algo me chamou a atenção. Era um *outdoor* com uma propaganda de sorvete. Em meio à névoa provocada pelo calor, numa piscina, a moça quase nua provocava os passantes, com enorme sorvete roliço a tocar nos lábios. Não pude conter uma palavra de desaprovação:

“As coisas estão muito mal na sociedade. Depois reclamam que tem tanto estupro, que as meninas engravidam já com dez e onze anos, que existe meretrício de adolescentes, mocinhas e rapazes a venderem os corpos pra sustentarem os vícios...”

Então me vieram à memória as campanhas do Padre Aristides, para angariar fundos para aliviar os sofrimentos dos menores com AIDS. Recordei-me de que era eu quem fornecia os materiais de construção para as obras de quatro ou cinco paróquias da região,

sempre sem ganhar nada além do suficiente para pagar os impostos, porque vender sem nota jamais, que as penitências eram salgadas.

Foi pensando nessas coisas da vida e do mundo que cheguei ao depósito. Sempre era um dos primeiros, porque fazia questão de verificar a abertura das portas e do cofre para retirar o dinheiro para o caixa. Depois disso, ficava sossegado, avaliando os cheques para os depósitos do dia.

Estava ali entretido, quando recebi um telefonema do Raul, pedindo pra não me esquecer do encontro. A conversa foi rápida mas me deixou intrigado com o inusitado do aviso.

“Será que isso é assim importante pra ele?”

Foi quando me ocorreu que um dos empregados mais antigos, um senhor de mais de sessenta anos, o *Seu* Raimundo, era espírita e gostava de contar para os balconistas e os peões casos das almas do outro mundo que compareciam ao centro que frequentava. Recordei-me de um que me deixou impressionado, quando ele falou do motorista que morreu num desastre e que deu o nome e o endereço certinhos. Lembrei-me de que alguém disse que o médium (naquele momento estranhei muito a palavra) tinha lido a notícia no jornal. Aí o *Seu* Raimundo insistiu que o acidente tinha sido na Bahia e que nenhum jornal havia publicado nada a respeito.

Foi pensar no diabo, eis que mostrou o rabo:

— Patrão, posso interromper?

— Vai entrando, Raimundo. Bom-dia!

— Bom-dia!

O homem era respeitoso e calado. Se eu não perguntasse nada, ele ia ficar ali até que eu me levantasse ou alguém viesse chamá-lo. Por isso, achei conveniente dar trela:

— O que o traz aqui?

— Vontade de puxar uma conversinha, sim, senhor.

A forma de falar conservava certos resquícios dos tempos da escravidão.

— Tem algum problema no depósito ou na loja?

— Tudo em paz, conforme a proteção de Jesus.

— É verdade que você aprende a falar assim no terreiro?

— Eu não vou na Macumba, não, senhor. Eu vou no Centro Espírita *“Coração Amoroso de Jesus”*, lá onde eu vi o Doutor Raul.

Aí eu percebi o motivo da visita.

— Ele falou lá em casa que gostou muito do palestrante, o *Seu*...

— O nome do irmão é Rodolfo. Ele fala que é uma maravilha. Dá gosto de ouvir, sim, senhor. Por que o senhor também não vai fazer uma visitinha? Terça-feira tem sessão pública. Tem palestra e passes. A gente sai de lá completamente descarregado.

— Quer dizer que você chega lá com algum encosto, homem?!

— Deus me livre e guarde! Mas também, se eu carregar algum espírito maligno pra lá, ele vai receber umas lições que não irá esquecer nunca mais.

— Mas eu sou católico, apostólico e romano. Eu vou à missa e me confesso. E sou amigo do Padre Aristides.

— Quer saber de um segredo? Pois, um dia, baixou um espírito que disse que o Padre acredita nessas coisas, porque, se não acreditasse, não precisava ficar falando tanto

mal do Espiritismo nem mandando rezar tantas preces pras almas do purgatório. Se o purgatório é aqui mesmo, então, ele está fazendo o bem pra muito encarnado sofredor.

Não sei por que mas aquele *papo* meio sem pé nem cabeça me fez interessado nas teorias do relacionamento entre o mundo material e o mundo espiritual. Quando Raimundo saiu, estava decidido a ir saber o que se passava naquele lugar.

4. A PALESTRA

Bem que Raul desejava apresentar-nos Rodolfo, antes da sessão, mas foi impossível chegar perto dele, tantas as pessoas que o rodeavam. Também, se a gente não se adiantasse, acabava ficando em pé. Por isso, julgamos melhor deixar para depois da reunião as apresentações.

O que me passou pela cabeça ao adentrar o recinto da conferência foi um cruzar de ideias e sentimentos, como se todas as recordações da vida confluíssem para um rumoroso caudal, engrossado pelo despertar das sensações que se cotejavam entre o novo ambiente religioso e o antigo do esplendor das imagens e aparatos.

Sei que a minha descrição tende para o subjetivo, porque o que estava examinando, naquele vetusto quadrilátero, eram paredes pintadas de fresco, com tinta de má qualidade e janelas ordinárias, segundo o meu parecer técnico de conhecedor de material de construção. Por isso, não estou gostando nadinha de ficar pondo reparo na pobreza do ambiente, quando fui enormemente impressionado pelas palavras que ali ouvi.

Ao assumir o posto de conferencista, atrás de uma mesa longa que pegava de um lado a outro do pequeno palco, sem cortinados, Rodolfo não estava sozinho. Veio com mais duas pessoas, um senhor idoso, de cabeleira branca bem tratada, mas humildemente trajado, e uma senhora, com um vestido cheio de ramagens discretas, em tonalidades verdes foscas, sobre marrom escuro.

Como não houvesse microfone, achei que a função de diminuir a luz e a prece que o mais velho disse, um padre-nosso, que ele enunciou como pai-nosso, fossem o método de obrigar a plateia a prestar atenção. Nesse momento, puseram um som distante, de suave música clássica, que reconheci mas que seria incapaz de nomear. Em todo caso, assim que se encerrou essa parte, tiraram o som, acenderam as luzes e a senhora falou um pouco a respeito do expediente do Centro Espírita:

— Os irmãos aqui presentes que se acostumaram com as nossas sessões públicas sabem que amanhã, quarta-feira, à noite, estaremos recebendo os inscritos nos cursos de mediunidade. Por isso, se houver alguém que deseje começar a frequentar as aulas, deve apresentar-se meia hora antes, para uma entrevista rápida, senão a gente não vai saber onde deve levar a pessoa, conforme os conhecimentos que possua. Quinta-feira, as reuniões são fechadas para o público, porque fazemos, nesse dia, as sessões de desobsessão. Quando não damos acesso ao público em geral, é porque não queremos ninguém apenas curioso com o que esteja sucedendo durante a doutrinação dos irmãos sofredores que nos visitam, trazidos pelos protetores familiares ou pelos guias do nosso centro. Na sexta-feira...

Eu poderia, com o conhecimento de hoje, dizer quais foram as diretrizes e programas que a companheira relatou. Contudo, naquele dia, a minha atenção se perdeu, quando comecei a imaginar o que poderia ocorrer nas chamadas *sessões de desobsessão*, conforme me chamou a atenção a expressão, na época, estranha aos meus ouvidos:

“Será que as almas do outro mundo vêm pra se comunicar, trazendo notícias de sua vida, pedindo pros parentes que mandem rezar missas em sua intenção? Ora, vê lá se isso é possível! A gente não está na igreja. Se isso acontecesse, pra que serve o Espiritismo? Estará a serviço das outras religiões? Será que os espíritos continuam crendo nos sistemas que ouviam dos padres e pastores? Então, os espíritas devem levar muita vantagem sobre as demais pessoas, porque ficam sabendo de antemão como é o outro lado da vida. Como será que as almas se comunicam com os vivos? Será que escrevem espontaneamente? Será que falam por meio dos médiuns? Pra que serve a doutrinação que aquela senhora mencionou?”

É bem verdade que pus um roteiro nos pensamentos daquela hora, porque a minha cabeça estava meio confusa. Era como se estivesse um pouco tonto. Entretanto, despertei para o momento, quando Rodolfo começou a palestra.

Do mesmo jeito que não assimilei tudo o que tinha ouvido antes, também as palavras do expositor ficaram turvas e se agitaram como águas tangidas pelos ventos. Em todo caso, algumas frases conseguiram enganchar-se no meu cabedal de conhecimentos, de sorte que as amarrei fortemente aos conceitos religiosos que trazia comigo.

Eis algumas.

— Os amigos que estão pela primeira vez neste recinto devem estar estranhando que o tema de hoje seja tão peculiar ao Espiritismo. Não seria melhor que o orador falasse de modo geral, explicando o que é esta ciência ou filosofia? Será que é religião? Será que é...

Sei agora que ele falou a respeito de uma doutrina milenar. Naquele dia, fiquei sem saber o que pensar, porque o que aprendera na faculdade estava muito distante daquela realidade. Lembrava-me das aulas e da facilidade com que os professores falavam da organização das empresas, do relacionamento das pessoas no trabalho, das leis e decretos, do sistema de catalogação das mercadorias, da história do comércio etc. Dispersivo, imaginei-me fora dali, comendo, num restaurante, uma *pizza* ou um *galletto al primo canto*, bebendo uns goles de bom vinho. Assim, fui levado a considerar aquela zonzeira como produto da fome.

Nessa altura das reflexões, Ana, ao meu lado, sussurrou:

— Na próxima vez, acho que vai ser bom que a gente coma antes de vir, pelo menos um lanche, pra que a sua barriga pare de roncar.

Eu pensei que os rugidos internos não estivessem assim tão altos e me envergonhei. Mas isso resultou em volver a atenção ao palestrante, depois de me acomodar direito no duro assento.

Rodolfo dizia:

— A mediunidade não é um dom especial. Todas as pessoas têm, um pouco mais, um pouco menos, a faculdade de entrar em contato com o plano da espiritualidade. Como em tudo na vida, como se aprende a desenhar, a tocar piano, a falar uma língua

estrangeira, a bordar e até a cozinhar, também para trabalhar junto a uma mesa mediúnica é preciso bastante treinamento e também muito estudo.

Para mim, a ideia do estudo era novidade. Eu conhecia, de ouvir falar, o médium Chico Xavier e já vira muitos livros com o nome dele. Uma vez conversei com Raimundo a respeito do médium e ele me disse que não sabia quantas obras dele tinham sido publicadas. Estimava em mais de sessenta. Com certeza, mais de dez tinham sido, que foram as que ele havia lido. Para dizer a verdade, ele me trouxe um livro que escondi na gaveta do escritório e que, depois de uns dois meses, devolvi, dizendo que tinha lido mas que não tinha gostado. Era mentira mas foi o meio que encontrei de não entusiasmar o empregado, senão ele não ia parar mais de me trazer semelhante literatura.

Nesse momento de minhas meditações, Rodolfo chamou minha atenção, porque ergueu um livro para que todos vissem.

— Este daqui é **O Livro dos Médiuns**, de Allan Kardec. Tem mais de quatrocentas páginas de explicações muito importantes para quem quer obter conhecimento prático de como exercer a função mediúnica. É neste livro que se baseiam as aulas que são dadas no centro, nas quartas-feiras. Quem tiver oportunidade de ler, vai achar fascinante a maneira como o codificador da doutrina descreveu todos os fenômenos que ocorrem entre os dois planos, o terreno e o espiritual.

Antes que eu tivesse ensejo de reclamar intimamente do preço, porque desconfiava que esse era um dos métodos de arrecadação de fundos da instituição, o orador esclareceu:

— O preço que nós cobramos pelos livros de Kardec, para quem deseja adquirir as obras principais do Espiritismo, é meramente simbólico. Nem as casas espíritas, nem os livreiros especializados, nem as editoras visam a lucrar com estas obras. Assim, o valor material dos volumes se perde em insignificantes moedas, mediante a qualidade de vida que proporcionam os ensinamentos que neles se contêm. E, se alguém desejar ler sem pagar, podemos emprestar gratuitamente, porque a nossa biblioteca circulante tem volumes em quantidade razoável. A inscrição é grátis e a devolução é obrigatória. Aliás, o nosso irmão Raspace [*o senhor que fez a prece*], daqui a pouco, vai solicitar que alguns irmãos não se esqueçam de informar a respeito de empréstimos antigos.

O objetivo era o de fazer o povo rir mas eu interpretei como de muito mau gosto a tirada do simpático orador, porque não acreditava que, num meio em que se falava tanto de honestidade e do cumprimento de dever, para que as pessoas não caíssem no Umbral, houvesse quem desleixasse as obrigações. De resto, quando se encerrou a palestra, o convidado a falar a respeito das dívidas limitou-se a dizer que havia uma relação de faltosos no quadro de avisos.

Raul aproveitou esse momento para nos perguntar:

— Vocês gostaram?

Ana olhou para mim; eu olhei para ela; e ficamos sem saber o que gaguejar, porque não havíamos trocado nenhuma impressão. Raul sabia que nós éramos muito positivos nas afirmações que fazíamos e não insistiu, contentando-se com o meu gesto indicativo para que ele aguardasse a resposta para depois.

Nesse momento, feita a prece de encerramento nos mesmos conformes da anterior, o povo se levantou e foi formando fila em toda a extensão dos corredores, fila que se iniciava numa porta lateral que permanecia fechada. Odete explicou:

— Agora vamos ter a sessão de passes. Se vocês não estiverem *a fim*, podem esperar a gente lá fora.

Mas Ana foi categórica:

— Nós viemos pra conhecer. Vamos continuar seguindo vocês.

Demorou mais de meia hora para chegarmos à saleta. Não sei se por influência do ambiente calado em que estávamos mergulhados, não nos atrevemos a trocar ideias, nem sussurrando. De minha parte, limitei-me a recordar alguns trechos da palestra, para dar textura aos pensamentos, mas bem pouca coisa fui capaz de trazer ao consciente. Estava com a mente turbada, como se tivesse bebido algum aperitivo que me deixasse com a imaginação nas nuvens.

Ao entrar na saleta dos passes, clareada tenuemente com uma luzinha azul, deparei-me com quatro fileiras de cadeiras; diante de cada uma, havia uma pessoa. Entramos e logo me vi sentado, com as mãos nos joelhos, voltadas para cima, olhos fechados, a recitar um pai-nosso e uma ave-maria, que para mais não tive tempo.

Mas pude observar que o moço que estava à minha frente gesticulava lentamente, como a me retirar camadas externas de algum produto invisível. Tentei me recordar de alguma cerimônia católica parecida mas a única que me veio à mente, apesar de nunca ter presenciado, foi a do exorcismo, só que não havia água benta a ser borrifada pelo aspersório. Quando o passista chegava com os braços perto do solo, imprimia um movimento mais brusco, como a se livrar de algo pegajoso nas pontas dos dedos. Percebi também que ele falava umas palavras bem baixinho, mas não pude entender nada. Concluí que estava rezando.

O meu benzedor (palavra sacrílega hoje mas que empreguei na ocasião) foi dos primeiros a suspender a tarefa, contudo, enquanto todos não deram mostras de haver terminado, ninguém foi dispensado.

Saímos por outra porta e, no corredor de acesso ao portão para a rua, recebemos uns copinhos descartáveis com água. Bem baixinho, Raul me explicou:

— Água fluidificada.

Eu ia dizer que era água benta mas não tive ensejo. Reservei a observação para depois.

Já na rua, estendi as pernas, endireitei as costas e me espreguicei, como a retomar as energias que repousaram durante a forçada contenção física. Foi quando percebi que não estava mais tonto, nem um pouquinho sequer, sendo fácil o raciocínio e a rememoração dos fatos. Tudo ocorreu como se o ar da noite, fresco e revitalizante, me tivesse despertado do estado de torpor, do magnetismo, do esquecimento de mim mesmo. Reassumi o controle das ações da vontade e as ideias se firmaram no sentido que pretendia dar-lhes.

Estávamos os cinco reunidos, quando se aproximou o orador da noite. Correram as apresentações e a pergunta que me parecia infalível não aconteceu. Ao contrário, ao invés de perguntar se nós havíamos gostado da palestra, Rodolfo quis saber se nos interessávamos pelo curso de mediunidade.

Foi Raul quem abriu o jogo, de maneira bem franca:

— Será que você percebeu algum talento escondido em algum de nós?

Rodolfo esclareceu:

— Não tenho certeza mas todos vocês me parecem bem dotados de fluidos e energias. São saudáveis. Não precisam do socorro espiritual. Aproximaram-se do centro por iniciativa teórica, sem mórbidas curiosidades. Pelo menos, foi como o amigo Raul me contou.

Achei que deveria participar com alguma expressão favorável; afinal de contas, estava ele procurando comprar um imóvel:

— Realmente, um pouco de interesse tivemos despertado pelo meu irmão. Mas também achamos que era bem a hora de saber se os nossos parentes têm condições de vir conversar com a gente, porque tanto eu quanto Ana não temos pais, como deve ter informado o Raul. Sendo assim, a bem da verdade, talvez fosse oportuno pôr o nosso nome na relação dos novatos, assumindo desde logo o compromisso de comparecer às quartas-feiras, porém, se formos dispensados das terças, porque ficaria muito puxado pras nossas crianças.

Depois de dizer tudo isso, murchei. De repente, falara uma porção de coisas sem ter consultado a minha mulher. A conversa, então, girou em torno dos meninos e dos filhos de Raul, derivou para os rebentos de Maria, descaiu, quando precisamos dizer que Luís não tinha vindo por motivos desconhecidos, e se encerrou com a recomendação de que viéssemos preparados para duas longas horas de concentração e meditação.

5. TRATANDO DO ASSUNTO

Tínhamos ido num carro só, de sorte que, a caminho do restaurante, já íamos discutindo alguns aspectos da reunião.

Eu permanecia taciturno, caladão, com medo da reação da Aninha. Procurei pela mão dela e achei-a calorosa, apertando-me com força, como a me dar coragem. Era a resposta da tranquilidade e da compreensão. Era o apoio que nunca me negou em nosso relacionamento afetivo. Era a configuração da companheira da vida, para todos os efeitos, para todas as ocasiões, na alegria e na dor, como nos dissera o sacerdote, ao nos unir em matrimônio pelo sagrado sacramento eclesiástico.

Essa derivação das ideias para os fatos da religião dava-se naturalmente. Eu não buscava encontrar as raízes católicas como também não me recusava a encarar as intuições. Vinham à minha mente e saíam, como quem entra e sai da sala ou da cozinha, tendo o que fazer em outro cômodo da casa.

Mas Raul exigia que me dedicasse a certo rumo da conversa, porque desejava saber coisas de nós:

— Diga-me, você, Cláudio, que foi que você achou mais positivo e mais negativo em tudo o que lhe foi dado ver.

— O de mais positivo é o silêncio que se faz no auditório. Não sei se é porque não há hinos nem diálogos entre o oficiante e o povo, a gente vai se entrosando com os

pensamentos que vão nascendo; e aí está o que achei de mais negativo, quer dizer, o fato de eu me dispersar a cada momento indica que o orador não atraiu muito a minha atenção.

Ana, vendo que eu estava indo por um caminho de difícil retorno, interferiu:

— Eu acho que à noite, depois de um dia inteiro trabalhando, as pessoas não têm muita disposição pra esses assuntos abstratos. Se fosse passado um filminho, ou se fossem projetadas umas fotografias, talvez a gente ficasse mais atenta.

Maria pegou o bicho pelo rabo:

— Será que não existem fotografias de médiuns trabalhando? Seria muito interessante se passassem umas cenas das mesas girantes ou das cadeirinhas escreventes, conforme ele descreveu.

Fiquei pasmo, porque não me ocorria a lembrança de ter ouvido nada daquilo. Então me fechei em copas.

Mas Odete, que estava mais por dentro do assunto, foi logo explicando:

— Essas coisas aconteceram no século dezenove, na época de Kardec, quando, em todo canto, as pessoas se reuniam pra se divertirem com a dança das mesas e de outros objetos pesados. Mas a curiosidade morria ali. Se não fosse Kardec ver que havia movimentos inteligentes...

Raul correu para auxiliar:

— O princípio que ele tirou disso foi que somente causas inteligentes é que podem originar efeitos inteligentes.

Odete completou:

— Pois eu já vi na televisão vários efeitos físicos...

Ana perguntou:

— Eu vi o Doutor Fritz operando. Isso pode ser considerado um efeito físico?

Raul queria se manter à testa das explicações:

— Os médiuns curadores, conforme explicou Kardec...

Quem interrompeu então fui eu:

— Espera, aí, querido! Será que ouvi direito? Vocês já leram aqueles livros ou já estão indo, às quartas-feiras, pros cursos?

Ana completou:

— Se Odete estiver fazendo isso, está em falta com a gente, porque escondeu algo da família.

Odete, porém, não se apertou:

— Nós íamos contar tudo, mas resolvemos que seria muito mais importante que vocês vissem com os próprios olhos.

Nessa altura, chegamos ao restaurante e a conversa se dispersou.

Já em torno da mesa, continuamos a falar de Espiritismo mas o nosso interesse se punha sobre o que se dava nas aulas de mediunidade.

Quando chegou a comida, os ânimos estavam bastante alegres e falávamos como se tudo estivesse acertado para o dia seguinte.

Eu havia pedido o famoso *galletto*, metades de frango grelhadas em peças inteiras. Mas Raul e Odete preferiram pedir *pizza* de mozzarella. Aí me veio a desconfiança de que eles estavam querendo tornar-se vegetarianos:

— Que é isso, mano, está deixando de comer carne?

A resposta dele foi surpreendente:

— Kardec perguntou a respeito aos espíritos e eles disseram que a carne nutre a carne. Então, não tem nada a ver com a doutrina espírita o fato de a gente estar evitando o consumo das viandas (para quem não sabe, *vianda*, apesar de significar qualquer tipo de alimento, tem acepção especializada como carne alimentar, ou carne de animal terrestre).

Percebi que o tema poderia ferir os seus melindres e me calei, mas compreendi que ele havia meditado muito a respeito e tinha-se preparado, inclusive por ser advogado, com os argumentos da doutrina e do dicionário.

— Você acha, insisti, que os espíritas acreditam que os animais também têm alma e que são dotados de vida pra seu aperfeiçoamento espiritual?

Parecia que Raul desejava algo nesse sentido, porque lhe dava oportunidade de falar a respeito de assunto muito fresco em seu recente acervo de conhecimentos. Respondeu-me sem pestanejar:

— Todo ser existente, qualquer que seja o reino da natureza, foi criado por Deus. Assim, os minerais, os vegetais e os animais têm, no âmago de sua formação, no interior de sua natureza, no princípio de sua criação, aquela centelha divina que tirou tudo do nada, porque nós não podemos acreditar que antes de Deus pudesse existir qualquer coisa.

Foi Maria quem, voltando de telefonar com as outras duas, pôs fim à filosofia:

— O Luís está chegando. Disse pra pedir pra ele um bom bife de vitela, com fritas e salada de agrião.

Não pudemos conter o riso. Então, manifestei-me alegremente:

— Vamos deixar que o marido de Dona Maria refute as palavras do doutor advogado e jurisconsulto. Enquanto isso, posso recomendar-lhes o franguinho, porque está uma delícia.

Só aí notei que Ana, que se sentara entre as cunhadas, havia aderido à *pizza*.

— Até você, querida?

— O quê?

— Não está querendo comer carne?

— Como assim?

— Você não está prestando atenção à conversa?

— Claro que estou! Odete acaba de me dizer que...

— Eu estou falando a respeito das almas dos animais.

— Quem é que está querendo comer as almas dos animais?

Não poderia ter dado resposta mais contundente. Raul, que estava ao meu lado, pôs-se a rir, quase afogando-se. Precisei dar-lhe uns tapas nas costas. Enquanto esta cena se passava, as mulheres tricotavam não sei que conversa entre elas.

— Garçon, por favor! — chamei o rapaz que passava entre as mesas próximas.

Encomendei o prato do Luís e pedi mais uma garrafa de vinho.

— Para mim, outra garrafa de mineral, sem gás, por favor — solicitou Raul.

— Desta vez, você não me pega — disse-lhe. — Bem que eu vi você tomando da outra garrafa de vinho.

— Se você observou bem, viu que eu misturei com água.

— E que o Espiritismo tem contra as bebidas alcoólicas?

— São as bebidas que têm contra os espiritistas. Aliás, contra todo o gênero humano.

— Mas Jesus bebia vinho; você não há de negar...

— Consta que Kardec não desprezava. Contudo, não há relato algum de que nem um nem outro se tenha embriagado. O mal está nos excessos — concluiu, batendo-me amigavelmente nas costas.

— Eu acho que até pra rir precisa que a pessoa não exagere.

— É bem verdade, querido maninho. Mas, se você pensa que vou achar que qualquer provocação sua irá me afetar, esqueça. Vocês me deram uma alegria muito grande, quando compareceram ao centro espírita. Maior ainda quando confirmaram que estão dispostos a voltar.

— Você tem alguma recomendação técnica especial pra quem vai começar?

— A primeira coisa de que me lembro é que devem manter segredo. Se as carolas ficarem sabendo, vão correndo avisar o Aristides. Aí, vocês vão receber uma visita desagradável. Pior ainda se ele gesticular no púlpito, como a fustigar as pobres almas que estão caindo nas chamas infernais.

— Antes que o Luisinho chegue, você tem alguma explicação pro fato de ele ter roído a corda?

— Qualquer coisa que eu diga será mera imaginação. Como você sabe, eu gosto de raciocinar sobre fatos e não hipóteses. O fato é que ele não veio e não se dignou dizer a razão. Maria não falou nada. Vamos esperar que ele mesmo revele o que aconteceu.

O diabo tem o maldito hábito de mostrar o rabo quando dele se fala. Foi nesse momento que Luís chegou, carregando consigo duas vistosas moças. O ambiente, momentaneamente, ficou gelado. Os três chegaram muito alegres, rindo à toa, como se estivessem tocados por estranha felicidade.

Luís aproximou-se da esposa, beijou-a na face e fez as apresentações:

— Meus irmãos, Raul e Cláudio; suas esposas, Odete e Ana. Esta é Maria, minha mulher. Estas moças simpáticas são as mais novas aquisições da firma, duas arquitetas que pretendem montar estúdios próprios e que irão estagiar com a gente.

Foi um tal de apertar as mãos com o prazer dos lábios, sem nenhum afeto nos corações. Terminávamos os cumprimentos, quando se aproximaram dois valentes rapagões, jovens de vinte e poucos, ostentando ternos bem talhados e gravatas na última moda.

De novo Luís fez as apresentações, designando os moços como os maridos das jovens, os quais tinham ficado para trás para as manobras de estacionamento.

— Vocês vão-me desculpar, mas eles decidiram vir comigo na última hora, de modo que agora vamos ter de fazer novos pedidos.

Foi assim que puseram fim à nossa tertúlia religiosa.

6. O DIA SEGUINTE

Como sempre, acordei bem cedo, mas com o sono atrasado, porque a noitada havia sido muito longa. É verdade que Ana quis conversar comigo quando chegamos, mas não

aguentei o tranco e fui logo para a cama. Passava da meia-noite e o vinho estava me deixando com as sensações embotadas.

De manhã, Ana ficou dormindo e eu saí sem ruído, para não acordar os meninos.

No trânsito, que caminhava devagar, fui rememorando a noite, pondo em especial relevo o fato de haver prometido frequentar as aulas sobre mediunidade. Arrependia-me já, porque não via nenhum proveito naquilo.

“Como foi que me empolguei com algo que nunca me passou pela cabeça? Acho que foi a tontura que me aborreceu durante toda a palestra. Mas, depois que saí, estava com tudo no lugar... No entanto, Ana não reclamou da minha decisão. Até parece que falei o que ela queria que eu falasse. Será que nos comunicamos por telepatia?”

Nessa altura, passava pelo *outdoor* da moça do sorvete mas, decepção, estava lá um caubói, com um maço de cigarros na mão, a acenar com o vício para os passantes. Em lugar de censurar a desconsideração pela saúde do povo e a ganância dos ricos empresários do fumo, me ative a aborrecer-me com a falta que me fez o quadro anterior.

“Sim, senhor, Seu Cláudio! Muito bonito! Passava por aqui e botava a boca no mundo contra a pouca vergonha da mulher pelada. Hipócrita! Você nunca deixou de dar uma boa olhada na garota e em seus dotes pronunciados. Vai ter de contar tudo ao padre.”

O derradeiro pensamento deixou-me perplexo e foi ainda assim que cheguei ao depósito, para enfrentar o meu dia de trabalho. Foi quando acordei de vez para a realidade, considerando que a filosofia tem garras e que a religiosidade apresenta presas sempre prontas para despedaçar os incautos.

Mas os temas do Espiritismo iriam ocupar-me por mais algum tempo, porque, nem bem me acomodei no escritório, surgiu o Raimundo, muito sorridente:

— Com licença, patrãozinho?!...

— Bom-dia, Raimundo! Vá entrando!

— Bom-dia!

— Que o traz tão cedo?

— Ora, o senhor não me viu no centro, ontem?

— Juro que não. Onde é que você se escondeu?

— Claro que o senhor não ia me ver. Eu estava na sala de passes. O senhor se sentou na fileira da frente e eu estava logo atrás. Na escuridão, o negro não sobressai, não é mesmo?

— Desculpe, se fiquei sem notá-lo.

— Quando eu saí, conversei com o irmão Rodolfo, que me contou que hoje o senhor e a Dona Ana vão voltar.

— Não sei se vou conseguir. Afinal de contas, ontem não me senti muito bem. Aliás, eu queria saber de você se é natural que as pessoas sintam um certo mal-estar, uma tontura, enquanto estão ouvindo o orador.

— Eu não sei, não, mas acho que é possível que o senhor tenha dado passividade, sem saber, e que algum espírito tenha aproveitado pra desviar sua atenção.

— Será? Então, é melhor eu não ir mais lá.

— Ao contrário. Se for isso, é que o senhor tem de desenvolver sua mediunidade. Acho que a escolha da quarta-feira foi uma luz que o seu protetor acendeu pra sua vontade de conhecer.

— Diga outra coisa: até pouco tempo, eu nem sabia que existia essa seita ou religião. Agora, de uma hora pra outra, tudo está acontecendo. Você acha que existe uma hora certa pra gente se preocupar com esses fatos da vida após a morte?

— Eu acho que o senhor deve guardar as suas perguntas pra hoje à noite. Se eu digo isto ou aquilo, posso estar errado. É melhor perguntar a quem sabe.

— Mas você não disse que trabalha na saleta dos passes?

— É verdade. Eu pertencço à ala dos passistas do “*Coração Amoroso de Jesus*”, como a gente costuma brincar. Sendo assim, eu não posso me bandear pra nenhum carro alegórico, como destaque, nem vou desfilar na comissão de frente.

— Entendi. Você fica entre os silenciosos. Se fosse pra fazer barulho, estava tocando na bateria ou puxando o samba-enredo.

A alegria tomou conta de nossos corações e eu poderia ter-me dedicado ao trabalho, sem nenhuma preocupação com a hora do estudo, se não fosse o Raul aparecer, antes das oito, para me entregar um volume de **O Livro dos Médiuns**, com a recomendação:

— Não é para você ler. Se quiser dar umas folheadas, dê, mas é só para ir inteirando-se dos temas, segundo o índice. Agora, preciso sair correndo, que, sem mim, a imobiliária não anda.

Não era verdade. Os vendedores que ele havia selecionado eram excelentes. Imaginei que não quisesse voltar aos assuntos da noite, para não me cansar.

Assim que Raul saiu, dei uma olhada rápida no livro e deixei-o guardado junto à capanga dos documentos. Mas o que Raimundo tinha falado estava fermentando no cérebro.

“Será que os espíritos têm tanta força assim? Se a gente não quer que eles se aproximem, eles tomam lugar à revelia? Aristides é que previne os fiéis contra os demônios. Do jeito que Raimundo falou, é exatamente a mesma coisa. Bem analisando, não percebi nenhuma influência negativa na minha vontade de escutar. Estava interessado noutras coisas; isso, sim. O tal de Rodolfo, que Raul elogiou tanto, não foi tão enérgico em chamar a atenção do público. Acho que Ana teve razão em dizer que eu estava com fome e cansado. Contudo, a verdade é que perdi boa parte do discurso, do monótono e pausado falatório, lengalenga que só pode despertar quem esteja inteirado dos assuntos. Bem que ouvi alguém naquela fila dizer que as pessoas vão ao centro pra sessão de passes, aproveitando pra repousar um pouco, enquanto alguém fica expondo o assunto da noite. Também, eu não posso julgar os outros por mim mesmo. Se não prestei atenção no que disse o expositor, como é que ia ver o que estava ocorrendo na mente de tantas pessoas presentes?”

Cansado fiquei naquela hora, que as ideias não progrediam e eu não conseguia definir um foco valioso para concluir algo de positivo. Sendo assim, resumi com uma frase de efeito e fui ver o que acontecia no interior do depósito, fugindo de ficar pensando inutilmente sobre coisas que desconhecia:

“O futuro a Deus pertence!”

Contrariando o costume, liguei para casa e avisei que ia almoçar. Normalmente, comia num restaurante macrobiótico, com a intenção de impedir o crescimento do peso na balança do desconforto físico. Ainda jogava bola com certo desembaraço, mas precisava cuidar da dieta, porque, dois anos antes, engordara mais de cinco quilos. Como foi muito difícil perdê-los, julguei que a melhor política era manter-me em forma, indo três vezes por

semana à academia, justamente no horário do almoço. Matava dois coelhos com uma paulada, porque também não me empanturrava. Dentre todas as decisões que tomei depois de completar vinte e cinco anos, essa foi das mais sábias. Ainda hoje me congratulo comigo mesmo e me orgulho de haver dado a receita aos meus irmãos, mais uma razão para convivermos, porque...

la por aí nas reflexões que enfeixei acima de forma compreensível, quando me ocorreu que o meu galetto tinha sido bem mais saudável que a *pizza* dos outros. Até o filé do Luís tinha sido uma ótima escolha. Aí derivei os pensamentos para os físicos das mulheres e, com desagrado, percebi que Ana era a mais rechonchuda das três. Ao comparar com as duas arquitetas, então, ela perdia de dez a zero.

Liguei de novo para casa e recomendei o cardápio:

— Querida, pra mim, prepare só uma salada de folhas verdes e um suco de cenoura. Deixe que o tempero eu faço na hora, com limão e algumas gotas de azeite.

— Se for pra comer só isso, o restaurante da esquina também prepara. Que é que você está planejando? Será que tem a ver com o centro de hoje à noite?

— Matou a charada. Temos de conversar um pouco a respeito.

Desligamos e, de novo, achei que estava sendo precipitado. Não sabia o que iria dizer a ela, mas precisava olhá-la no fundo dos olhos, para saber se estava verdadeiramente a fim de ir.

Antes do almoço, ainda tive a coragem de ligar para o Luís:

— Você está sabendo que nós decidimos ir ao centro esta noite? É claro que Maria deve ter falado a respeito.

— Ela falou hoje cedo. Estou pensando seriamente em ir. Como é que vou derrubar o adversário, se não agarrar *e/le* pela gola?

— Ótimo, era desse tipo de reação que eu estava precisando. O Raul é todo elogios. A Ana só pensa em tirar proveito das teorias. Odete é a marreta a cair sobre o pobre preguinho...

— Que é você, claro!

— Mas acontece que a madeira é dura e seca e eu posso fender a cabeça e entortar-me todo.

— Pendores de poeta.

— Que nada: preocupações de quem está com medo de perder a liberdade da igreja. Lá, o padre oficia, prega o evangelho, escuta as confissões, batiza, casa, dá a extrema-unção e a gente fica rezando um pouco menos, um pouco mais, dependendo das penitências. Agora, no centro, quando a gente nem se dispôs a dizer que aceita, que acredita, que vai seguir em frente, sem que tenha rezado ainda o *Credo na Santa Madre Doutrina Espírita*, lá vem um grosso volume de mais de quatrocentas páginas pra estudar.

— Eu quero, Claudinho, que você não se esqueça de que eu nem abri a boca.

— Sabe o que estava escrito num quadro de avisos, junto à porta de entrada do salão? Estava escrito, com letras bem grandes: *Estudar Kardec para viver Jesus*. Sabe que mais? Ouvi dizer que a gente tem de estudar os **Evangelhos** em casa, o que eles chamam de *Evangelho no Lar*, com toda a família, pelo menos uma vez por semana. Isto está ficando muito comprido.

Não sei se por causa de que os meus receios tendiam a se alastrar, a verdade é que Luís deu uma desculpa, disse que ia direto com Maria e desligou.

Eu fiquei a imaginar de onde tinham surgido tantas ideias contrárias à simples deliberação de ir uma noite a mais ao centro, sem compromisso e sem sentimento de culpa.

Em casa, Ana ouviu tudo, porque repeti tintim por tintim, agora ainda mais empenhado, com os raciocínios mais bem fundamentados e com os sentimentos mais à flor da pele.

— Você tem de tomar cuidado pra não exagerar — ponderou ela. — Se a gente achar que não é o que estamos querendo, voltamos depressa pros braços abertos de Jesus, que, no Catolicismo, as imagens nos dão a impressão de que estamos sendo agasalhados pelos santos e pelo Pai.

Para não dar demonstração de fraqueza, passei a contar as conversas com Raimundo, com Raul e com Luís e deixei o livro que tinha ganho com ela. Ana, todavia, não se estendeu em considerações outras, limitando-se a ouvir-me.

O turno da tarde foi mais rápido, porque tive de contornar alguns problemas com os fornecedores.

Às sete e meia, Ana e eu estávamos sendo recebidos por Rodolfo, que fez questão de nos encaminhar para a entrevista da triagem.

7. O ESPIRITISMO LEVADO A SÉRIO

O entrevistador era o Raspace, o senhor de cabelos brancos, muitíssimo mais simpático quando em contato direto com as pessoas. No palco, havia tremido um pouco. Agora estava desenvolto e palrador:

— Quer dizer que temos duas novas adesões? Raul me afirmou que seriam dois casais...

O próprio Raul esclareceu:

— Estamos esperando a chegada de meu outro irmão com a esposa.

Eu acrescentei:

— O Luís me afirmou que viria. Algo deve ter acontecido.

Raspace, estendendo a mão, apresentou-se como presidente da casa e trabalhador em todas as áreas, porque não encontrava quem viesse com a frequência ideal. Chamou-nos para a saleta das inscrições, enquanto Raul e Odete se dirigiam para a sala de estudo.

Entramos, Ana e eu, e nos sentamos, à espera de que o entrevistador se manifestasse.

Depois de vasculhar uns impressos na gaveta da mesa, encontrou dois que nos apresentou, ao mesmo tempo que explicava:

— Nós temos quatro tipos diferentes de fichas. A primeira e mais comum é a dedicada aos assistidos, que é como chamamos as pessoas que necessitam de auxílio material, além, é claro, do espiritual. A segunda é pra quem chega com problemas específicos de caráter emocional, como gente que perdeu familiares recentemente; gente que diz que está tendo alucinações; gente que permite incorporações sem conhecimento

da ciência mediúnica etc. A terceira é essa que está com vocês, ou seja, pra pessoas alfabetizadas, que se apresentam ao centro trazidas por alguém já entrosado e que vêm com o intuito de frequentar os cursos, pra conhecer. A quarta se refere aos confrades e confreiras que chegam de mudança e que já pertenceram a outras instituições kardecistas, pretendendo, portanto, continuar trabalhando pelo movimento espírita. Se vocês tiverem alguma dificuldade no preenchimento, podem perguntar o que quiserem.

Disse e retirou-se, dando-nos tempo para o formulário. As perguntas eram comuns: nome, idade, naturalidade, profissão, residência, disponibilidade de horários, antiga religião e quais as obras espíritas que conhecíamos. Quando terminei de escrever o último dado, ou seja, que nunca havia lido nada, percebi que Ana relacionava quatro ou cinco obras, o que era para mim completa novidade.

Perguntei, baixinho:

— Quando foi que você leu esses livros?

— Os três primeiros eu li tinha uns quinze ou dezesseis anos. Os dois últimos, terminei ainda hoje. Foi a Odete quem emprestou há bastante tempo, mas eu não dei atenção até a semana passada.

— Por que você não me mostrou?

— Quando chegarmos em casa, você vai ver que estão sobre a sua escrivaninha. Eu não quero falar sobre eles, sem que você leia primeiro.

Engoli todas as observações que teria, analisando-as como um pouco agressivas. Não sabia a razão mas o ambiente me refreava os impulsos nervosos e me tornava bem mais calmo do que o normal. Guardei as palavras para dizer assim que tivesse oportunidade. Mas não tive muito tempo para ruminar os pensamentos, porque Raspace voltou e leu com atenção todas as respostas. Aí, deu as primeiras diretrizes relativas ao procedimento dos novatos:

— Vocês estão chegando e são bem-vindos. Tomara que vençam a tentação de ficar em casa, fazendo o que estavam acostumados, provavelmente vendo televisão. Nós, no Espiritismo, fazemos restrições a certos programas, mas incentivamos que todos os companheiros vejam de tudo, porque sempre temos meios de analisar e de criticar, pra pôr os pingos nos is, conforme os ensinamentos de Jesus e os esclarecimentos de Kardec. Quando as pessoas chegam, a primeira ideia que fazem é de que irão ter de estudar, como faziam na escola, agora sem a pressão da retenção na série e com a responsabilidade de quem sabe o que quer da vida. Quando os estudos vão ficando cada vez mais sérios e os debates exigem a preparação dos temas em casa, cresce o desejo de desistir. Com a minha experiência, sei que muitos ficaram nas hostes dos seareiros espíritas apenas porque conseguiram fazer amizades com os demais participantes do centro. Por isso, aconselho que se enturmem, o que não vai ser difícil, porque a confreira Odete e o marido já estão entrosados. Se quiserem participar da diretoria, deverão aguardar, pelos estatutos, por dois anos, pelo menos, na qualidade de associados. Agora, devo falar a respeito da mensalidade, porque existe uma taxa facultativa a ser estipulada pelos próprios interessados. Entretanto, os primeiros seis meses são de estágio probatório, vamos dizer assim, de sorte que vocês vão ser observados em seus desempenhos, como também irão avaliar se é de seu pendor manterem-se na casa. Muitas vezes, as pessoas têm decepções, porque não conseguem justamente o que mais queriam, como aqueles que desejam

conversar com os espíritos e ficam marcando passo nas sessões experimentais. Isso é mais frequente do que gostaríamos. Então, aquele que está mais bem relacionado com essas pessoas aconselha que se ajeitem em outro setor, como o de ajudar nas feiras de livros e nos bazares da pechincha; como organizar os lanches beneficentes, chás, sorvetes, *pizzas*, almoços e jantares; como participar das campanhas filantrópicas, em favor das famílias carentes ou dos que precisam ser internados ou medicados com remédios especiais; como o de ajudar na secretaria, organizando as fichas e elaborando o relatório mensal e os balancetes semestrais e anuais; como realizar palestras ou cooperar nos cursos de interesse da instituição; como representar a casa nos eventos patrocinados pelos outros centros. Em suma, trabalho não falta; o que precisa é de boa vontade e disposição — e de muita fé em que fora da caridade não existe salvação, que é o lema maior do Espiritismo. Vocês vão começar o curso de mediunidade e eu lhes desejo boa sorte, rogando a Jesus que lhes envie mensageiros de luz, pra lhes darem bastante ânimo pra enfrentarem o duro batente. Felicidades!

As últimas palavras Raspace disse enquanto íamos na direção da sala de estudos, de modo que, em lá chegando, despachou-se, sem dar sequer oportunidade de agradecermos.

Eu olhei para Ana, ela olhou para mim e ambos compreendemos que regras não faltavam para o bom andamento dos serviços que o centro propiciava à comunidade.

Estava de pé junto à lousa o *confrade* Rodolfo, acompanhado da *confreira* Rosa Maria, aquela mesma do vestido das ramagens. (Juro que ainda hoje não me dou bem com esses vocábulos, especialmente o de *confreira*, que me parece ter saído diretamente do baú de algum convento católico.) Em torno da mesa, exatamente, dez pessoas.

Foi Rodolfo quem nos recebeu e apresentou ao grupo:

— Estes são Ana e Cláudio. Cláudio é irmão de Raul e foi convencido por ele a vir espiar o que acontece aqui. Ontem estiveram na palestra e já se propuseram a vir hoje. Quero que cada pessoa, como de hábito, diga o seu nome e, novidade, há quanto tempo se encontram estudando a doutrina. Vamos começar pelo Jurandir.

Jurandir era um crioulo bem apessoado, vestido à esportiva, bem falante, que logo foi dizendo, em voz clara e pausada:

— Jurandir dos Santos, ao seu dispor. Estou vendo se me torno médium há justos três meses. Devo dizer, para não assustar os recém-chegados, que já consigo escrever umas linhas, mercê da assistência dos bons protetores que trouxe da Umbanda.

Não notei, mas Ana me garantiu depois que Rodolfo e Rosa Maria confabularam, assim que a outra seita foi mencionada.

— Meu nome é Joana. Estou aqui faz um mês e meio, mais ou menos.

A mocinha não me pareceu ter mais do que quinze ou dezesseis anos. Era franzina, cheia de sardas e falava bastante cantado, com sotaque nordestino.

As outras pessoas também declinaram os seus nomes e aparecerão no decorrer da narrativa. Posso dizer que o mais antigo no grupo era o Jurandir e que havia dois casais cuja presença se dava pela segunda vez.

Terminada essa fase inicial, Rodolfo saiu, dizendo que ia prosseguir o curso da turma mais antiga, na outra sala, deixando Rosa Maria com o encargo de levar adiante os estudos.

8. INSTRUÇÕES GERAIS

— Vocês devem estar desejosos de saber como é que vamos encaixar os novos amigos. Mas é muito fácil. Vou perguntar aos dois o que esperam do curso e vocês todos poderão comentar, explicar, falar das próprias experiências, de seus anseios e desejos na vida espiritual, porque este estabelecimento tem finalidades declaradas nos estatutos. Quem quer ser o primeiro?

Apertei a mão de Ana sob a mesa, como a solicitar-lhe que fosse a primeira. Ela entendeu, fez menção de levantar-se, mas foi obstada pela instrutora:

— Não faça cerimônias. Estamos em família. Eu também vou sentar-me e assim ninguém vai ter destaque. Por favor...

— Eu e meu marido pensamos que o Espiritismo poderia nos ajudar a compreender melhor o plano espiritual. Conversamos e decidimos que, se fosse possível, poderíamos matar as saudades que temos de nossos pais. Eu sei que vamos precisar entender como é que se dá esse contato e, por isso, viemos frequentar estas aulas, ao invés de solicitar permissão pra assistir às sessões de incorporação.

Fiquei mais do que admirado; fiquei espantado mesmo com a desenvoltura de minha mulher no emprego dos vocábulos, mas não tive muito tempo para reflexões, instigado que fui para me pronunciar.

— O senhor também pensa assim? — perguntou-me Rosa Maria.

— Em primeiro lugar, eu quero ser chamado pelo meu nome...

— Desculpe, Cláudio!

— Não tem importância, mas eu acho que, pra nos darmos bem, como pediu o irmão Raspace, é bom que vamos aprendendo os nomes uns dos outros. Se der certo, vamos trabalhar muito tempo juntos. Respondendo à sua pergunta, devo dizer que penso exatamente do mesmo modo, mas não acredito muito em que vou ter a oportunidade de conversar com meus pais e eu digo o porquê: é que meu pai deve estar sofrendo muito, porque não foi um homem assim muito bom; quer dizer, bom até que ele era; ele não era...

Enrolei a língua. Queria dizer que meu pai era mandão e egoísta, mas os olhares de todos, principalmente de meu irmão, mais velho que eu oito anos, tendo convivido com nosso pai mais tempo, estava a me fazer pensar mais seriamente no que estava dizendo, porquanto nunca havíamos conversado a respeito. Eu falava com Ana mas evitava levar o assunto ao conhecimento de meus irmãos. Saí pela tangente:

— Melhor que eu pode falar o Raul...

Evidentemente, ele não desejava ver-se envolvido num drama que eu havia criado. Então, disse o seguinte, para amenizar o efeito de minhas palavras:

— Nosso pai, que Deus o tenha em sua glória, era muito enérgico e, por isso, exigia dos filhos e da mulher obediência cega, parecendo que nunca iria errar. Mas errava quando não nos dava oportunidade de exprimir os pensamentos, ao menos para corrigir-nos. Era isso que você queria dizer?

— Isso mesmo.

Rosa Maria, que seguia atenta o desenvolvimento do diálogo, perguntou de chofre:

— E sua mãe? Por que você acha que não virá falar conosco?

— Minha mãe era uma santa mulher. Tudo ouvia calada e tudo fazia pra defender os filhos. Como ambos não passaram dos cinquenta e cinco (ela morreu com quarenta e oito) tiveram um casamento não muito prolongado. Sendo assim, eu acho que ela deve estar num plano muito elevado, se é que não está ao lado de Jesus.

Não me está sendo difícil de restaurar o que disse naquela hora, porque depois tive muito tempo para pensar a respeito e verificar como estava enganado, principalmente pelo reflexo claríssimo das ideias católicas. Só não citei o paraíso ou o inferno por pura sorte ou inspiração do meu protetor.

Rosa Maria desejou a confirmação de Raul:

— Será que a sua mãe está ocupando uma região quintessenciada? Você deve ter condições pra julgar e explicar pro Cláudio.

De fato, Raul, apesar de fazê-lo com desagrado, justificou o seu pensamento, agora sem pôr freios na língua para não me ofender:

— Eu acho que Cláudio exagera quando julga a nossa mãe tão perfeita. A começar pela crença católica a que se aferrava, penso que deverá ter sofrido duras penas para adaptar-se ao etéreo, chegando lá com a esperança de ter alcançado a Terra Prometida. Era uma mulher inteligente e vivida, sabendo controlar os rompantes de meu pai e as rebeldias dos filhos. Mas não lia nada e não sabia muita coisa. Se é como eu tenho aprendido nas obras de Kardec, ela deve estar sendo agasalhada pelos protetores, deve estar sendo protegida pelos parentes mais evoluídos, mas não deve ser aquele espírito de luz que o Cláudio mencionou. É isso que eu acho.

A instrutora abriu o tema para que todos que quisessem comentassem. Não foi preciso dar corda e já o nosso Jurandir estava tecendo considerações em torno das opiniões:

— Creio que podemos ouvir ambos os pais de Cláudio, sem dúvida, bastando que venham trazidos pelos guias do centro. Contudo, não é o tipo de trabalho mediúnico a que esta casa está habituada. Estou certo, Professora?

Rosa confirmou com a cabeça e Jurandir continuou:

— Aqui nós não adotamos a técnica da evocação conforme se fazia no tempo do codificador, ou seja, de Kardec. Naquela época, era costume solicitar que determinados espíritos se apresentassem, em função do interesse de estudar e se instruir dos que começavam a desvendar os segredos do etéreo. Os protetores de Kardec davam cobertura e possibilitavam a vinda de quem era chamado. Contudo, permitam-me dizer, muitas vezes os espíritos evocados não compareciam, precisando São Luís, o guia da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, presidida por Kardec, explicar as razões do impedimento. Por isso é que eu disse que é possível evocar os pais e quaisquer outros parentes de Cláudio, de Ana ou de outra pessoa interessada em desenvolver sua fé no Espiritismo. Seria uma vitória dos guias deste nosso “*Coração Amoroso de Jesus*”, mas sempre temos de nos lembrar das palavras de Jesus em relação à dúvida de Tomé, que eu acho que todos conhecem...

Fez *suspense* mas precisou ouvir a vizinha tímida de Joana:

— *Bem-aventurados os que não virem e crerem!*

— É isso aí — concluiu, meio contrariado, o amigo bem-falante.

Rosa quis saber dos demais se haviam entendido o que Jurandir tinha dito. Valdemar, um dos não citados, senhor de mais de quarenta, barba por fazer e tez queimada do sol, levantou a mão em sinal de que pedia a palavra.

Rosa esclareceu:

— Vamos parar com as formalidades. Quem estiver com alguma ideia na ponta da língua, vai falando e os outros vão prestando atenção. Eu sei que as pessoas novas inibem os outros, mas, como queremos estar em família, vamos falar com naturalidade.

Na hora, achei que era ela quem não estava à vontade. Só bem depois é que cheguei a perceber que a instrutora era capaz de dominar os sentimentos, de forma a bem encaminhar as discussões.

Valdemar usou da palavra:

— Eu não sei se entendi direito. O amigo Jurandir disse que é possível mas que aqui não se faz esse tipo de pedido...

Querendo demonstrar que estava aprendendo, intervim:

— O termo deve ser *evocação*, porque *pedidos* a gente vive fazendo a todo momento. Aliás, eu tenho um pedido pra fazer. Eu queria que me desculpassem a intervenção. Estive pensando e percebi que estou um pouco elétrico, emocionado. Por isso, não me deem ouvidos, por favor. Acho que dei alguns foras.

Fez-se um silêncio compenetrado, como se a minha confissão caísse com fragor nos mistérios do procedimento recitado dos outros. Demorou para Valdemar retomar o que vinha falando:

— O que eu queria dizer é que Jurandir parece que gostaria de ver os pais do Cláudio se manifestarem mas não vê como atender o desejo dele, porque a gente não faz esse tipo de trabalho. É isso?

Impedindo que Jurandir monopolizasse a reunião, Rosa apelou diretamente para Odete.

— Pelo que eu li — disse esta — hoje em dia, os centros espíritas se dedicam muito mais a conversar com os espíritos trazidos pelos protetores em geral, pra que sejam esclarecidos quanto ao seu estágio no etéreo, como é que devem pautar os procedimentos pra melhorarem e como agir em caso de estarem sem saber onde se apegar pra subirem um degrauzinho na escala evolutiva.

Rosa instigou:

— Ou seja...

— Ou seja, interessa muito mais auxiliar os desencarnados do que se preocupar com a fé no comecinho de quem está apenas com certas curiosidades.

Rosa voltou à carga:

— Sendo assim...

— Sendo assim — Odete respirou fundo, deixando-se ficar corada — é bem melhor que a gente aceite como comprovação da existência dos espíritos o fato de qualquer um se manifestar, vendo, na boa vontade dos médiuns e demais trabalhadores do centro, o resultado dos conselhos e intuições que recebem dos benfeitores espirituais.

Rosa queria mais:

— Ou ainda...

Como Odete parecia atrapalhar-se, Ana tentou ajudar:

— Ou ainda (me permitam dar um palpite) estudando a teoria, que, segundo eu soube, está fundamentada na prática do codificador, ou seja, de Allan Kardec.

Rosa ameaçou bater palmas e o seu sorriso revelava que estava extremamente satisfeita com o desenvolvimento dos debates. Então, enfeixou as ideias:

— Realmente, tudo o que se disse é verdadeiro. Mas vocês hão de convir que devemos seguir as normas estabelecidas pros serviços que este centro presta à comunidade como também ao plano espiritual. Como vocês não se lembraram do Chico Xavier, o nosso maior médium, devo dizer que ele atende, embora velhinho, a muitos que se aproximam pra solicitar comunicações particulares de familiares recentemente desencarnados. Estou fazendo a ressalva, senão alguém poderá pensar que os métodos aplicados por Kardec ficaram reservados a ele tão somente. Na biblioteca, vocês vão encontrar diversos títulos nos quais são transcritas as mensagens de filhos, de irmãos, de maridos e esposas, de pais etc., todos os espíritos perfeitamente identificados, sem que o Chico sequer saiba o nome das pessoas presentes entre a multidão que se introduz na sala em que trabalha. Além disso, quando o espírito nomeia outras pessoas, mortas ou vivas, sempre os nomes ou os apelidos carinhosos são reproduzidos com total fidelidade.

Bem que me lembrei de que desejava esclarecimentos a respeito da tontura durante a palestra, conforme o conselho de Raimundo, mas, à vista do adiantado da hora, calei-me. Rosa realizou breve prece de encerramento e terminou a reunião, explicando:

— Pra próxima quarta-feira, venham com algumas perguntas engatilhadas. Hoje o resultado foi excelente. Se continuar assim, todos passarão logo pra outra classe.

9. EM CASA

Ao contrário do dia anterior, cada qual estando com seu carro, combinamos que não passaríamos por nenhum restaurante, mesmo porque todos havíamos comido algo antes. No que concernia a mim, precisei mesmo *fazer uma boquinha*, porque o almoço havia sido por demais frugal, tendo comido, então, duas ou três frutas.

No trajeto, Ana e eu permanecemos calados, cada qual como que ruminando as palavras ouvidas na aula.

Assim que chegamos, guardei o carro na garagem, enquanto Ana me esperava, para entrarmos abraçados, como a dar força um ao outro, embora não me sentisse atormentado por nenhum pensamento desagradável.

— Vá até o escritório, disse-me ela, enquanto vejo como estão os meninos e dispenso a *baby-sitter*.

Encontrei os dois livros sobre a minha mesa. Eram **Nosso Lar**, de *André Luiz*, e **O Consolador**, de *Emmanuel*, ambos pela psicografia de Chico Xavier. Peguei-os e fui até a sala, onde tentei me acomodar, ouvindo roncar a barriga. Levantei-me, sempre portando os livros, e fui até a cozinha.

Nesse meio tempo, ouvi Ana dispensando a mocinha que tomara conta das crianças. Logo foi encontrar-me e começamos uma longa conversação, que procurarei reproduzir com fidelidade e minúcias.

— Vejo que você está com fome, querido.

— Não é pra menos. Não é que esteja vesgo, mas o que comi durante todo o dia foi comida de regime.

— Ainda bem que beliscamos antes. Também foi bom a gente não ter ido ao restaurante. A noite de ontem foi muito cansativa. Quer que lhe prepare o quê?

— Estou pensando num sanduíche de queijo quente.

Ana não esperou segunda sugestão e, enquanto punha em obra a rápida refeição, foi comentando:

— Não sei quanto a você mas eu achei a reunião muito proveitosa.

— Eu também, apesar de me ter achado um pouco deslocado, falando pelos cotovelos.

— Eu percebi que você não estava à vontade, pelo menos no começo.

— Não sei por que fui logo dizendo o que penso sobre os velhos. Quando dei por mim, vi que o Raul esticava os olhos admirados. Como você interpreta a minha atitude?

— Acho que você queria mostrar que não estava com medo de conversar com seus pais, apesar de fazer um julgamento pejorativo quanto ao velho.

— Preciso contar um segredo de confessorário.

— Se você vai continuar católico, não diga nada.

— Vou dizer, mesmo que tenha de voltar a confessar tudo ao Aristides.

— Quer dizer que foi um pecado...

— Espere pra tirar conclusões, querida. Eu contei tudo o que pensava sobre meu pai. Disse mesmo que achava que o velho tinha ido pro purgatório, embora não tivesse confessado nem comungado nos últimos cinco anos de vida. Estava em pecado mortal. Aí, Aristides me perguntou se ele ia à missa aos domingos. Eu disse que não. O meu caro confessor, buscando me tranquilizar, disse, com todas as letras, que o meu pai, se não tivesse alcançado arrepender-se no último momento, deveria ter obtido a graça de um perdão especial de Deus, ou estaria sofrendo no inferno. Eu perguntei se, nesse caso, as minhas orações aliviarão o sofrimento dele. O padre foi taxativo: *Cláudio, quem estiver nas garras do demônio, não tem salvação. Você está entendendo onde estou querendo chegar?*

Ana manteve-se inalterável, como a me entregar de volta a palavra para terminar a narrativa.

Fui até o fim:

— Pois foi Raul quem me fez pensar muito a respeito. Quando ele disse que o tal do Kardec, o codificador do Espiritismo, asseverou que o purgatório é aqui na Terra, achei que seria tremenda injustiça que um homem probo e sério, cumpridor de todas as normas sociais, fosse arremessado imprudentemente pra eternidade dos sofrimentos infernais. Não é verdade que ele disse que ninguém ia ser condenado pra sempre? Então, eu quis avaliar como estava meu pai. Foi aí que as ideias antigas apareceram transformadas em suspeitas de que ele estaria vagando pelo etéreo, sem pousada, enquanto minha mãe, que sofreu tanto nas mãos dele, deveria estar no céu, aos pés do Senhor. Agora, o Raul disse que ela também deve estar por aí... Isso está acendendo o meu desejo ainda mais de conversar com eles. Mas o centro não presta esse tipo de serviço... Será que temos de fazer uma visita ao Chico Xavier?

Ana me pegou pela palavra:

— Você pode fazer isso sem sair de casa. Vejo que você encontrou os livros que pus na sua mesa. Pois bem, esse livro do *André Luiz* retrata a vida numa colônia de espíritos, dentro do Umbral. Ele apresenta casos de espíritos sofredores (ele mesmo foi um), como também descreve as lutas e trabalhos de quem está em franco progresso. Leia esse primeiro. O de *Emmanuel* trata de temas técnicos e dá soluções científicas pros problemas morais de cada dia. Acho que você vai gostar mais do outro. Em todo caso, eu acho que não perdi meu tempo lendo os dois. Perdi tempo, sim, demorando tanto pra começar.

— Em algum deles existe algum esclarecimento em relação aos familiares que não foram exemplos de santos?

— Parece que **Nosso Lar** foi escrito pra você, porque o *André Luiz* conta que a mãe está num mundo mais adiantado, enquanto o pai, um comerciante não muito honesto, pastava, naquela ocasião, em alguma região de muito sofrimento. A verdade é que, pra que você fique tranquilo, estava a mãe dele empenhada em ajudar o marido.

— E quanto às dores de consciência do filho, acusando o pai disso e daquilo?

— Agora você está me pedindo demais. Leia o livro e procure o que lhe interessa saber.

— Ana, você percebeu como são curiosas as coisas da religião?

— Que coisas?

— Eu contei tudo pro Aristides, ele fez os comentários que fez, me deu umas ave-marias pra rezar e o perdão, em nome de Deus. Eu achava que estava quite com a religião e que minha alma estava limpa e purgada, tanto que comunguei, crente de ter esquecido o problema. Foi só partir pra outra e tudo se acende, como se não tivesse valido aquele sacramento. Você não tem medo de ter perdido o perdão do confessor?

A pergunta pegou Ana de surpresa. Fez de conta que estava entretida em evitar que os sanduíches se queimassem e me virou as costas. Quando se voltou para mim, tinha os olhos marejados.

— Que foi isso, querida? Que foi que eu disse que deixou você tão perturbada?

Eu fiquei atarantado. Abracei-a com ternura e ela se agarrou fortemente a mim, soluçante e trêmula.

— Cláudio, em nome de Deus, perdoe-me, porque pequei.

Elevado à categoria de sacerdote, não sabia o que fazer. Continuei afagando-lhe os cabelos, não imaginando nada muito tenebroso para o nosso relacionamento conjugal. Afinal, veio-me o impulso de assegurar-lhe os meus sentimentos:

— Seja o que for, Aninha, você encontrará em mim o esposo que lhe prometeu ser fiel na dor e na felicidade.

Passou-me a intenção de agradecer, perguntando se alguma das crianças não era minha e isso despertou-me para a possibilidade das grandes traições. Estremeci, involuntariamente. E o meu cérebro começou a barafustar noite adentro de minhas memórias de pecador.

Afinal, nós nos desprendemos. Sentamo-nos em silêncio. Comemos muito mal, ela salgando de lágrimas o pão que ia partindo mecanicamente.

Depois de longo silêncio e muitos suspiros, Ana propôs que fôssemos para o quarto:

— As crianças poderão acordar e eu não quero que elas me vejam com os olhos vermelhos e inchados.

Preparei-me para deitar, completamente dominado por agudos temores. A tragédia estava flutuando sobre as nossas cabeças.

Cobri-me mas Ana permaneceu sentada à beira da cama, dando-me as costas. Foi assim que lhe ouvi a confissão:

— O meu maior pecado foi não ter confiado em você. Quando você me fez perguntas a respeito de meu passado, antes do casamento, eu disse que era pura, imaculada. Fisicamente, era mesmo; e você sabe disso. Mas eu escondi que, desde pequena, mantive com os e as coleguinhas muitas brincadeiras sexuais. Sempre me arrependia e confessava mas voltava a fazer tudo de novo. Você deve ter estranhado que eu nunca quis saber de suas atividades nesse campo, quando criança e adolescente. É que eu temia que deveria contar o que foi que eu fiz. Se você me disser que eram brincadeiras infantis, de descoberta das sensações, tudo bem: eu aceito e compreendo. O que estava errado é deixar você na ignorância de tudo quanto se deu comigo. Quando me confessei pra me preparar pro casamento, o padre como que me obrigou a calar tudo o que deixei de contar a você, dizendo que Deus tinha perdoado tudo e que a minha vida anterior era apenas minha e que eu devia dedicar-me inteiramente ao meu marido somente depois do sacramento do matrimônio. Eu acreditei piamente e assim procedi, por orientação do padre. Se você quiser, eu conto todas as passagens, mas devo dizer que vou ficar muito envergonhada e desde já não vou querer saber das suas aventuras ou de seus pecados, porque sei que tudo isso é perfeitamente natural na juventude. Afinal, foi Jesus quem disse que a carne é fraca, apesar de o espírito ser forte. Mas essas coisas não são a parte pior, aquela que está me fazendo passar estes momentos tão penosos, tão duros.

Suspendeu o ritmo do que vinha falando. Eu tentei afagar-lhe os cabelos mas ela se afastou, desejando evitar qualquer influência que pudesse romper a linha das confissões, como a indicar que se julgava indigna. Depois de assoar o nariz diversas vezes, ainda de costas para mim, prosseguiu:

— Você se lembra que ficamos bem uns dois anos, antes de voltarmos a nos confessar. Foi quando perdemos várias missas e achamos que estávamos em pecado. Já era o Padre Aristides o confessor. Quando contei a ele que fazia tanto tempo que não ia à igreja, ele ficou especulando a respeito do que aconteceu entre nós. Contei tudo, inclusive as pequenas rugas, chegando ao ponto de demonstrar como eram os nossos relacionamentos mais íntimos. Ele não quis saber nada disso. Mas eu comecei a relatar as pequeninas ânsias que não se satisfaziam, como foi o dia em que levantei o problema de não ter terminado o curso. Fui eu que propus ficar em casa mas depois me arrependi e não criei mais coragem pra enfrentar a faculdade. Você nem ficou sabendo de nada, porque era muito mais fácil e cômodo ir até o confessionário e ficar conversando com alguém com o dom de tudo compreender, além do poder de perdoar. Esse relacionamento em voz baixa foi tornando-me cada vez mais dependente de dispor dos conselhos de alguém de fora. Acho que, se, em lugar do padre, fosse uma freira, seria o mesmo, porque ali o que valia era o que eu dizia. Dessa forma, fui criando um ambiente mental em que o padre era um mero acessório, alguém de quem dispunha pras minhas fantasias. Vivia, naquele círculo restrito, uma existência à parte, longe de você, do Lucas e do Mateus; e de toda a gente.

Nesta altura, não me contive e abracei-a, cobrindo-lhe as faces de beijos.

— Ana Paula, Ana Paula, Aninha, isso não é nada. Todo mundo tem direito a uma vida particular só sua. Eu entendo tudo isso.

Enquanto nos abraçávamos, a minha mente era um torvelinho de ideias a se chocarem. Condoía-me com a sensibilidade da esposa e me punha na pele dela, sabendo que, de algum modo, eu também havia construído um mundo todo meu, dentro da aura do sacramento da confissão. É verdade que os feitos de caráter sexual não assumiam papel tão preponderante mas também existiram e, caso me visse na necessidade de relatar tudo, provavelmente eram muitíssimo mais complexos e mais amplos do que os dela. Ocorreu-me o recente caso da moça do *outdoor*, que resolvi ser o ponto para a introdução de minhas confidências.

Com certa apreensão, interroguei-a a respeito das recentes descobertas religiosas:

— O que tem de ver o Espiritismo com tudo isso? Será que despertou em nós um novo sentido de vida, de orientação pros fatos morais?

Não soube me explicar com clareza mas Ana me entendeu:

— Os livros que li dizem que os espíritos estão sempre à volta de nós, seja pra nos ajudarem, seja pra nos prejudicarem. Se fossem apenas anjos ou demônios, como a Igreja nos ensina, não teria importância, porque os primeiros seriam puros e os últimos, malignos; os primeiros estariam devotados às virtudes supremas do Senhor e os últimos, entregues a toda espécie de safadeza, de ruindade. Suas opiniões de modo algum teriam qualquer validade. Mas se são os nossos pais, os nossos avós, os nossos irmãos e demais gente a quem amamos e que nos ama, as coisas tomam outra feição, pois eles irão ficar decepcionados com nosso desempenho; mais ainda se são os nossos guias e protetores, porque irão abandonar-nos à própria sorte, se faltarmos com os nossos deveres.

— Pois eu lhe asseguro que você não faltou com nenhum dever em relação à nossa família nem a ninguém.

— Aparentemente, mas, no fundo do coração, eu me sinto como uma perversa, uma traidora, alguém que se alheou durante vários anos dos deveres morais em relação ao marido e aos filhos. Deixe-me desabafar de uma vez por todas, porque não quero manter mais esta sensação de desequilíbrio, de mal-estar comigo mesma, como se o sentimento de culpa me entupisse os pulmões e me impedisse de respirar. Eu quero me desfazer pra sempre destas emoções ruins, descarregando tudo nas suas costas. Quero que você me perdoe, é verdade. Mas não como faz o padre no confessionário. Quero que você compreenda que as pessoas não são perfeitas e que todos estamos na Terra curtindo vidas de expiação e resgate de passados erros. Se estamos juntos, segundo a teoria espírita, conforme o que li nos livros, é porque precisamos nos amparar, dando educação aos filhos, porque, quase certamente, estamos em débitos uns pra com os outros. Devemos estar preparados pro despertar deles, que se dará aos sete anos de idade, momento em que assumem integralmente as suas personalidades espirituais.

Nessa altura, eu havia percebido que Ana havia criado um outro ambiente mental, de que me excluía, do mesmo jeito que disse que o fizera em função do confessionário. Foi aí que decidi intervir e suspender o ritmo dos pensamentos dela:

— Ana Paula, pelo amor de Deus, você está me deixando meio alucinado, porque não estou sendo capaz de seguir os seus pensamentos. Você tem conhecimentos que eu nem imagino. Se quer que eu perdoe você e compreenda os seus mais íntimos desejos e

anseios, vai ter de me dar mais tempo pra refletir. Não me deixe do lado de fora de sua vida, meu amor.

Aquela longa manifestação de sentimentos e de filosofias terminou bem tarde da noite, como soem terminar os casos entre pessoas que se amam.

De manhã, fui encontrá-la na cozinha, dando o trato final no café reforçado que me preparou.

Fiz questão de abraçá-la e de beijá-la, ternamente, amorosamente, como a demonstrar que estava com ela em todos os transe emocionais e intelectuais.

Abruptamente lhe disse:

— Sabe que eu me surpreendi olhando com desejos carnis pra uma mulher? E que fiz isso durante mais de dois meses?

Os olhos dela se encheram de lágrimas e eu me arrependi da brincadeira de mau gosto, correndo para desfazer o mal-entendido:

— Agora eu peguei você. Era uma fotografia num *outdoor*, propaganda de sorvete, que foi substituída por outra de cigarro. De qualquer modo, cheguei à conclusão de que havia pecado e de que precisava confessar pro padre. Entendeu onde eu quero chegar?

Foi a vez dela de me deixar boquiaberto:

— Entendo perfeitamente que vou precisar fazer regime e ginástica ou não serei convidada pra posar pra nenhuma propaganda, nem vestida de urso polar.

Selava-se, assim, a nossa cumplicidade no companheirismo conjugal de quem se revela como é ao parceiro. Eu não disse, no começo da narrativa, que a nossa história de amor continha poucos lances dramáticos?

10. UMA SEMANA DE REFLEXÕES

Desde o momento em que me desloquei para o trabalho, ia como que nas nuvens, tantas eram as impressões fugidias que perpassavam pela minha imaginação. Contrariamente ao meu modo habitual de pensar positivo sobre todos os fatos da vida, agora se delineavam instantes da mais pura fantasia.

Comecei a ler os livros que Ana me passou e me pus também a refletir sobre alguns tópicos de **O Livro dos Médiuns**. Nunca tendo sido um bom leitor, avançava lentamente, procurando entender cada pequenino trecho. As ideias que me foram suscitadas pelas desventuras de *André Luiz* na escuridão do bátrio (ou do tártaro) eram muito amargas, porque me punham de sobreaviso quanto a eu mesmo ter passado por situações semelhantes.

A vida, sendo a resultante da necessidade de aperfeiçoamento ou de resgate de débitos, ganhava novos padrões morais, porque suas raízes penetravam num terreno absolutamente desconhecido. Era então que me dava o direito de aprofundar as conjeturas, rememorando quanto conhecimento se instalara no cérebro relativo aos problemas das regressões às vidas passadas.

Não preciso dizer que me vi em cada fase da humanidade, em encarnações de graves perversidades até o momento do Romantismo, quando me imaginei poeta tremendamente enamorado e perdidamente doente, pondo fim à vida, por não alcançar a

felicidade de me ver correspondido pela minha amada, que não era outra senão a própria Ana Paula, a quem fiquei devendo um relacionamento mais completo e mais compensador.

Cito o fato para demonstrar que, de algum modo, as confissões dela repercutiam negativamente, porque não me punha em absoluto satisfeito com o fato de ter sido passado para trás naquela conjuntura religiosa da Igreja Católica. Não sabendo a quem acusar pessoal e diretamente, punha muito da responsabilidade sobre a minha própria ignorância, apelando para os mecanismos cambaios de meu tardo vislumbrar da realidade psicológica, tanto de Ana, quanto minha.

Mas fui adentrando o enredo de **Nosso Lar**, quando pude analisar os contornos psíquicos das personagens, não tanto do pobre sofredor que narra, mas dos instrutores, dos assistidos e dos desvalidos. Pude ver claramente que os espíritos agem em consonância com princípios morais rigorosos, através das estrias deixadas pelos procedimentos degenerados nos perispíritos, cuja natureza precisei discutir com o Raimundo, espécie de cicerone que me servia quando em dúvida quanto aos termos técnicos. De resto, aproveitei-me do glossário ao final de **O Livro dos Médiuns**, lamentando que Kardec não tenha sido mais completo ou mais extenso.

O Consolador, de *Emmanuel*, me fez pensar seriamente em que os amigos da espiritualidade continuavam a fornecer respostas específicas aos problemas humanos levantados pelos companheiros do médium Francisco Cândido Xavier, justamente como fizeram em relação aos questionários de Kardec. Era um oásis de tranquilidade a sua leitura, porque não me abria a mente para as configurações imaginosas. Antes, a disposição científica das questões me dava a certeza de que existiam sábios a acompanhar o desenvolvimento da tecnologia e da pesquisa no âmbito terreno, apesar de se caracterizar plenamente o aspecto da ascendência do informante, como se os esclarecimentos fossem de pontos absolutamente elementares.

Mas me satisfaziam os textos, em seu tríplice aspecto: físico, intelectual e emocional, trazendo conceitos e conhecimentos novos para o meu parco cabedal. Era um mundo aonde adentrava com respeito e desejoso de aprender. Nesse sentido, punha-me prevenido quanto às informações que obtivera da religião católica, mantendo-me de espírito aberto para posteriores leituras, sabendo que havia outras obras importantes, sobre temas cujos desenvolvimentos não me era lícito arguir-me de ignorante, porque estava mal-e-mal iniciando os estudos.

Foi nessa semana de distúrbios entre as novas e velhas concepções que plantei a sementinha desta narrativa, porque julguei ter sido muito importante para mim o convencimento que me impus a partir da perseguição doutrinária espírita que empreendi. Se não fosse isso, não teria agora condições de levar avante este projeto, porque foi quando tomei a iniciativa de ir anotando os acontecimentos mais relevantes, os pensamentos mais agudos e os sentimentos mais complexos. A intenção não era a de escrever um romance mas de elaborar um diário de bordo ou algo semelhante. Vejo agora que existe um manancial muito fértil de intuições e de meditações a serem transladadas para o papel, a servir de apoio para muitos companheiros espíritas com responsabilidade junto aos que buscam os centros pela primeira vez, como ainda para quantos, ansiando por encontrar alguma orientação psicológica, estejam temerosos de adentrar o misterioso ambiente dos ensinamentos kardecianos.

Estou dando um salto para o presente, a fim de dispor como roteiro ao leitor o que deveria ter inscrito sob o rótulo de *prefácio*. Perdoe-me a falta de jeito e a ousadia da novidade e prossiga lendo a respeito do que me aconteceu durante aquela semana.

Disse que estava lendo e que tinha o auxílio do *Seu Raimundo*. Deve estar na mente do leitor que eu não poderia deixar de comentar os textos com Ana Paula ou com os meus irmãos e cunhadas, em nossos encontros costumeiros. Vou, pois, reproduzir alguns trechos de conversas que me parecem significativas, para que se entenda a minha disposição psicológica de então.

Com Ana:

— Você está lembrada de como *Emmanuel* abriu **O Consolador**?

Ela olhou para mim tentando compreender aonde eu queria chegar. Interpretando o olhar como de aguardo da reprodução do texto, recompus, mais ou menos, os termos da primeira resposta do autor espiritual:

— Ele diz que a ciência humana, se não se orientar pelo Espiritismo, poderá dar vazão apenas aos sentimentos mais vis e perversos dos homens, concorrendo pra tirania e pra destruição, em clara referência aos artefatos de guerra. É como se a gente, no depósito, apenas vendesse material de segunda ou deteriorado. Como é que as construções iriam ficar de pé?!... Aí eu me lembrei de que os padres abençoavam, em nome de Deus, todas as tropas que partiam pras batalhas. Não foi o que vimos em vários filmes de guerra? De que valiam as confissões dos soldados, se a missão deles era a de matar, justificando-se pelo dever patriótico de defesa das nações?!...

— Não entendi a relação entre uma coisa e outra.

— De fato, está confuso. Vou tentar explicar. Existe ou não existe uma obrigação das pessoas em relação às comunidades em que vivem? Claro que existe. Se a pátria se vê na necessidade de se defender da agressão de um país que deseja invadi-la, tem o direito, ou melhor, o dever de expulsar os inimigos pela força. Claro está que sempre houve um tempo anterior de negociações, de comércio, de diplomacia etc. Nesse ponto é que constato a maior falha humana. Se tivesse havido verdadeiro cristianismo, se as partes tivessem agido sob a luz dos ensinamentos do Cristo, teriam perdoado todas as injúrias, buscando um termo de acomodação, pra não chegarem às vias de fato.

Ana queria as coisas no concreto:

— Você nunca brigou na vida? Nunca bateu ou apanhou?

— Quando criança e uma vez depois de crescido. Quero dizer que estava imaturo...

Ela me interrompeu e encerrou o papo filosófico:

— Pois a humanidade, pelo que tenho lido em Kardec, pelas informações dos espíritos, está na sua infância. Até que todos possam agir em concordância com as lições evangélicas, muita água vai rolar debaixo da ponte, principalmente se pensarmos que uma vida só não é suficiente pra essa aprendizagem.

Guardei a viola no saco, enquanto fiquei a meditar na melodia, porque me vi desafinando.

Ela, percebendo que me havia murchado, colocou uma insuspeitada pedra sobre o assunto:

— Em **O Livro dos Espíritos**, de Kardec, que tenho relido, você vai encontrar a discussão das leis gerais do universo, entre as quais as da destruição e da conservação. Não vá com muita sede ao pote, que a moringa se quebra.

Com Raul e Luís:

Combinamos encontrar-nos na academia de ginástica no sábado pela manhã, porque estávamos desleixando muito o físico para privilegiar o espírito. Claro que a primeira coisa que ocorreu foi a nossa cobrança da ausência de Luís, na quarta-feira. Ele foi sincero e abriu o jogo:

— Acreditem se quiserem, mas nós saímos de casa pra irmos lá no centro. Ao passarmos diante dum motel, resolvi levar minha mulher pra uma fugida. Trocamos, como vocês devem estar supondo, muito mal, mas a verdade é que precisávamos desse momento de privacidade, porque achei que Maria estava tendo a cabeça cheia com denúncias infundadas de atividades extraconjugais minhas.

Eu ia louvar a atitude do mano, quando me surpreendi com a repreensão de Raul:

— Eu não sou rigoroso com as obrigações dos outros, mas tenho para mim que as pessoas devem, no mínimo, avisar que estão rompendo os compromissos.

— E como? Foi, sim, um rompante, uma decisão em cima da hora. Depois, pra quem ia eu ligar, se não sei o número do telefone do centro?

— Então, fosse até lá, desse uma satisfação para nós...

— Você está brincando! Quer dizer que eu ia chegar lá e dizer: *Olha, queridos, não estou vindo à reunião espírita, porque vou me trancar num quarto de motel com minha mulher!* Não tem cabimento!

la concordando com Luís, mas Raul voltou à carga:

— É claro que você não diria dessa maneira, porque não ia precisar, já que o ambiente do centro iria dar-lhe outro sentido ao desejo de aliviar a carga emocional que você afirma que Maria estava suportando.

Luís foi mais cordato, enquanto se preparava para a bicicleta ergométrica:

— Não vou pedir desculpas, pois não me arrependo do que fizemos. Foi muito bom, principalmente pra comprovar que existe entre Maria e *eu* um amor que vence qualquer obstáculo, principalmente as maledicências das comadres.

Pensei em que tanto Ana quanto Odete eram madrinhas dos filhos de Maria e julguei que Luís estava aludindo a acusações de ambas. Entretanto, Raul pôs um balde de água fria na fervência:

— Para os espíritas, a opinião alheia, a voz do povo ou os boatos maliciosos não pesam. Contudo, se minha mulher ou a do Cláudio tiveram algo que ver com isso, pode crer, meu caro irmão, que apenas avisaram a cunhada a respeito do que se fala à boca pequena, não para fustigarem uma briga, mas para alertarem a respeito. O que é dito diretamente não pode ser levado à conta de traição, de vilipêndio nem de desídia.

Raul estava entre Luís e mim, de modo que eu não podia me dirigir a este sem esforço muscular de monta, que os movimentos da ginástica estavam esfalfando-me. Então, dei um simples palpite, para contornar o problema, afastando os dois de uma linha de debates sem proveito:

— Você, Luís, está interessado em saber o que se passou no centro espírita?

Raul, todavia, impregnado pelas teses espíritas como se fossem a coisa mais necessária a pregar ao pobre faltoso, insistiu:

— Pois eu lhe digo abertamente que chegou aos meus ouvidos que você tem frequentado aquele motel nem sempre acompanhado da esposa. Talvez tenha levado a coitada, para que se calem as testemunhas, à vista do depoimento dela de que foi com ela que você esteve naquele antro de perversão...

Olhei atentamente para o Raul, a ver se estava a falar sério ou se apenas fazia uma provocação. Ele virou-se para mim e deu-me uma piscadela, sem que Luís pudesse ver o movimento. Mas Luís não mordeu a isca e instigou Raul:

— Que tem o Espiritismo a dizer a respeito do livre-arbítrio? Se as pessoas olhassem pros próprios rabos ou se se preocupassem menos com o cisco dos olhos alheios, como disse Jesus, o mundo estaria em paz. Vocês não acham?

Não deu para me comunicar sub-repticiamente com o Luís. Raul tomou uma estradinha vicinal para chegar mais rapidamente aonde queria:

— Vá com quem quiser ao motel, que eu não vou interferir. Mas tenho o dever de alertar, porque conheço o assunto, que o ambiente espiritual dessas casas do prazer carnal é um dos mais carregados de seres infelizes que os informantes do etéreo descrevem. Trocar, como disse, um local protegido por espíritos elevados e mais puros, moralmente falando, por outro frequentado por pobres obsessores não foi uma ideia que eu aprovaria.

Descemos das bicicletas e nos encaminhamos para mais quinze minutos de esteiras elétricas. Desta feita, Raul e eu deixamos Luís entre nós.

Luís teve tempo de meditar para responder:

— Saiba que Maria me agradeceu a lembrança da escapada e me fez prometer que, na próxima quarta-feira, iremos ao centro.

Raul foi inclemente:

— Não poderá ser de outro modo, ou você acha que a mísera não está envergonhada da decisão? Como você nos disse a verdade, ela também terá dito às cunhadas. Ou agora você vai sugerir que também nós vamos faltar à sessão de estudos para irmos ao motel?!...

Meio ofegante, pude dar rumo novo à conversação:

— Se Maria não lhe disse o que contaram as outras, fique sabendo que a reunião foi muito agradável, pelo menos quanto a termos ficado à vontade pra apresentar as nossas dúvidas e apreciações. Pra próxima vez, está agendado que a gente deve levar algumas questões pessoais, pra podermos mostrar qual a linha de nossos interesses.

Bem que eu queria me estender a respeito da participação de cada um, mas a minha intervenção gerou outro clima entre os irmãos, dado que Luís principiou a pilheriar, cansado de levar *bronca* do Raul:

— Pois eu vou querer saber quais foram os espíritos que foram espionar o que eu e minha mulher fizemos naquele quarto.

Ao contrário do que se poderia esperar de Raul, asseverou ele:

— Pois está aí um excelente problema a ser levantado. É sempre bom deslanchar no tema dos diferentes graus de adiantamento dos espíritos, de acordo com o patamar da escala evolutiva em que estacionam.

Como não déssemos resposta, prosseguiu:

— Kardec elaborou uma lista de dez categorias bem pouco rígidas, afirmando que existem os espíritos de luz lá no alto, muitos espíritos em sucessivos graus no sentido do decréscimo de qualidades e virtudes, até aqueles seres que se espojam nos vícios mais torpes e são afastados para regiões de sofrimento, onde os males que praticaram lhes despertam a consciência para postura mais coerente com o amor universal que argamassa a felicidade dos melhores.

O jorro vernacular demonstrava que o advogado estava a defender com unhas e dentes a anterior posição de censura. Queria demonstrar que o Espiritismo deve ser tratado com respeito e seriedade, para o que elaborava os pensamentos com certo apuro, em contraste com o chiste do Luís, nesta altura totalmente compenetrado nos exercícios físicos, de tal modo que, ao encerrarmos a caminhada na esteira, perguntou:

— Vocês pretendem continuar nos aparelhos?

Raul, ainda imerso nas ideias em que mergulhara, respondeu, sem avaliar a intenção da pergunta:

— Quero completar todo o circuito, segundo a minha ficha.

— E você, Claudinho?

— Eu vou dar seguimento aos exercícios com simples alongamentos.

Luís foi decisivo:

— Pois eu quero sofrer mais um pouco e vou a uma sessão de aeróbia ou de *step*, o que estiver pra começar. A gente se vê nos chuveiros.

Em casa, contei a Aninha o principal da conversa e chegamos à conclusão de que não eram aquelas as razões que convenceriam Luís a nos acompanhar ao centro espírita.

Com o Padre Aristides:

No domingo, tivemos um pequeno problema. Como íamos à missa quase sempre, acostumamo-nos com o horário, de sorte que ficamos, Ana e eu, meio ao léu, durante a manhã. Brinquei um pouco com o Lucas, enquanto ela cuidava do pequerrucho, até que me veio a ideia de sair em passeio com o garoto. Precisava espairecer, respirar ar fresco, esticar um pouco as pernas, apreciar a paisagem, observar as flores no parque dentro do qual se situava a igreja, reparar nas pessoas em trajés de festa. Enfim, gostava daquela alegria simples de quem se oferece à vida e à natureza, com saúde e sem preocupações.

Foi quando apareceu Aristides. Voltava da missa das dez e vinha apressado, com certeza pensando no almoço, que sempre filava na casa dos paroquianos adrede preparados para o evento.

Viu-me e aproximou-se, com ar muito sorridente, antecipando, matreiro, o banho que iria dar-me, conforme não demorei a comprovar.

— Com que, então, o meu fornecedor de materiais de construção está fugindo da religião?!...

Tomado de surpresa, gaguejei:

— Não é bem assim...

Aristides não era homem de poucas palavras. Emendava os assuntos e punha questões que ele mesmo respondia:

— O que eu sempre digo aos meus dissidentes é que não vão muito longe, porque a volta é obrigatória e, quanto mais o *cara* tiver andado, mais cansado vai estar no regresso.

Não é verdade que você e seus irmãos estão indo ao centro espírita? Pois eu sei muito bem disso tudo. Mas o que eu sempre digo é que tudo o que se faz de dia é mais feliz, mais verdadeiro, mais próximo de Deus. Quem desenvolve atividades apenas no escurinho das salas fechadas, conversando com os demônios, vai acabar ficando completamente louco. Aposto que já lhe meteram na cabeça que a Igreja tem seus meios materiais de iludir o povo, seus castiçais, suas velas, suas imagens, seus cálices de ouro, suas vestimentas coloridas, seus cantos e preces e até seus rituais puxando para o paganismo. Não foi isso que você foi ouvir lá? Pois bem, meu caro Cláudio, não se esqueça de que você tem seus filhos para educar e não vai querer que eles desconheçam os sacramentos, a beleza do evangelho que se representa nos cultos e na missa, as procissões, as festas... O Espiritismo é uma tristeza só. Quando chamam os jovens, querem que abjurem o credo antigo, como se a formação da família nestes dois milênios não representasse coisa alguma, como se a Igreja não tivesse reunido tanta gente importante a seguir os mandamentos dela. Que me diz disso tudo? Agora você deve estar querendo saber quem foi correndo delatar a sua fugida, dois dias seguidos, numa reunião pública e noutra, privada. Não é isso mesmo? Pois eu tenho olhos e ouvidos, apesar de sempre recomendar que os donos deles vão confessar depois que realizam esse ato de respeito pela integridade da alma dos fujões. Quer saber quem foi? Pois foi alguém que ouviu você falando a respeito, tanto pode ser em sua própria casa de negócios, em seu lar, na academia de ginástica. É claro que não se trata de segredo de confessionário, mas eu não vou lhe entregar os nomes das pessoas. O que é preciso é que você saiba que eles estão preocupados. Mas eu não, porque eu sei que a grande maioria dos católicos que vão aos centros espíritas, depois de pouco tempo, voltam para confessar os pecados que cometeram naqueles antros. Saiba, meu caro, que eu mesmo já estive interessado em saber o que tanto atrai a gente. Quase sempre, é quando morre alguém e a pessoa não se conforma com a vontade de Deus e desconfia de que pode ainda ter a esperança de recuperar a convivência perdida. Seria ótimo se assim fosse. Você já pensou, sentado aqui neste banco da praça, tendo seu pai de um lado e sua mãe do outro, batendo um *papo legal* com o netinho, falando do que se passa depois que a pessoa se despede da carcaça física, que eu costumo encomendar, para dar sossego às almas dos que caem no purgatório? Mas, à luz do dia, esses fenômenos espíritas não ocorrem. Ocorrem, sim, nas salas fechadas, onde um sujeito, quase sempre inculto, que mal cursou o primário, vai falando que é o pai, a mãe, o filho do incauto, que está com saudade, que acha que o que está vivo precisa melhorar o procedimento, que deve rezar pela alma deles, como se Deus não tivesse seus anjos para lhes dar conforto, consolação e paz. Você já pensou nisso? Deus é pai de muito amor e de muita misericórdia e não desampara ninguém, mas é preciso cumprir certas obrigações. Aposto que a primeira coisa que lhe disseram é que não precisa ir mais à missa, tanto que hoje eu não vi vocês lá. Vão parar de rezar? E o seu santo padroeiro, o que é que deve estar pensando de sua atitude? Será que você não está colocando mais um espinho na coroa de Jesus? Pense nisso. Mas pense logo, porque as coisas vão depressa demais quando se trata de ouvir o que o diabo tem para dizer, como você sabe que até o Cristo foi tentado. Vamos ver se vocês readquirem o juízo e voltam para a missa da tarde. Hoje eu vou ouvir confissões a partir das dezessete horas até às dezenove. Deus abençoe você, a sua esposa, Ana, o Lucas e o Mateus! Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!

Eu, *pamonha*, mecanicamente, ao sinal da cruz, me persignei.

— Se você se encontrar com o Raul, mande o meu aviso de que ele está caindo em desgraça, tantas foram as vezes que me disseram que esteve no centro. O Luís, eu sei que não foi, mas, como pouco vem à igreja, faz tempo que está meio perdido. Eu sempre rezo por ele e vou começar a rezar por vocês também. Recomendações à esposa. Espero um convite para almoçar dentro em breve. Já vou indo, que hoje o dia está cheio. Preciso levar o viático ao hospital, que tem moribundo precisando receber a extrema-unção.

Sem dar tempo para eu responder, estendeu-me a mão a beijar e eu, num ato instintivo, depusitei o meu beijo, sem ter tido tempo de refletir sobre o que estava fazendo. Afagou a cabeça do Lucas e partiu, em seu traje civil, que os padres já não se reconhecem pela batina.

Preciso dizer que fiquei meio apalermado? De todas as coisas que ouvi, pelo menos uma se incrustou no fundo de minha alma: a acusação de que o Espiritismo existia somente à noite. Pensei nas atividades descritas no quadro de avisos da entrada do centro e me lembro de ter visto que havia sopa a ser distribuída na hora do almoço, todos os dias; que o curso da mocidade era dado aos sábados à tarde; que havia diversão infantil aos domingos pela manhã...

Nesse ponto, imaginei-me levando o Lucas até o centro ao invés de correr o risco de me encontrar com Aristides. Sorri meio envergonhado, como se outro ser humano, sacerdote embora, tivesse o condão de me atrapalhar a vida espiritual.

“Ao contrário” — vi-me a refletir — “eis aí alguém que vai sofrer deveras ao descobrir que o purgatório é aqui mesmo e que, do outro lado da morte, a realidade está longe daquela que ele pensa conhecer.”

Firmei o pensamento nas atividades diurnas do centro e da igreja mas logo derivei para as atividades noturnas de ambas as instituições. Revi a Igreja logo depois que os apóstolos começaram a pregar o evangelho de Jesus e me deparei com a época das perseguições, quando os cristãos se reuniam nas catacumbas e nas cavernas, fugindo da vigilância dos soldados romanos. Pelo menos, era como a cinematografia de Hollywood representava esses episódios. Então, houve uma época em que o Cristianismo também vivera escondido.

“Será que o Espiritismo não estará passando por uma fase semelhante ou parecida? As palavras de Aristides não representam a condenação pela religião oficial ou, pelo menos, por aquela que se alia ao poder dos governantes? Não é ele um oficiante público dos atos litúrgicos, capaz de ameaçar os simples mortais que deliberam ter ideias livres, levando-os às barras do tribunal da consciência religiosa?”

Foram perguntas que me ocorreram, naturalmente, carregadas de muita emoção, porque o que me preocupava mesmo era o fato de haver permanecido sem fala, sem reação, a ponto de fazer o sinal da cruz e de oscular a mão, em gesto absolutamente sem controle.

Quando comentei a passagem com Ana, ela espicaçou o meu *ego*:

— Não se esqueça, querido, que nós estamos sendo observados por muita gente, tanto deste lado como do outro. Mas existe um olho que não se fecha sobre todos os nossos pensamentos...

— É o olho de Deus!

— Não, Cláudio! Deus não se interessa pelo que fazemos nem pelo que pensamos. Para isso, constituiu um sistema de leis universais. O olho a que me refiro é o da consciência, que, de certa forma, é a representante divina de nossa contextura existencial. Se você acha que o que vem fazendo não ofende ao Senhor, por que irá preocupar-se com o fato de o Padre Aristides ficar melindrado? Ele apenas cumpre sua obrigação eclesial, porque cabe ao pastor conduzir o rebanho ao aprisco de Deus.

— Não entendi essa última parte. Você está afirmando que os sacerdotes têm a responsabilidade...

— Maneira de dizer, querido. Estou me referindo ao modo pelo qual ele foi habituado a pensar e quer que a gente também pense.

Naquele dia, me senti um saco de pancada a levar socos e pontapés de todo lado. À tarde, levei Mateus comigo, no carrinho, a respirar o ar do parque e me sentei no mesmo banco, aguardando que o Padre Aristides aparecesse de novo. Você, caro leitor, esteve lá? Ele também não.

Com Raspace e Rodolfo:

Na segunda, bem cedinho, estava entretido no escritório e já Raimundo apontava.

— Vá entrando, caro amigo. Bom-dia!

— Bom-dia, *Seu* Cláudio! *Seu* Cláudio, está aqui a dupla dinâmica do “*Coração Amoroso de Jesus*”, o presidente e o palestrante.

— Faça entrar, por favor.

Já estavam à porta e não se acanharam, enquanto Raimundo sumia.

— Vão sentando, que a casa é nossa! A que devo a honra?

Rodolfo se antecipou:

— O centro está precisando construir umas salas nos fundos e lembramo-nos do amigo. Aliás, foi seu irmão, o Doutor Raul, quem sugeriu que viéssemos procurá-lo.

— Ao seu dispor. O que for possível, faremos. Vocês já têm as plantas?

Raspace foi abrindo a mala e retirando uns papéis bem dobrados.

— Estão aqui, aprovadas desde que construímos a parte da frente. Como era o plano, fizemos o principal. Agora queremos ampliar a área de atendimentos e precisamos de mais algumas salas.

Durante mais de meia hora, a conversa foi totalmente técnica, até que chegamos à fase comercial dos negócios. Foi Rodolfo quem abriu inteiramente as cartas sobre a mesa:

— O seu irmão, com quem estou em vias de fechar negócio, me disse que você iria facilitar os pagamentos, da mesma forma que atende os padres.

Desconfiei imediatamente de que Raul não tivesse revelado o fato. Mas não tive tempo de refletir a respeito e fui logo adiantando:

— Pra Igreja, eu cobro o preço que paguei mais os valores correspondentes às notas fiscais e impostos. Só que eles me pagam à vista.

Raspace, daí para frente, foi quem comandou as negociações:

— Nós não esperávamos tanto. Se o preço for conveniente, como o amigo está falando, levantamos um empréstimo bancário, a não ser que você se contente em receber os mesmos juros que o banco cobra.

Pedi um tempo para consultar o livro-caixa, enquanto realizava uns cálculos na velha máquina elétrica. Depois, ofereci os meus préstimos na seguinte conformidade:

— Vocês não vão retirar todo o material de uma única vez. Sendo assim, vou fornecendo de acordo com a necessidade e vocês vão efetuando os pagamentos conforme puderem, mensalmente.

Raspace concluiu:

— É como se nos abrisse uma caderneta como aquelas antigas, quando a gente comprava fiado na venda.

— Isso mesmo, com uma pequena diferença: vocês se obrigam a me responderem algumas perguntas que estão me ocorrendo agora.

Raspace continuou respondendo:

— Se for a respeito das atividades do centro, devemos dizer que as nossas verbas vêm da venda dos livros e das peças do bazar da pechincha...

Não o deixei prosseguir:

— As suas fontes de renda, eu conheço, porque li o balancete afixado no quadro de avisos. Sei que o principal dinheiro que apuram vem da dotação do Estado. Pra mim está ótimo. O que eu quero saber é se o centro pode funcionar tão bem de dia quanto à noite.

Aí, reproduzi as observações do Aristides.

Rodolfo, que se impacientava por ter permanecido em silêncio por tanto tempo, foi quem respondeu:

— Nas federações espíritas, que funcionam com médiuns durante todo o dia, tudo o que fazemos à noite, eles fazem também sob a luz do sol. Digo isso porque sei que você ia perguntar se se fecham as portas e janelas. É evidente que, para efeito de concentração espiritual, é recomendável que não haja nada a desviar a atenção dos trabalhadores, dos *obreiros*, como dizemos nós, carinhosamente, apesar desta palavra estar sendo contaminada por certa seita protestante.

Pareceu-me bastar a explicação, mas Raspace complementou:

— Os padres são useiros e vezeiros em acusar os espíritas de tudo realizar às escondidas. Acontece que as nossas atividades não são do interesse público, porque conversamos, orientamos os sofreadores ou somos encaminhados em nossas vidas, segundo os procedimentos de cada um. Se o Padre Aristides quiser, poderá ir assistir às conferências, podendo abrir os debates à vontade. O que ele faz reservadamente no confessionário, com certeza, não irá declarar de cima do púlpito. Por exemplo, ao saber que você ajuda a igreja dele, nós refletimos bastante a respeito de ele vir a boicotar as compras em sua loja por também nos auxiliar, mas concluímos que você não corre esse risco, uma vez que ele não vai encontrar ninguém mais que ofereça as mesmas vantagens. Então, desse lado, você não precisa temer.

Eu não havia suspeitado dessa possibilidade, contudo, as razões do presidente do centro me pareceram muito plausíveis. Mais tarde, iria meditar a respeito da clientela católica que acorria ao meu estabelecimento e iria ouvir Raimundo confirmar que o interesse das pessoas residia no ato de atender com honestidade, presteza e eficiência, o que manteria a casa sem preocupações de ordem financeira. Entretanto, aquele momento de indagação íntima repercutiu na mente de ambos como de dispensa.

Eles se despediram e se retiraram, enquanto eu abria **O Livro dos Médiuns**, bem no final, para ler algumas comunicações transcritas por Kardec, como para espantar o fantasma da acusação do padre de que o Espiritismo não recomendava esse saudável contato com o Criador. Se o livro todo ia parecendo-me bastante científico, esse último capítulo abrandava esse aspecto e me assegurava de que também existia uma religião espírita.

Com Luís:

Naquela mesma manhã, apareceu-me o Luís.

— Vim pra pedir desculpas pelo modo como procedi na academia.

Fui logo colocando panos quentes:

— Não reparei que você tenha agido mal em nenhum momento, apesar de reconhecer que não gostou do que disse o Raul.

— Não é verdade que ele abusou da minha paciência?

— Você não precisava ter dado tanto destaque pro motel.

— Mas ele não tem nada com isso.

— Eu achei que não tinha mal nenhum você levar sua mulher pra qualquer lugar em que se sintam bem. Mas Raul pode estar certo em imaginar que você esteja evitando ir ao centro.

— Quer saber mesmo?!... Pois eu não estava querendo ir e agora estou querendo menos ainda. Por isso, vim conversar com você. Quero saber se você acha se vale a pena a gente deixar as mordomias da religião católica...

— Eu não vejo mordomia nenhuma. A gente tem, como diz o Padre Aristides, com quem conversei bastante ontem, obrigações. Não são muitas, mas me parece que, no Espiritismo, nem isso existe. Segundo tenho entendido do pouco que vou lendo, o Espiritismo renova o Cristianismo do tempo de Jesus e dos apóstolos, quando o importante era o procedimento. Mas não vou fazer prévio juízo, porque li que muitos médiuns são perseguidos pelos espíritos de natureza inferior e precisam tomar cuidado pra não se virem nas garras deles.

— Qual é o remédio pra isso, porque eu acho que o Raul está correndo atrás de mim?...

— Não brinque com essas coisas. Estou aprendendo que o melhor é a gente proceder com cuidado, não dando chance pra que ninguém possa perturbar. Hoje mesmo, eu acho que fiz minha boa ação, como um bom escoteiro: facilitei a vida dos dirigentes do centro, dando crédito pras construções que eles querem fazer.

— Começou...

— Começou o quê?

— Começou a comilança...

— Alto lá! Partiu de mim o negócio todo...

Mas Luís foi categórico:

— Vamos abrandar os ânimos, senão, em vez de um irmão a me azucrinar, vou ter dois. Você não me respondeu: é preferível o Espiritismo ou o Catolicismo?

— E eu vou lá saber? Acho que depende do grau de desenvolvimento de cada um. Muita gente há de ficar satisfeita com o que se faz na Igreja. Outras pessoas procuram

alguma coisa mais de acordo com suas ideias e necessidades e vão encontrar o que fazer nos templos protestantes, nos terreiros da Umbanda, nas mesquitas, sinagogas e nos centros espíritas.

— Ainda bem que você pensa assim. Então, se eu não for com vocês quarta-feira...

— Lembra-se quando você me avisou de que tinha ficado de boca fechada? Pois agora não queira pôr palavras na minha boca, por favor. Limite-se a assumir inteira responsabilidade perante a sua mulher, porque eu acho que a minha e a do Raul vão cair em cima dela, *forçando a barra* pra que vocês nos acompanhem. Pelo que entendi, desta vez estão muito mais empenhadas, levando as coisas muito mais a sério. Eu mesmo tenho levado umas pancadas, porque não estou me afinando com os conceitos na mesma velocidade da Ana.

Notei que Luís estava, no mínimo, admirado com a minha loquacidade. Ficou por um bom tempo pensativo e eu o deixei a meditar, engolfando-me nas faturas e nos talonários fiscais, a orientar-me dentro da contabilidade, porque fazia questão de não entregar a escrituração a nenhum contador. Era o orgulho de quem ostentava na parede o diploma de *Administrador de Empresas*.

Ao sair, Luís confirmou-me:

— Quarta-feira, vou fazer um caminho diferente, pra não passar diante de nenhum motel.

Assim que saiu, liguei para casa a fim de contar as novidades.

Com Raul:

Na terça-feira, Raul e eu voltamos à academia. Luís não prometeu nada e também não compareceu.

Quando lá cheguei, Raul aguardava por mim na portaria e foi logo dizendo:

— Conversamos, Odete e eu, e achamos que fiz muito mal em provocar o Luís. Agora é que ele vai encontrar desculpas para não nos acompanhar ao centro.

Deixei em suspenso o fato de saber a resposta positiva do faltoso e provoquei os melindres da consciência do advogado:

— Sabe o que eu penso a respeito de sua atitude? Eu acho que você está muito entusiasmado com a doutrina espírita e quer que todo o mundo sinta o mesmo.

Raul, sempre pronto para responder, calou-se, como a esperar que eu terminasse os pensamentos. Prossegui, enquanto íamos para o vestiário:

— É bom que toda a família compartilhe dos mesmos sentimentos religiosos, contudo, cada um tem o seu nível evolutivo. Quando chegar a hora, Luís irá refletir que o saber não ocupa lugar na mente de ninguém.

De novo, Raul silenciou, enquanto fechávamos os armários. Fui um pouco além, já me empolgando com as razões que apresentava ao meu irmão mais velho e mais inteligente, que era como nós todos o considerávamos:

— Se Maria estiver realmente interessada, vai fazer que o marido se mexa. Aliás, falando em se mexer, que foi que você disse pros do centro, que foram correndo falar que os meus negócios com os padres eram especiais?

Não houve jeito. Raul se viu na obrigação de esclarecer:

— Depois que falei com eles, eu me arrependi. Foi como aconteceu com o Luís. Acho que estou precisando me benzer. Se você disser que fez o mesmo tipo de ajuste com o presidente do centro, vou ficar ainda mais convencido de que fazer o bem é complicado, quando se trata de relacionamento comercial.

— Do jeito que você fala, até parece que pretende passar sua comissão na venda do imóvel ao Rodolfo.

— Não vou, mesmo. A minha contribuição foi trabalhar em dobro para conseguir o melhor preço pelo sobradinho.

— Pois eu não vou perder nada, porque a venda que estou efetuando está coberta em todos os gastos, inclusive quanto ao transporte do material, porque eles têm quem faça o serviço. Perco apenas no tempo dos meus empregados. Não acho justo, nem nunca achei, que as pessoas cumprimentem com o chapéu alheio, embora acredite que eles ficaram tão contentes que vão nos ajudar em tudo que precisarmos. Se valer a promessa de responderem às nossas perguntas amanhã, já preparei bem umas quinze.

Raul, todavia, demonstrava o que o trazia preocupado:

— Tenho a certeza de que, se Luís comparecer, vai tornar os estudos mais alegres e mais positivos, apesar do respeito que aquele ambiente impõe.

Não resisti mais e contei a conversa com o Luís:

— Ele me confirmou que vai. Afinal, chegou à conclusão de que você estava certo.

— Que foi que você disse a ele?

— Nada de mais; apenas fiz referência ao fato de que as mulheres estão indo mais depressa que os homens.

— Não deve ter sido isso. Mas não vou perder tempo tentando descobrir. Amanhã, eu pergunto a ele.

— Não terá sido esse tipo de atitude que está gerando as complicações de seus relacionamentos? Você pensa muito depressa e logo vai despachando as ideias, como se a gente pudesse seguir. Calma, meu caro, que o santo é de barro...

Mas Raul não me deu ouvidos e repetiu:

— Amanhã, eu pergunto a ele.

Com Frederico, na tarde da terça-feira:

Este era um dos calados da reunião. Logo que foi entrando no depósito, eu o reconheci, sem precisar que Raimundo se adiantasse para as apresentações.

Frederico era um homem forte, de aparência bruta, como um desses trabalhadores que a gente contrata para os serviços mais pesados. No entanto, tinha um sorriso cativante, que se abriu, assim que me avistou:

— Boa tarde, *Seu* Cláudio!

— Boa tarde! Veio com o caminhão, pra retirada do material?

— O Raspace deve ter avisado o senhor.

Achei que o tratamento respeitoso convinha naquela circunstância e não reclamei, informando, em seguida:

— O material está separado. Se você encostar o caminhão no fundo do depósito, os peões carregam.

Dito e feito.

Enquanto iam pondo a areia, os pedriscos, o cimento, a cal e os tijolos sobre a carroceria, nós pudemos conversar um pouco. Fui eu que puxei o assunto:

— Você trabalha com transporte?

— Não, *Seu Cláudio*. O caminhão é do Raspace. Eu vou ajudar mesmo é na construção. Mas, sem material, vou ter de ficar olhando os pedreiros, porque a minha parte é ajudar na mistura.

— Quanto estão pagando pra você?

— Três salários.

— Não é muito...

— Pra mim é, que estou desempregado.

— E todo mundo trabalha remunerado, com pagamento?

— Claro!

— Eu pensava que o pessoal fazia os serviços de graça.

— Tem quem vai ajudar no fim de semana. Mas a turma do batente é tudo pago.

Emudeci. O mais que conversamos foi *pro forma*. Eu perguntei se ele estava gostando da reunião, ao que me respondeu:

— Pra mim e pra minha mulher é muito difícil. Eles deram um livro pra ler, mas, se ninguém ajudar, nós vamos ficar *boiando*.

Imaginei que esse tipo de inteligência era mais prática. Eu tinha estado tão envolvido com as leituras que me esqueci completamente de que existem pessoas analfabetas. Passou-me pela cabeça que não deveriam juntar advogados e empresários com serventes de pedreiro. Aí, cometi uma indiscrição de que me lamento até hoje:

— Você e sua mulher pretendem continuar frequentando o centro?

O bom homem não sabia o que responder, porque não atinava com a razão da pergunta. Para ele, era tão importante ser recebido num ambiente reservado para gente estudada que a minha pergunta ressoou, evidentemente, como um menosprezo. Contudo, foi político ao explicar:

— A minha mulher acha que está vendo coisas. Disseram que tinha de *desenvolver*. Ela teve medo e me arrastou pra lá. Amanhã é a terceira vez que a gente vai. Se a gente não aprender nada, pelo menos conheceu pessoas importantes, que sabem falar bem, pondo cada coisa no devido lugar. O senhor vai à palestra de hoje à noite?

— Não.

Não sabia como remendar mas, sem dar impressão de que tinha percebido a minha *mancada*, ele encerrou a conversa:

— Então, a gente se vê amanhã. Agora nós vamos nos encontrar sempre, cada vez que tiver de encostar o caminhão.

— Diga pro Raspace que não se preocupe com as notas fiscais que você está levando. Amanhã eu acerto com ele.

Frederico abriu de novo a simpatia de seu melhor sorriso e foi embora, cuidadoso com as manobras dentro do pátio. Eu é que dei um encontrão no Raimundo, quando me virei para entrar.

— Desculpe, chefe, mas o senhor está sendo solicitado no balcão.

Nem quis saber se também ele ia à conferência. Tinha a certeza de que sim.

Com a família:

Por muito estranho possa parecer, passei o resto da tarde da terça-feira com a impressão de que à noite iria ao centro. Várias vezes, precisei vencer a tentação de ligar para Ana, porque me compenetrava de que as decisões que envolvem outras pessoas devem ser tomadas com tempo hábil, de preferência debaixo de ponderações na presença delas. Em resumo, andava de um lado para o outro dentro do escritório, saía para a loja, cruzava o pátio do depósito, ia até o armazém do fundo, sem me dar conta de que os empregados me observavam. Ao se retirar, Raimundo ainda me perguntou:

— O senhor vai ao centro hoje?

— Não pretendo, mas até que a ideia está na minha cabeça.

Ele se foi e eu fiquei a martelar na mente a confissão que não se havia delineado claramente.

Cheguei um pouco mais cedo em casa, talvez com a intenção inconsciente de dar tempo a Ana de providenciar alguém para tomar conta das crianças. Mas não fiquei a papear com ela, habituado a tomar banho depois do trabalho. Em dias de ginástica, banhava-me na academia. Mesmo assim, fui ao escritório, com a desculpa de ler os livros que recebera dela, e me pus a meditar a respeito da crescente necessidade de participar da vida comunitária no centro espírita.

Passaram-me pela cabeça muitas ideias fantasiosas que não vale a pena citar, mas devo dizer que a influência daquele imponderável desejo acabou por me adormecer.

Uma hora mais tarde, senti leve vibração no ombro. Era Ana a me acordar:

— Querido, vamos jantar?

Acordei um tanto acabrunhado, sôfrego, buscando ver que horas eram. Quase oito. Não dava mais para ir ao centro. Respirei aliviado, como a demonstrar ao espírito que as coisas não são tão ruins quando não acontecem conforme sua premência psicológica.

Ana, porém, saiu-me com uma que eu não podia esperar:

— Sabe, Claudinho, eu passei o dia todo pensando em ir ao centro pra ouvir o palestrante das terças.

— Você acreditará se lhe disser que eu também?

Olhamo-nos fixamente dentro dos olhos, como a tentar enxergar a alma.

Tentei explicar o meu sono:

— Como não estava querendo ceder à tentação de convidá-la, fugi de você e vim pensar sobre tudo o que tem acontecido comigo desde que me comprometi com o centro. Acho que dormi por influência do inconsciente, pra não ficar aflito por permanecer em casa. Que está acontecendo? Serão os espíritos que estão infiltrados em nossa auréola espiritual?

— Pode bem ser que os benfeitores da gente estejam sugerindo que devemos ir ao centro. A acreditar na existência do mundo dos espíritos, temos de aceitar que eles participam ativamente de nossas existências.

— Você tem certeza do que está falando?

— Não completamente, mas tudo me leva a crer em que o plano espiritual está relacionado com o nosso. Você está supondo que eles querem que a gente vá ao centro. Pra mim, pareceu outra coisa. Vamos ver se você adivinha.

Por mais que a minha imaginação trabalhasse, não pude pensar a não ser no desejo de receber um passe e de beber da tal água fluidificada.

— Não é nada disso. Eu preparei a mesa da sala pra gente fazer o evangelho no lar. Não lhe parece que é a solução pras terças-feiras?

— Genial, desde que não desperdicemos o tempo com religião em lugar de ficar brincando com as crianças. São eles que precisam de nós.

— Pois os dois podem ficar com a gente. Assim, o Lucas vai aprendendo a respeitar os livros e o Mateus vai se acostumando com certas conversas edificantes, sem a televisão ligada. Ou você faz questão de assistir ao jornal?

Decidimos que iríamos jantar em seguida, deixando a leitura de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, de Kardec, para depois. Assim, enquanto comemos, vimos o noticiário, o qual nos deu diversos temas para discutir, como o da violência urbana e o da ganância das pessoas que desconsideram que o dinheiro do governo é de todo o povo. Só não vou relatar como foi a nossa sessão de estudos porque, então, deveria transcrever todas as maravilhosas ponderações do Codificador a respeito dos temas morais, além, é claro, de reproduzir as passagens dos **Evangelhos** que lhe serviram de base. Basta assinalar que abrimos o livro ao acaso, conforme sugeriram no centro, porque, dessa forma, os espíritos poderiam interferir na escolha do texto. Intimamente, eu desconfiava que era mera superstição, mas, como não custava, aceitei que fosse desse jeito. Por coincidência, abrimos no capítulo nono, *Bem-aventurados os mansos e pacíficos*, onde se trata das injúrias e violências, com destaque para a afabilidade e a doçura; a paciência; a obediência e a resignação; e a cólera.

11. O DIA DA REUNIÃO

A quarta-feira amanheceu com o céu encoberto. Ameaçava chover. Para quem tem negócios como o meu, tais dias são dedicados às tarefas internas, como organização do armazém, verificação de estoque, avaliação contábil, reunião com o pessoal ou observações pessoais quanto ao desempenho dos funcionários.

Realmente, antes das oito, começaram as bátegas, prometendo o dia ser todo molhado.

Foi assim que não tive ensejo de pensar muito no Espiritismo, apesar de me surpreender, algumas vezes, sonhando com algum tema filosófico ou religioso, ainda sob as impressões do texto lido na companhia de Ana. Outras vezes, me lembrava do Lucas, sentadinho no seu cadeirão, olhando para nós como a nos interrogar sobre aquela novidade caseira. Como dávamos atenção a ele e aos brinquedos que manuseava, não nos perturbou nenhuma vez.

“Será que, se ficarmos mais de meia hora estudando, ele não vai se cansar?”

Fiz-me a pergunta enquanto comia, solitário, a minha salada mista, da qual não provei o presunto, que pus noutro prato. A água mineral sem gás pareceu-me deliciosamente gelada e o mamão caiu refrescante no meu estômago, na hora da sobremesa. Achei, depois de tudo, que fizera mal em não pedir nenhum prato quente e me

determinei, para a próxima quarta-feira, a ir comer um bife de soja com molho de tomate no restaurante macrobiótico.

Foi quando notei que os meus pensamentos se enfronhavam nos menores gestos, como a refletir como é que um espírita autêntico reagiria em cada situação particular da vida. Pensei em Kardec antes de codificar o Espiritismo. Como é que se portava em relação ao pensamento religioso? Ia à igreja? Que Igreja? Ouvira Raul dizer que *a carne nutre a carne*, segundo o ensinamento dos espíritos. Por que é que eu, que tanto me regalava com os meus galletos, punha de lado umas simples fatias de presunto? Se Jesus se sentasse à mesa ao lado, partiria o pão e serviria o vinho? Conhecia os **Evangelhos** a ponto de me lembrar de que Jesus é citado comendo um naco de peixe. Lembrei-me de Aristides brincando, dizendo que Jesus tinha comido o peixe depois de morto, *ele e o peixe*, fazendo referência ao fato de o episódio ter acontecido depois da ressurreição do Senhor.

Mas as minhas meditações não progrediram, porque não tinha como subsidiar as respostas. Fácil era realizar as perguntas.

“Pobre coitada da Rosa Maria, que vai ter de se virar com as minhas questões.”

À tarde, a chuva aumentou e pude prever problemas no trânsito. O caminho de casa para o centro vinha no refluxo do *rush*, de sorte que não enfrentaria congestionamentos. O que me preocupou foi a ida até em casa. Sendo assim, para evitar conturbações de última hora, liguei para o Raul e para o Luís, avisando-os do meu pressentimento, rogando-lhes para que saíssem com folga do trabalho e de casa. Adverti também a Ana, para que providenciasse tudo com antecedência.

Às cinco horas, saí, deixando com os responsáveis pelas diferentes seções a tarefa de encerrar o expediente.

Realmente, o trajeto estava tumultuado, havendo pontos críticos de inundação. Contudo, apesar de lento, os veículos avançavam, de modo que, às seis e meia, estacionei em frente de casa.

Dali liguei novamente para meus irmãos, mas não contatei nenhum dos dois, com certeza presos nas ruas engarrafadas. Percebi a falta que fazia um telefone no centro, porque ficaria sabendo se seria ou não adiada a reunião. Hoje, a telefonia celular resolve o problema, porém, naquela época, esse recurso tecnológico não existia no Brasil.

Às quinze para as sete, estávamos, Ana e eu, a caminho do *“Coração Amoroso de Jesus”*, aonde chegamos sem transtornos, às sete e quinze. As portas estavam fechadas e não notamos nenhum movimento externo. Permanecemos, pois, no carro, conversando a respeito dos últimos acontecimentos, apenas no sentido de jogar conversa fora. O que nos valia era a sensação de que a noite estaria perdida, porque era bem possível que as pessoas não chegassem. Foram quinze minutos de expectativa.

Num relato que pretende abranger vários anos de atividades, pode parecer completamente incongruente, impróprio, incompatível, que esteja a descrever simples quinze minutos de vazio. Mas há momentos inesquecíveis e esses foram muito significativos para a minha ânsia absolutamente incompreensível do que estava fazendo parado, no meio da rua, à espera de pessoas que, até bem pouco tempo, nada representavam para mim nem para minha esposa.

Mas chegou Raspace acompanhado de Rosa Maria e de Rodolfo. Fomos recepcionados ainda no carro e convidados a entrar. Logo foram chegando as outras

peessoas, Raul e Odete, inclusive, de maneira que, exatamente no horário combinado das sete e quarenta e cinco, estávamos todos, com exceção de quem? Do Luís, naturalmente; e também da Maria.

Frederico veio cumprimentar-me efusivo, trazendo a tiracolo a mulher, Dona Alzira, morena de tez bem escura, com leves traços da raça negra. Quando jovem, deveria ter entortado a cabeça do peão.

Desta vez, não havendo nenhum novato, Rosa Maria assumiu o comando desde o início, solicitando ao Jurandir que efetuasse a prece de abertura.

Não sabendo se era hábito nos centros espíritas, estranhei o fato de amainarem a luminosidade. Mas, diferentemente das outras vezes, estava bem mais alerta, com a mente desanuviada, descansado e atento, pronto para desfechar as questões que trazia na ponta da língua.

Rosa Maria reacendeu as lâmpadas e abriu a sessão:

— Vamos dar oportunidade a que quem não falou da última vez que inicie os assuntos de seu interesse. Com a palavra o Senhor Rui ou a sua esposa, Dona Valéria. Quem queira começar. Digam por que vieram procurar o centro, ou seja, qual o interesse de vocês no Espiritismo.

Rui e Valéria constituíam o outro casal que comparecia pela terceira vez. Foi o marido quem, mais desenvolvido do que fazia supor sua quietude da sessão anterior, esclareceu:

— Há cerca de seis meses, perdemos um filho de vinte e dois anos, num acidente de trânsito. Estava num racha e bateu de encontro a um poste. Morreu na hora. Nós éramos cristãos, vamos dizer assim, porque vínhamos frequentando os templos evangélicos, nunca satisfeitos com este ou aquele. Quando aconteceu o acidente, se é que podemos dizer que foi acidente, o pastor nos responsabilizou pela falta de educação do rapaz. Tivemos de abaixar a cabeça e reconhecer que foi isso mesmo o que aconteceu. Um amigo nosso, que ouviu o sermão, não gostou da atitude dele e nos aconselhou que procurássemos outras explicações, porque o nosso filho era maior de idade, brasileiro, vacinado e dono do próprio nariz, desde os quinze anos de idade, quando assumiu a independência de quem ganha o próprio sustento. Um colega de serviço nos emprestou um livro de relatos de casos parecidos de jovens desencarnados, escritos pelo Chico, com nome, sobrenome e endereço das pessoas. Então, quisemos vir comprovar se existe essa possibilidade de conversar com os espíritos, o que é completamente proibido na nossa religião, onde se fala que é o demônio que vem enganar as pessoas. Não foi só uma vez que vimos os pastores *amarrando* as pessoas tomadas pelo maligno, em nome de Jesus. Mas os casos do Chico eram muito diferentes, por isso, cá estamos, sem saber direito o que pensar, porque nos disseram pra *ficarmos na nossa*, por uns tempos, ouvindo as aulas. Posso ser franco? Até agora não estamos vendo nada muito diferente, porque, lá no templo, as pessoas eram convidadas a dar os seus testemunhos, contando os seus problemas, do mesmo jeito que aqui.

Talvez para atenuar a crítica do marido, Valéria tomou a palavra:

— Não pensem, pelo amor de Deus, que estamos querendo falar com o Diogo. Não é isso o que nos traz a este posto. Estamos querendo saber se é possível que o espírito dele

tenha completado o curso de sua estada na Terra ou se a gente pode entender a sua morte como uma fatalidade do destino.

Passou pela minha mente, como deve ter passado pelas de todos, que, na verdade, eles estavam querendo aliviar a sobrecarga da acusação de desleixo.

“Como fazer que vejam claramente essa intenção, sem magoar nenhum dos dois?” — era a pergunta que me estava fazendo, quando Rosa voltou às discussões:

— Pelas leituras de vocês, quem gostaria de falar a respeito do provável estado do Diogo, seis meses após o desastre?

Houve um silêncio que confirmava as minhas suspeitas. Mas Rosa não passou adiante nem se empenhou na proposta. Ficou aguardando o pronunciamento da turma.

O mais afoito, sem dúvida, era o Jurandir, mas, dessa vez, foi Joana quem falou:

— Quanto ao grau de adiantamento do seu filho, nada posso dizer, porque não conheci o rapaz. Parece-me, entretanto, que ele não estava tentando fazer nada pra contrariar ou ofender os pais. Pensando pelas minhas atitudes e as de meus irmãos, essa mania de deixar os pais tristes, com a consciência pesada, é dos mais novos, dos adolescentes, ainda quando muito pressionados. Pra tirar mais conclusões, é preciso saber se vocês brigavam muito com ele.

A pergunta devolvia à exposição dos interessados o centro de interesse dos debates, contudo, Rosa não acatou a intervenção e renovou a instigação que fizera ao grupo:

— Não vamos ficar remoendo os fatos, senão a gente acaba dando mais importância pra vida terrena, quando o nosso fim é o de levar ao entendimento dos conceitos da doutrina dos espíritos. Sendo assim, acho muito mais eficaz que alguém comente a observação a respeito da *fatalidade do destino* mencionada por Dona Valéria.

Olhei para Raul, a ver se o advogado estava propenso a se estender sobre o tema. Ele, no entanto, estava cabisbaixo, riscando uma folha em que pude notar que se encontravam algumas anotações. Dei a volta, a partir dele, que estava ao meu lado, e pude ver que ninguém estava verdadeiramente confiante para desenvolver aquele aspecto doutrinário.

Como o silêncio ameaçava estender-se, arrisquei uma simples observação:

— Eu acho (se alguém não estiver de acordo que diga) que os pais que perdem seus filhos em desastres, onde a imprudência foi o maior fator, devem ficar atentos pras respostas do tipo mais penoso. Pelo que li em Kardec (devo dizer que li muito pouco), a morte dos filhos, por agredir de qualquer forma os pais, deve ser vista como um sofrimento a ser compreendido, porque está nas leis de Deus fazer que as pessoas tenham de passar por esses momentos de dor pra resgate de antigos desajustes.

Falei com o coração a sair pela boca, temeroso justamente de magoar os dois companheiros, mas embalado pela sensação íntima de que eles queriam ouvir algo de mais substancioso a respeito de sua tragédia pessoal.

Todos os olhares se voltaram para mim com certa expectativa. Até Raul suspendeu os rabiscos para me fitar. Fiquei envergonhado, tanto que, mais tarde, Ana me contou que o meu rosto se coloriu de vermelho. Hoje, a lembrança do fato me aperta o coração por haver sido um tanto rude, um tanto cru, mas foi através de lances desse naipe que vim desenvolvendo os meus recursos no campo das ideias espíritas.

Para evitar o constrangimento geral, imediatamente, Rosa Maria perguntou:

— Quem sabe definir a diferença entre a interpretação do pastor, que responsabilizou os pais, com a do Espiritismo, que afirma que eles, por alguma razão anterior e desconhecida, tinham de passar por semelhante transe?

Eu mesmo me atrevera a responder, não se houvesse Joana antecipado:

— Meus irmãos, se alguém acusar o amigo Cláudio, que falou com tanto medo a respeito da tese espírita, deve fazer valer o fato de ser muito novo nos estudos. Eu mesmo, quando vivo, enganei-me frequentemente ao interpretar os ensinamentos de Kardec, sem entender direito nem as parábolas de Jesus. Se o padre insiste em atribuir aos pais parte da culpa, tem por objetivo excluir, talvez, o conceito perverso de que o rapaz tivesse tido um impulso suicida inconsciente. Pode, desse modo, rezar pela alma do filho e levar os pais ao confessionário, para o perdão que acredita piamente ser capaz de dar em nome de Deus. O colega de turma, ao referir-se a possíveis dívidas desde outras encarnações entre os parentes, está aplicando com rigor o princípio da lei maior, qual seja, o de que cabe às pessoas amar a Deus, em primeiro lugar, e aos semelhantes, em seguida. Quando Rui e Valéria estabeleceram o roteiro de sua vida, admitiram no círculo familiar aquela personagem que se revelou rebelde. Com que fito? Naturalmente o de educar, através dos cuidados da criação e da formação de caráter. Por que razão? Por amor ao Pai, segundo os deveres de uns para com os outros. Estão tristes por terem perdido a criatura originada de seu próprio sangue? Por certo. Julgam que cumpriram o seu dever? Sem dúvida. Devem achar que iriam sofrer tão grande desdita? Pelo que disse o companheiro espírita, sim, porque o orbe terráqueo agasalha espíritos de baixa categoria, no divino intuito de aperfeiçoamento. Ora, as luzes nos chegam quer pelo amor, quer pela dor, que são os dois prismas mais adequados de se observar o gênero humano enquanto necessitado de aprendizado. Sendo assim, a teoria enunciada de modo um tanto tímido pelo amigo Cláudio significa, na realidade, que existe um compartilhamento universal entre as pessoas em função de que todos os encarnados passam pelo mesmo crivo da razão e da emoção, solidarizando-se, portanto, na assistência que se devem uns aos outros. Leio no coração de todos que houve muita rudeza nos termos em que foi colocada a lei do carma ou da necessidade de resgate de débitos anteriores, contudo vocês precisam perdoar a maneira como ele disse, concentrando-se no seu intento de auxiliar, que é o que verdadeiramente importa. Talvez esteja eu agora ferindo uma das regras da reunião, mas achei que era muito oportuno o momento para inserir, no bloco dos temas em discussão, o valor das meditações providas dos benfeitores individuais, como ainda para que tenham, de modo vívido, um exemplo de comunicação mediúnica espontânea. Meu nome não importa, mas podem referir-se a mim como Diogo.

Todos entendemos perfeitamente o recado mas era visível o espanto de cada um, a começar pela própria Joana, que não sabia onde esconder o olhar lacrimajado.

Rosa Maria estava um pouco atônita, porém, manteve-se calma e ganhou tempo, propondo ao grupo:

— Quem tem dúvidas a respeito de termos ouvido uma real mensagem do etéreo deve guardar silêncio e permitir aos que acreditam *piamente* em que Joana deu curso à palavra que ouviu de seu orientador espiritual que façam algum comentário positivo.

Ficou-me evidente que a monitora do grupo não desejava polemizar. No entanto, foi impossível conter o arrebatamento do casal. Em lágrimas, Valéria asseverou:

— Tenho a certeza de que ouvimos o meu próprio Diogo falando. Vocês não precisam mais discutir em que ponto evolutivo se encontra. Acho que está muito bem e que veio mostrar pra nós que a vida deve ser aceita com todos os desastres e tragédias e que a gente tem de fazer sempre o bem, apesar de parecer que Deus está sendo injusto. Nós é que não compreendemos como é que o Senhor escreve direito nas linhas tortas.

Rui acrescentou:

— Enquanto ele falava, eu ia me lembrando das expressões que o meu filho usava e muitas eram essas mesmas.

Nesse momento, quando ia no auge o sentimento de todos, apontou Rodolfo, fazendo um sinal para Rosa e chamando por Raul:

— Doutor, por favor, quer sair um instante?

Instintivamente, meu coração se encheu de maus pressentimentos, vendo na minha frente o quadro do acidente do Diogo, carro contra o poste, mas trocando a personagem por meu irmão Luís.

Dez segundos depois, retornou Raul e foi logo dirigindo-se a Rosa:

— Precisamos sair porque meu irmão Luís sofreu um acidente. Está no hospital e sua mulher também. Parece que estão bem mas o recado é que precisamos ir pra lá. Com licença.

Do lado de fora, encontramos os policiais que vieram avisar sobre a ocorrência. Dispuseram-se a levar-nos, porém, dispensamos os guardas, solicitando-lhes apenas que nos indicassem em que hospital estavam os acidentados.

Em meia hora, indo bem devagar por causa do trânsito, chegávamos ao Hospital do Bom Samaritano, com que mantínhamos convênios médicos.

Localizamos Luís na enfermaria. Antes de entrarmos, o médico de plantão nos avisou:

— O seu irmão tem um hematoma na cabeça. Mas não se impressionem com a inflamação, porque as radiografias não revelaram fratura. Ele tem de ficar sob observação durante, no mínimo, oito horas. O trabalho de vocês vai ser manter o paciente acordado. Quanto à esposa, teve um corte profundo no rosto e está passando por cirurgia de restauro epidérmico, para não ficar nenhuma cicatriz. Quanto a fraturas, nada foi revelado pelos raios X. Ela também, após a operação, vai ter de ficar acordada pelas mesmas oito horas. Fiquem tranquilos que ninguém está correndo risco de vida.

Raul quis saber das outras pessoas envolvidas no acidente, porém, o médico soube informar apenas que não tinham sido levadas para aquele hospital.

Encontramos Luís animado:

— Bons olhos os vejam! Que bom que vocês vieram!

Raul obstou qualquer manifestação descontraída:

— A sua mulher está sendo operada e você com gracinhas...

Luís não deu sinais de desesperança:

— Ela está sendo tratada por especialistas. Talvez fique com a marca no rosto, mas terá do que falar com as amigas.

Novamente, Raul se impacientou:

— Por que você está dizendo isso? Qual foi sua responsabilidade no acidente? Parece que o culpado foi o outro.

— Quer mesmo saber?

— Claro que quero!

— Pois estou rindo pra não chorar. A gente toma todo cuidado do mundo e vem um imbecil e abalroa o veículo que está na preferencial.

— Você não estava na avenida.

— Eu falei pro Cláudio que ia pegar outra via pra não passar na frente do motel...

Eu interferi:

— Não precisava ser tão ao pé da letra.

— Na verdade, não foi por essa razão. É que estava um tanto atrasado e tentei umas ruas menos cheias. Parece que não fui só eu.

Raul, talvez achando que a conversa não tinha nenhum objetivo, quis pôr as coisas nos devidos lugares:

— Como vocês vieram parar aqui?

— O resgate da polícia nos trouxe. Aliás, meu caro advogado, é bom você ir atrás do boletim de ocorrência, que eu vou precisar pro seguro. A Delegacia é a do bairro.

— Eu sei onde fica, esclareceu Raul. Mas essa providência é muito cedo ainda para ser tomada. Pegaram o nome do responsável?

— O carro dele ficou pior do que o meu. Ele não está no hospital?

Tentei participar da conversa:

— Nem todo o mundo mantém convênios médicos.

Luís observou:

— A considerar o fato de que o carro dele é do ano, deve ser alguém de certa posse.

Visivelmente insatisfeito com o rumo da conversação, Raul encerrou sua participação:

— Vou atrás de notícias a respeito do sujeito, de como está, se a descrição foi correta etc. Fique com o Cláudio. Você sabe que não pode dormir?

— E por que você acha que estou esticando os assuntos?

— Até logo. Não vou voltar sem novidades.

Assim que Raul se retirou, Luís perguntou:

— Que está havendo com ele?

— Está aborrecido desde que não viu vocês no centro. Deve ter pensado que iam falhar de novo. Depois, com certeza, imaginou-se culpado pelo acidente, porque estavam indo justamente pro lugar que ele tanto insistiu. Até parece que você está com espíritos obsessores impedindo de aproximar de lá.

Luís demorou um pouco para responder. Enfim, disse:

— Você acredita mesmo no que está falando?

Aí, quem precisou pensar bastante fui eu. Mas esclareci:

— O seu acidente interrompeu uma reunião que me pareceu muito instrutiva. Sabe que baixou uma entidade pra comentar justamente a respeito de um caso de morte na via pública?

— Alguém pensou em mim e agourou o mesmo destino.

— Pode brincar à vontade. Acontece que, naquela altura, o seu acidente já devia ter acontecido.

— Então, foi um aviso.

Estava imaginando uma resposta séria, doutrinária, pelos postulados que já conhecia, quando me inteirei de que o Luís estava apenas a gracejar, sem interesse nenhum nas explicações. Mudei de rumo:

— Vou propor um tema pra você pensar a respeito e me ajudar a entender um ponto muito duvidoso. Depois que o espírito deu a comunicação, os pais acharam que era ele mesmo o filho perdido, porque a moça que serviu de médium falou que a gente podia chamar *ele* de Diogo, que era o nome do desastrado.

— Eu acho que ela sabia o nome do rapaz.

— Ela sabia. Mas a minha questão é outra. Preste atenção. O espírito, que se disse benfeitor da família, revelou que, em vida, lera os livros de Allan Kardec e os **Evangelhos**. Eu não creio que o rapaz que morreu tivesse essas leituras. Como é que os pais acharam que era o filho quem estava falando conosco? E tem mais. As palavras demonstraram que se trata de alguém muito ponderado, porque perdoou o pastor que havia acusado os pais pelo insucesso da educação do filho, como também ajudou a gente a respeitar a minha dureza...

Foram precisos quarenta minutos para pôr o meu irmão a par de tudo o que se passou na reunião. Por incrível que pareça, ele ficou absorto, cismando sobre cada palavra que eu lhe dizia. Não chegamos, porém, a nenhum resultado diferente da conclusão mais óbvia para quem não possui domínio sobre todos os fios do enredo:

— Sabe, Cláudio, acho que os pais estão procurando a muleta religiosa que vai ajudar *eles* a caminhar daqui pra frente, porque perder um filho não é *mole*.

Concordei e acrescentei:

— É precisamente como penso. Acho também que eles não vão voltar mais ao centro, pois a saída pro *testemunho* foi o elemento que faltava pra eles se conformarem com a justiça de Deus, tanto que a mulher logo foi falando que Deus escreve direito por linhas tortas.

— Frase feita e engatilhada pra ocasião.

Foi quando voltou Raul, com novidades:

— Sabem qual é o nome do *cara*...

— *Cara?! —* estranhei a linguagem do advogado. Mas ele prosseguiu, sem *dar a mínima*:

— Aldo Frontier de Sousa.

Luís e eu traduzimos, espantados:

— O Padre Aristides?!...

— Ele mesmo.

12. DUAS SEMANAS DEPOIS

Procurarei um modo menos brusco de trazer as notícias do trágico acidente em que se transformou o abalroamento. Devo dizer que gostaria de amenizar o desfecho do

episódio, mas pareceria insensível se, gracejando, dissesse que Maria pôs luto e que Aristides não deixou viúva inconsolável apenas porque era celibatário.

Em consideração aos leitores mais rigorosos com a trama, advirto que não estou retirando duas personagens para efeito da economia do enredo, porque o que pesa nas obras espíritas é o fato de que a morte apenas oculta, sem jamais eliminar.

O que pode comover é o desperdício das vidas jovens, porque houve lágrimas a serem enxutas e filhos despojados de pai amoroso e preocupado. Também Maria teve de assumir a responsabilidade dos negócios, para o que passou a ter a ajuda do Raul, enquanto ia aprendendo comigo os segredos da administração. Inteligente, nunca perdeu o ritmo empreendedor que demonstrou possuir desde o início. Aliás, sem julgar as cicatrizes que lhe ficaram no coração, a da face quase não se percebia, especialmente quando a maquilagem se fazia especial.

Resta explicar as causas físicas da morte, tendo Luís passado algumas horas cômico, alegre até. Acontece que se manifestou um edema ou algo semelhante, fenômeno que qualquer facultativo médico poderá elucidar. Quanto a mim, chorei bastante a perda do mano querido e busquei compreender o divino sinal, porque, na ocasião, tudo começava a parecer-me lógico dentro do esquema irreversível da lei de causa e efeito.

Certamente, ouvi, entre outras conjeturas, que a morte de Luís estava programada, porque seu avanço espiritual não lhe diagnosticava permanência na carne muito extensa. Quem pensava desse modo me viu formalmente agradecido, embora, no seio de meu ser, nas profundezas de minha alma, plantada estivesse a sementinha da dúvida quanto a tanta simplicidade de fundamentação doutrinária.

Houve dois procedimentos mentais preponderantes durante as duas semanas que se seguiram.

O primeiro, mais agudo e extraordinariamente emotivo, concentrava-se na ideia de que o Espiritismo havia adentrado as nossas existências em conjunto com os problemas da vida e da morte. Quando me recordava do passamento de meus pais, isso tinha valor histórico. Era como se tivesse acontecido a outra pessoa. Era o mesmo que raciocinar sobre o falecimento dos pais de Ana. A morte de Luís surpreendeu-nos em plena efervescência filosófica, apanhando-nos *de calças curtas* durante o abandono da Igreja Católica.

O segundo, relacionado ao anterior, mas bem mais tênue quanto aos sentimentos envolvidos, dizia respeito à perda do amigo e confessor, tanto que, em momento algum, levantamos a voz para acusar a culpa, que era flagrante, da imprevidência do sacerdote—motorista. É claro que imaginávamos o que estaria levando o padre a dirigir tão apressado, mas, aconselhados pelas palavras evangélicas, não emitíamos juízo de valor, crendo que seríamos medidos pela mesma medida com que medíssemos.

Compareceu a família à realização da missa de sétimo dia encomendada pela diocese, agradecendo muito que fosse sagrada em memória dos dois. Não nos importamos em ajoelhar e em nos persignarmos. Recusamos a confissão e a comunhão, mas todos umedecemos os lenços na hora da pregação do monsenhor.

Sem o intuito de causar distúrbios religiosos, preciso confirmar a presença no templo dos amigos do centro espírita, estes, sim, pelo que me foi dado observar, conservando a dignidade de uma atitude equidistante entre a amizade confortadora e a subserviência ao serviço eclesiástico.

No dia anterior ao da missa, a reunião da quarta-feira não nos agasalhou. Em casa, na terça, recebemos Raul e Odete, mais Maria, quando efetuamos a leitura de um trecho de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Talvez tivesse alguma observação importante para extrair dos ânimos, porém, tão abatidos estávamos que o máximo que posso afiançar, sem medo de incorrer em imprecisão, é que Raul se supunha causador indireto da morte de Luís.

No entanto, a vida prossegue e a gente não tem como não abrir as portas do comércio, porque servimos ao público, sob as leis comunitárias. Também o sofrimento não pode prevalecer para sempre, senão teríamos de chorar a crucificação do Cristo pela eternidade. O sangue corre pelas veias, exigindo que se tempere de oxigênio. A respiração pode ficar irregular e o peito constrangido pela ansiedade subjetiva de querer volver o tempo para um instante anterior à desgraça, contudo, aos poucos, as mentes se reequilibram e as exigências sociais impelem à ação.

Sei que a abertura deste segundo ato de minhas recordações está fortemente impregnada das impressões do luto e das reflexões filosóficas posteriores, todavia, mesmo assim, empenho-me em fazê-las o mais fidedignas possíveis, em relação às verdades que venho assimilando dentro do centro espírita.

Para aliviar o peso desta introdução, deveria descrever a reunião seguinte, duas semanas depois. Entretanto, embora hesite em volver a outro problema que enfrentamos, vou sumariar, para ilustração, um acontecimento, que precedeu a nossa ida ao centro.

Correu à boca pequena que o Padre Aristides não estava dirigindo o carro, tendo o motorista verdadeiro fugido. Se o povo se desse ao trabalho de investigar os relatórios oficiais, iria verificar que o nome civil do sacerdote estava consignado como causador do acidente. Mas o pessoal da igreja descarregou sua frustração no Luís, achando que havia sido ele quem tinha provocado a morte de ambos. Não sei se por causa de estarmos frequentando o centro, se por sermos da família do indigitado, sofremos a desdita de termos muitos rostos virados à nossa passagem. Na missa, quando entramos, escutamos um zunzum que atribuímos à curiosidade. No entanto, quando recebemos as condolências apenas dos mais íntimos e dos representantes oficiais do clero, ficou evidenciado, principalmente porque os familiares de Aristides se viram cercados, que estávamos sendo rejeitados pelos fiéis.

Feito o registro, passo a descrever o clima da sessão de estudos. Começo dizendo que estavam todos presentes, exceção feita de Joana, conforme nos explicou Rosa Maria:

— Tendo em vista a faculdade mediúnica da confreira, julgamos que seria melhor que fosse imediatamente transferida pra classe mais adiantada, o que se deu já na reunião anterior. Pra que saibam como transcorreu, vou pedir a alguém pra que faça um resumo. O que eu desejo ressaltar é que dedicamos boa parte do tempo pra orar em favor de pronto desvelamento da consciência do seu irmão e do padre.

Prontificou-se Jurandir:

— Antes de contar como foi a última reunião, devo referir duas ou três ponderações que se fizeram depois que vocês saíram, no fatídico dia do desastre. É importante para que entendam os pontos principais da última sessão. Em primeiro lugar, Joana recusou-se a admitir que tivesse ouvido o nome do filho do *Seu* Rui, embora todos tivéssemos dito que sabíamos que o nome dele era Diogo. Mas isso não teria nenhuma

consequência, não fosse pelas afirmações dos pais, que podem ratificar agora, segundo as quais o filho nada sabia de Espiritismo e nunca se dera à leitura dos **Evangelhos**. Vocês devem estar lembrados daquilo que o espírito que se manifestou disse a respeito. Por outro lado, o nível da linguagem e o desenvolvimento das ideias demonstravam uma entidade bem dotada de intelecto, o que supusemos que não fosse o caso do Diogo, conforme concordaram os pais. Então, suspeitamos que se tratava de um guia ou benfeitor, com o intuito de colocar as coisas em seus devidos lugares, para que ninguém ficasse levantando hipóteses desairosas, deselegantes, agressivas, contra o amigo Cláudio ou contra os padres de modo geral. Foi assim que acabou a discussão.

Rosa Maria aproveitou o momento de tomada de fôlego de Jurandir, para dizer o que pensava a respeito da manifestação do rapaz:

— Vejo que você esteve pensando bastante sobre todos os fatos aqui ocorridos. Aplaudo a sua capacidade de expor e acho que não sou somente eu.

Através de diversos gestos de apoio, percebeu-se que Jurandir havia conquistado a simpatia do auditório.

Foi ele quem prosseguiu:

— Na última semana, com a morte do seu irmão e do padre Aristides, a turma não estava muito animada para continuar examinando a fala do espírito, contudo, a nossa instrutora, muito sagaz, inquiriu se havia alguém que estava duvidando que se tratava de mediunidade autêntica. Vocês se lembram de que, antes de se retirarem, ela havia pedido apenas a opinião dos que concordavam em atribuir o fenômeno ao etéreo. Todos quiseram externar a sua opinião, discutimos bastante e chegamos à conclusão de que o espírito que se manifestou não queria apenas falar a respeito do que aconteceu ao Diogo, mas estava tentando avisar os familiares do que se passava com o seu irmão.

Notei que Rosa estava meio inquieta, segurando com dificuldade o desejo de intervir. Jurandir é que parecia dono da situação:

— É claro que, conversa vai, conversa vem, alguém (parece que Frederico)...

— Eu mesmo!

— Certo! O Frederico propôs que falássemos a respeito das intuições que cada um teve em sua vida. Rosa concordou e começou a dizer o que ela mesma tinha experimentado nesse campo. Se vocês estiverem interessados, eu conto, de maneira breve, cada descrição.

Com medo, certamente, de ter de ouvir tudo de novo, Rosa aconselhou:

— É melhor não. Encerre falando um pouco do tema da benquerença, que foi como terminamos.

— É verdade. Se vocês cinco quiserem contar algum episódio seu, acho que a turma gostaria de ouvir, principalmente se alguém achou que estava prevenido em relação ao acidente. Foi por isso que falamos a respeito dos laços afetivos de amor e companheirismo, ou seja, levantamos a hipótese de que os entes do outro lado, sabendo que algum mal vai acontecer, veem a necessidade de advertir aqueles a quem amam e protegem, o que eles fazem através da inspiração íntima, dentro da mente e do coração dos protegidos, ou através da comunicação mediúnica, como se deu neste grupo.

Jurandir terminou como quem encerra uma longa exposição que merecesse ser acolhida por palmas do auditório.

Sabendo da disposição de ânimo do meu irmão e da esposa de Luís, adiantei-me, porque julgava que devesse dar uma palavra a respeito de minha derradeira intervenção:

— Quero pedir desculpas ao casal de amigos, *Seu* Rui e Dona Valéria, se fui muito grosseiro quando disse que as pessoas estão na Terra pra sofrer. Na verdade, pensei bastante sobre isso e resolvi mudar um pouco de opinião. A morte de meu querido mano me abalou e eu pude aquilatar a dor dos pais com a perda do filho. Entretanto, vejam bem, o que o espírito disse deve ser a pauta de nosso procedimento, isto é, devemos unir-nos no sofrimento, amparando-nos uns aos outros, como vocês fizeram indo à missa e transmitindo-nos os seus pêsames. Por isso, agradeço em nome da família.

Frederico, que visivelmente estava emocionado, aparteou:

— Cumprimos um dever de amizade. Se a gente não tem presença na hora da necessidade, então não deve ficar ouvindo as lições do Cristo.

Se estivéssemos num grupo informal, eu teria dado um abraço no homem. Mas contentei-me em fazer-lhe um gesto de *positivo*. Prossegui:

— Creio que nenhum de nós gostaria de falar a respeito dos sinais do plano espiritual quanto aos recentes acontecimentos. Eu acho que as pessoas devem respeitar as manifestações, devem ouvir atentamente as palavras ditas pelos médiuns, mas devem também tomar muito cuidado pra não tirar conclusões apressadas, precipitadas. Quanto a ter sido ou não o filho do *Seu* Rui quem veio trazer palavras de consolação e esclarecimento, não deve ser o problema maior a ser levantado...

Não sabia que estava mexendo no vespeiro, de modo que me surpreendi com a reação da pessoa citada. Sem pedir licença, foi ele logo atropelando o que eu falava com o coração na mão:

— Pra você com certeza não interessa. Mas espere pra ouvir alguém dizendo que é o seu irmão ou o padre. Vai ver como as coisas mudam de figura.

Valéria deu outra martelada na minha fleuma:

— Vocês estavam presentes e mesmo assim não estão acreditando. Será que é preciso que ele venha mostrar as feridas, como fez Jesus com os apóstolos?

Levado o problema para o campo pessoal, voltei um olhar suplicante para o Raul, que me acudisse *na hora da necessidade*. Contudo, inesperadamente, partiu do Jurandir a palavra conciliadora:

— Estou entendendo perfeitamente a posição adotada pelo amigo Cláudio. Eu também passei por uma fase dessas quando comecei a ler a obra de Kardec. É que a gente quer manter o coração afastado das decisões da razão, exatamente como quando pedia o mestre francês em relação à fé, que para ser conforme as prescrições espíritas, tem de ser raciocinada, ou seja, fundamentada nos elementos lógicos e científicos extraídos diretamente da natureza do universo.

Rosa olhava e ouvia tudo com extrema atenção. Parecia espantar-se a cada declaração, mas não buscava pôr panos quentes, deixando que as pessoas expusessem seus pensamentos à vontade.

Raul aproveitou-se da deixa de Jurandir e acrescentou:

— É verdade, eu também estou propenso a admitir que devamos estudar muito mais antes de exercer o direito de inferir resultados doutrinários das ocorrências no plano fenomênico...

Não pôde continuar, porque Odete fez questão de interromper o jorro de conceitos formulados de maneira tão complexa, a ponto de ofuscar a simplicidade da maioria dos presentes:

— Como é que vocês querem que todos entendam o Espiritismo, se ficam empregando termos tão difíceis? Eu acho que o *Seu Rui* e a sua mulher devem estar pensando que todos estão contra eles e os sentimentos deles. Cada um deve acreditar no que bem entender, quando as palavras que foram ditas se viu que eram pra melhorar o moral de todos. Pra mim, o espírito era mesmo o Diogo, ajudado por algum protetor, porque a gente sabe que os seres em dificuldade na outra vida sempre têm quem dê suporte pra aguentarem os trancos da consciência.

Correu Jurandir com a pergunta que muitos julgavam definitiva:

— E como explicar que o Diogo tenha dito que, durante a vida, tivesse estudado Kardec e os **Evangelhos**?

Odete não se perturbou:

— Que vida? Não pode ter sido na penúltima?

Perguntou e aguardou que a interrogação calasse fundo na mente do auditório. Realmente, Rosa Maria deixou que o silêncio perdurasse, para a meditação provocada. Finalmente, vendo que ninguém se atrevia, Odete encerrou a sua participação naquela noite:

— O *mistério* tem segredos que não nos cabe investigar. Se estamos aqui pra aprender, não vamos querer ensinar.

Foi quando Rosa Maria julgou oportuno contribuir com a palavra oficial do centro:

— Primeiro, devo deixar bem claro que esta turma está se revelando, de longe, a que melhor se portou na discussão dos problemas espíritas. É recomendação do grupo de instrutores que, no começo, as pessoas exponham a sua maneira de pensar e de reagir às provocações de todo tipo. Vocês tiveram a vantagem de ouvir a manifestação mediúnica transmitida por intermédio da Joana. Infelizmente, passaram também por um drama pungente, daqueles que apenas raramente acontecem com grupos que se iniciam nos estudos doutrinários. Isso, de certa forma, preparou vocês pra enfrentar a realidade da vida e da morte, não do ponto de vista meramente especulativo, mas de forma plena, material, empírica, se me permitirem o termo desconhecido da maioria, que quer dizer *baseada na experiência*, sem, portanto, caráter científico. Vamos encerrar como de costume, rogando aos protetores que amparem a cada um de nós nas vibrações que emitirmos entre nós e pros que partiram pro além. Vou pedir pra Dona Alzira, se estiver disposta, pra que diga a prece conforme lhe ditar o coração, com a certeza de estar sendo inspirada pelas entidades que nos assistem. Pra próxima semana, vocês devem ler, se possível, o capítulo *Existem Espíritos?*, d'**O Livro dos Médiuns**.

Infelizmente, não sei reproduzir as belíssimas palavras da oração espontânea dita pela colega de estudos. Foi mais ou menos assim que ela se expressou:

— Querido Pai, nós lhe agradecemos muito o entendimento das lições. Sabemos que nos foram enviados mensageiros de muita luz e de muito poder, pra nos facultarem o confronto entre as ideias que tínhamos com as que vamos adquirindo dentro da doutrina espírita. Sabemos, também, que os parentes e amigos que partiram pra outra realidade estão enfrentando as dificuldades próprias da adaptação de quem foi colhido de repente

pela morte. Agradecemos toda a ajuda que estão merecendo e rogamos que nos sejam enviadas, pela forma que melhor nos convier, as informações de como se encontram e de como podemos fazer pra auxiliar no despertar de cada um. Não nos falte nunca essa assistência, por mais que avancemos nos conhecimentos, porque nós sempre iremos ficar, nesta encarnação e nas próximas, bastante distanciados da conduta que Jesus pedia aos homens. Que algum espírito benfazejo fluidifique a água que está sobre a mesa. Muito obrigado. Assim seja. Graças a Deus!

Como a outra turma estava ainda reunida, ficamos a conversar em pequenos grupos.

Rui e esposa vieram em minha direção, para comovente e apertado abraço. Eu estava sem entender, quando ele esclareceu:

— Nós lamentamos muito o comentário que fizemos. Achamos que faltamos com o dever evangélico do amor ao próximo. Perdoe-nos, por favor!

Eu não tinha o que recriminar, porque havia entendido muito bem o ponto de vista de quem se vê de público censurado. Em todo caso, meio titubeante, asseverei:

— Não se preocupem. Eu vejo tudo o que se passa na reunião como alguma coisa de que posso tirar proveito. Às vezes, na hora, não chego a compreender o que eu mesmo digo, porque sou atrevido e logo vou falando a primeira coisa que me vem à cabeça. Quem tem de pedir desculpas sou eu.

Como resposta, recebi novo abraço.

Sem saber como continuar a conversa, ficamos imersos em nossos pensamentos, um pouco sem jeito. Mas a situação não se afigurava desagradável. Era como se velhos conhecidos se encontrassem sem terem sobre que falar, tão diferentes foram as suas experiências de vida. Cada um fica imaginando qual tema abordar, deixando passar o tempo em branco.

Ana se aproximou, perguntando ao casal:

— O filho de vocês deve estar recebendo bons fluidos, porque agora temos a certeza de que os protetores estão agindo, sob a supervisão das entidades superiores. Vocês não sentem assim?

Foi Valéria quem respondeu:

— Não é maravilhosa esta religião? Eu sei que o pessoal não gosta que a gente fale em religião, mas, se temos o consolo dos espíritos, não podemos ficar apenas nos conceitos, na doutrina. Temos de sentir a presença deles ao nosso redor.

Ana insistiu:

— Vocês sentem?

Valéria confirmou:

— Antes de a gente vir aqui, era como se a morte tivesse levado Diogo pra sempre. Estava enterrado no cemitério e sua alma tinha ido pro inferno, porque morreu em pecado.

Rui acentuou:

— Muitos pecados, que só a gente sabe...

Valéria retomou a linha dos pensamentos:

— A mensagem que nos deram em nome dele foi muito importante pra nos fazer acreditar que os espíritos são as almas das pessoas que viveram na Terra. Espero em Deus que vocês também consigam uma mensagem tão linda.

Nesse momento, abriu-se a porta da outra sala e os grupos se confraternizaram.

Como a nossa turminha tinha ido num carro só, despedimo-nos das pessoas e fomos para minha casa, onde tínhamos guardado o carro de Raul.

No caminho, ainda trocamos algumas ideias a respeito da reunião. Foi Maria quem deu início:

— Vocês estão tristes mas não sabem como estão as crianças. A gente vem a um centro espírita e pede a Deus coragem pra enfrentar o sofrimento. Será que as crianças também recebem, por intuição, a notícia de que o pai está bem?

Acorreu Odete, a pegar carona no assunto:

— Eles estão com onze, dez e oito anos. Devem estar meio perdidos, sem saber a quem culpar, ainda mais que falamos que foi o padre quem avançou sobre o seu carro. Sei que você deve estar pensando em largar estas reuniões pra ficar com eles.

— Eles não me aceitam. Acho que, lá no fundo dos corações, pensam que eu devia ter ido com o pai.

Ana limitava-se a afagar os cabelos da cunhada. Mas Odete procurava ajudar:

— Acho que não é isso. Eles estão imaginando que os homens correm riscos e que a sobrevivência é o prêmio.

Eu dirigia mas toquei na perna de Raul, a meu lado, como a suplicar que interviesse com alguma ideia mais sensata. Ele se saiu com esta:

— As crianças e os adolescentes são egoístas por força da idade. Bem sei que eles choram a perda do pai, sempre alegre, sempre companheiro...

Não conseguiu concluir. Retirou o lenço já úmido e pôs sobre os olhos. Creio que, de todos, eu fui aquele que menos extravasei o sentimento de pesar, talvez porque precisasse prestar atenção no trânsito.

Todos concordaram em tomar uma xícara de chá ou um cafezinho, de modo que pudemos conversar mais um pouco.

De novo, Maria começou:

— Vocês acham que eu devo levar os meus pras aulas da mocidade espírita, no centro?

A questão propunha, tacitamente, que todas as crianças fossem lá matriculadas.

Raul ponderou:

— Na Igreja Católica, as idades estão bem definidas. O Crisma e a Primeira Comunhão são sacramentos com hora certa. Não é verdade que os seus filhos, como os meus, já se confessam e comungam desde algum tempo? Acho que só o Lucas ainda não está na hora de frequentar o catecismo.

Ana se viu coagida a explicar:

— Ele já me pediu pra acompanhar os primos e sabe rezar até o pai-nosso. Vocês já viram que vamos ter problemas...

Realmente, criou-se um impasse. Em outros tempos, a animação habitual teria sido suficiente para acender a discussão e chegaríamos a alguma conclusão naquela mesma noite. Não foi isso o que ocorreu e o assunto feneceu, na expectativa da opinião dos juvenzinhos.

A sós com Ana, tive oportunidade de comentar:

— Sabe que não tinha pensado na formação religiosa dos pequenos? Nos nossos, eu pensei. Acho que você estava de acordo em levar o Lucas, quando chegasse o momento, pra fazer a primeira comunhão. Mas a coisa está complicada pros outros.

Ana não esperou que perguntasse a opinião dela. Sabia de cor o que fazer:

— Nós fomos à missa de sétimo dia. Continuaremos, por algum tempo, indo à igreja, até decidirmos se o Espiritismo é realmente tudo aquilo que está parecendo ser. Quando estivermos mais convictos das nossas razões, optamos. Que tal?

Por mim, estava certo de que o centro espírita iria ganhar alguns adeptos. A opinião de Ana foi uma espécie de água fria na fervura. Mas concordei:

— Acho que você tem razão. Vamos dar tempo ao tempo, que Deus não criou o mundo num só dia.

Como se verá, a decisão da minha mulher, como sempre, demonstrou ser muito sábia.

13. TEMPOS TRANQUILOS

A ideia de permanecermos católicos fiéis nos deu forte tendência à felicidade material. Ficou fácil aceitar a palavra do padre ao púlpito, mesmo quando se encaminhava para a crítica mais virulenta contra os seguidores do espiritismo, qualquer que fosse a modalidade. Em nenhum momento pensamos que as palavras fossem diretamente dirigidas a nós, que nos confessamos e comungamos, na justa prescrição dos requisitos eclesiásticos.

Da minha parte, contei ao sacerdote que estava com ideias de aderir a Allan Kardec. Inquirido sobre se iria me arrepender de apostatar a religião católica, informei o confessor que estava procrastinando as decisões definitivas, uma vez que não tinha certeza mais de nada. Diante da minha postura sincera, pediu-me que eu considerasse a possibilidade de reafirmar os meus votos do batismo e do crisma, que deveria respeitar ao Cristo como salvador da humanidade e a Igreja como legítima representante de Deus entre os homens.

Não reproduzo o diálogo tal qual se deu porque não saberia demonstrar quais sentimentos estavam fundamentando as palavras do clérigo. Quanto às minhas emoções, acreditem, eram as mais serenas e pacíficas, como se estivesse plenamente convicto de agir de forma perfeita, na circunstância.

Claro está que hoje penso diferente. Mas, como estou relatando um período de transição de minhas crenças e de minha religiosidade, sou obrigado a retratar todos os episódios, por mais estranhos possam parecer tanto para católicos, quanto para espíritas.

Durante aqueles dois meses, fizemos questão de comparecer a todas as missas dominicais, fomos também a alguns cultos noturnos, fizemos o *Evangelho no Lar*, lendo a obra de Kardec, e seguimos frequentando normalmente as aulas sobre mediunidade. Nesse período, posso asseverar, fundiram-se as religiões nas nossas mentes, como se uma não colidisse com a outra em aspectos fundamentais. É que nem estávamos entrosados nas fórmulas científicas e doutrinárias das teorias dos espíritos, como não nos repugnavam as manifestações puramente exteriores da fé simbolizada pelas imagens, velas, turíbulo e demais parafernália católica.

Nesse aspecto de equilíbrio, devo fazer notar um detalhe de grave falha interpretativa de ambas as confissões religiosas e morais: foi o fato de termos comungado algumas vezes sem o alvará dos sacerdotes. Para piorar, houve um dia em que fomos formalmente proibidos de fazê-lo. Não ligamos e dirigimo-nos a outra igreja, onde tomamos a comunhão como se abençoados tivéssemos sido pelo perdão do padre.

Raul, o mais ferrenho defensor das ideias espíritas do nosso grupo familiar, quando soube que estávamos indo também à igreja, uniu-se a nós, trazendo Odete e Maria consigo, mais os filhos e sobrinhos. Quem nos visse seguindo o sacrifício da missa, não imaginaria jamais que, da mesma forma, comparecíamos ao centro espírita para discutir os capítulos de **O Livro dos Médiuns**.

Não fosse por um tema discutido em particular entre os dois irmãos, cuja repercussão se materializou num debate coletivo na sessão de estudos do centro, encerraria já este capítulo.

Um dia, estando a comentar a morte de Luís, Raul ofereceu uma análise no mínimo curiosa:

— Você sabe que eu me responsabilizo pela morte do mano.

Cansado dessa disposição fatalista, calei-me. Raul prosseguiu:

— Pois sempre que penso na conversa que tivemos aqui mesmo, fazendo exercícios físicos, a respeito de ter ido ao motel, aperta-me o coração, porque deveria ter ficado quieto. Foi por causa disso que ele tomou outro caminho na direção do centro, encontrando a morte.

Eu estava levantando halteres. Parei, imediatamente, e respondi um tanto irritado:

— Você não vai me colocar no imbróglio. Mas não vai mesmo. Eu não tive nada com o desastre. Se for acreditar em você, fui eu quem ouviu o Luís dizendo que ia mudar o itinerário e não fiz nada pra tirar da cabeça dele essa ideia.

— Mas se ele tivesse ido ao motel...

— Aquele antro de perversidade e de imoralidade, onde só existem espíritos malignos, conforme você mesmo disse...

— Mas ele estaria vivo e o padre teria passado ileso, pelo caminho livre.

— Ou teria batido em outro carro e matado não um só mas vários, quem sabe algumas crianças...

Eu argumentava apenas para desviar a atenção dele para longe do sentimento de culpa. Mas Raul insistia:

— Tivesse acontecido o que fosse, o que os olhos não veem o coração não sente...

— Acho que você regrediu muito em sua crença espírita.

— Como assim? Só porque agora estou especulando sobre o tema e não estou dizendo que os protetores velam sempre, para que os acontecimentos sejam os da programação que se fez em função do grau de adiantamento de cada espírito?

— Não, porque você está sugerindo que era melhor que ele procurasse aquele local desprezível em vez de ir à sagrada casa de recolhimento espiritual e de ajuda aos necessitados.

Nessa altura da conversa, já havíamos encerrado a ginástica e estávamos debaixo dos chuveiros.

Raul fez uma comparação:

— Nós viemos à academia, malhamos e transpiramos, o que nos trouxe para o banho. Era isso que Luís e Maria iriam fazer depois que saíssem do lupanar.

— Você está exagerando duplamente. Primeiro, o motel, apesar de ser um local pra encontros rápidos, também pode ser considerado uma pousada, como um hotel de cinco estrelas.

— Não vou esperar você falar do segundo aspecto. Posso adivinhar pela defesa que está fazendo dessa casa de amor por atacado. Você vai dizer que os protetores vão a todo lugar e que podem bendizer um quarto desse tipo.

— E não podem?

— Claro que não. Você não vê que a intenção das pessoas é notória?

— Mesmo quando se trata de um casal que pode fazer isso em casa?

— E por que não fazem lá? Precisam de ambientes próprios para darem vazão aos seus instintos, à sua libido, à sua luxúria?

Não quis responder de imediato. Na hora da despedida, acrescentei, sem dar tempo de Raul retorquir:

— Segundo, se você não sabe, se Odete não contou, Maria está grávida e só pode ter sido naquela visita às dependências do diabo.

Após aquele dia, tivemos, Raul e eu, ocasião de nos encontrarmos por mais duas vezes, sem que ele fizesse qualquer referência à informação que lhe passara a respeito do sobrinho em gestação. Ele esperou pacientemente a quarta-feira para se manifestar perante o grupo, na sessão de estudos:

— Queridos companheiros, estive em conversa com meu irmão, sobre os ambientes em que atuam com mais vigor os espíritos menos desenvolvidos, mais infelizes e propensos ao cometimento de maldades.

Notei que Raul buscava não ser afetado, apesar de suas qualidades oratórias. Também não estava dando trela às emoções, o que deveria ter sido o seu trabalho íntimo dos derradeiros dias. Em breve, portanto, estava colocando a questão principal:

— Sinto que Joana e Jurandir já não estejam conosco nesta turma, porque poderiam ajudar-nos com sua experiência. Como Rosa não gosta de debater os temas (no que faz muito bem, aliás), vamos ver se chegamos a um ponto crucial de minhas reflexões a respeito do mundo dos espíritos. Acontece que, como deixamos escapar em reunião anterior, Luís e a nossa querida Maria, que vai me perdoar o novo atrevimento desta ríspida recordação...

Maria interveio:

— Você já teve o meu consentimento. Pode falar à vontade.

— Pois bem, a gravidez dela se deu numa concepção realizada num quarto de motel. Eu pensava que ali só espíritos perversos se encontram, conforme li em diversos livros que tratam de casos de confluência, de reunião, de assembleia de espíritos malignos, pouco evoluídos, em logradouros em que a desgraça habita, muito especialmente nas casas de tolerância ou onde os homens praticam atos contra a moralidade ou contra a decência, sem contar naqueles em que são reclusos ou executados os condenados. Para não me estender demasiado, gostaria de ver debatido esse tema, para bem caracterizar se é possível que pessoas de bem possam dignificar os locais em que se encontram, porque não encontro outra explicação para o fato de meu irmão ter gerado ali um filho, uma vez

que não entra no meu cérebro que os espíritos não soubessem que ele iria morrer uma semana depois.

Ao contrário do que afirmara Raul, Rosa Maria imediatamente assumiu a direção das discussões, não deixando o tema ficar à deriva das opiniões inseguras de quem não se havia preparado:

— Quando, meus irmãos, encontramos relatos nos livros a respeito desses lugares mal-assombrados, como no caso dos matadouros, aonde vão espíritos vampirescos pra sugarem o sangue dos animais que se abatem, ali também podem estar entidades de maior luminosidade espiritual, porque, como disse o Cristo, o médico vai tratar dos doentes nas casas deles ou onde se encontrem. Vocês se lembram da passagem?

A pergunta me pareceu sintomática de quem dá tempo para os raciocínios alheios. Após configurar a resposta positiva de todos, Rosa continuou:

— Pois bem, quem poderá assegurar-me que estava programada a encarnação de um ser a mais na família de Maria?

Rosa tamborilava sobre o livro que tinha à sua frente, agora no aguardo efetivo de que alguém se manifestasse. Dei-me conta do fato e arrisquei:

— Com certeza, mesmo, apenas se consultarmos os protetores familiares e, ainda assim, com as devidas cautelas.

Rosa provocou o auditório:

— Ou?...

Talvez esperasse alguma outra resposta já engatilhada, mas, perante o silêncio que se estendia, respondeu ela mesma:

— Ou vamos aguardar que a criança nasça, cresça e demonstre a sua natureza, pra saber se se trata de um ser infeliz ou de alguma criatura com elevada missão junto à comunidade. Alguém quer comentar este último aspecto?

Coçava-me a língua para opinar mas Ana antecipou-se:

— Penso que existem muitas entidades necessitadas de voltar ao plano terreno. Sendo assim, sempre que surge uma oportunidade de fecundação de um óvulo, os protetores aproveitam. Não importa onde estejam os pais...

Frederico, meio timidamente, inquiriu:

— Talvez eu esteja falando bobagem, talvez não seja a hora, mas, e se está acontecendo um estupro? Não é verdade que muitas mulheres engravidam nessa situação?

Pareceu-me que Alzira deu com o cotovelo no marido. De qualquer modo, Rosa provocou-a:

— Alzira, por favor, você sabe de alguém que esteja nesse caso?

Meio incomodada, a requisitada não teve como não se pronunciar:

— Minha irmã.

Rosa insistiu:

— E que aconteceu com a criança?

Agitou-se Alzira ainda mais:

— Foi abortada.

Essa era a ideia que mais distante passara pela mente de Maria ou de qualquer de nós da família, porque nos parecia ter havido uma bênção naquela concepção. Entretanto,

tive de reconhecer que a observação de Frederico ia bem mais adiante do que as considerações de Raul. Por isso, com certa hesitação, intervim:

— Quem provocou Raul neste assunto fui eu, como ele já disse. Mas não tinha pensado em nada tão grave. Nesse caso, a discussão sai do plano meramente filosófico e doutrinário e cai na realidade social ou psicológica.

Raul ajudou-me:

— Cai no campo do Direito, onde a polêmica, ou melhor, a celeuma se registra entre dar à mãe a liberdade de retirar o feto ou a este de se constituir num ser humano. Não era o meu ponto. Sobre esta situação, eu tenho o que dizer, ou seja, que a sociedade garanta ambos os direitos, porque, se a mãe não quer o filho, ao menos que dê à luz o produto de um crime, pois este pode perfeitamente ser entregue a uma família substituta e se resolvem, por tal meio, os dois problemas de uma só vez. Não parece lógica a solução?

Era um ponto final na intervenção de Frederico. Então, Rosa Maria observou:

— O Espiritismo é contrário à pena de morte, mesmo quando se trata de embriões. Dessa forma, o nosso causídico, isto é, o nosso advogado defendeu sua tese com brilhantismo, mesmo porque não está no poder de ninguém fazer o papel de Deus, que é quem promove a vida e a morte. Quando se dá um assassinato, por exemplo, a vítima sofreu uma violência e podem estar certos de que precisava da lição, quer por sua atuação física, quer por seu desempenho espiritual. Sabem qual é o drama que irá enfrentar?

De novo, a orientadora queria uma resposta concreta. Desta feita, foi Rui quem se aventurou:

— Eu acho que o maior problema desse espírito vai ser o de perdoar o agressor, o assassino.

— Perfeitamente — concordou a instrutora. — E qual vai ser o deste último?

Foi Maria quem respondeu:

— Se não tiver morrido junto, como no caso do padre Aristides, vai ter de pagar o seu ato, depois que tiver tomado consciência de seu crime, com muito sacrifício pro resgate dele, ajudando a todas as pessoas necessitadas que encontrar. Se tiver morrido, como tenho pensado muito, se não cair nas garras dos obsessores, vai sofrer até alcançar o perdão do ofendido.

Odete acrescentou:

— Ou dos ofendidos, porque não se deve perder de vista que há a parentela a sentir a falta da pessoa que desapareceu.

Rosa desejou açambarcar a palavra para encerrar:

— Vejo que os ânimos estão ainda bastante afetados pela tragédia que enfrentamos. E não é só Raul quem se preocupa com a sua participação no episódio. Cada qual está a refletir sobre as modificações que ocorreram em seu modo de vida. Sei que muitos estão indo à igreja, como se lá encontrassem o repouso, a paz, a calma do tempo em que conviviam com o seu querido irmão, esposo e cunhado. Louvo que o façam com o devido respeito pela crença dos que vão em busca de refúgio pras desventuras da vida material. No entanto, até dentro de ambientes consagrados pelos homens em suas seitas religiosas se encontram espíritos obsessores, porque são pra lá conduzidos por pessoas com quem se afinam, com quem combinam, com quem se entendem pelas vibrações. Em casas espíritas, também se encontram pessoas que não se vigiam direito e permitem o

acesso de entidades perturbadoras. Por isso é que a doutrina obriga, segundo o ensinamento do Senhor, a que oremos e vigiemos, a que amemos e nos instruamos. Se eu tivesse força pra extrair as preocupações que trazem os confrades pro centro, eu o faria. Mas isso nem os protetores alcançam, sem a colaboração do próprio interessado. Sendo assim, convoco o nosso confrade Raul pra que diga a prece de encerramento, conforme lhe ditar o coração.

Mais tarde, refletindo sobre a atitude de Rosa em oferecer a palavra ao meu irmão, concluí que ela deu a ele a oportunidade de contatar, num ambiente tremendamente protegido, o nosso querido Luís e, talvez, o padre Aristides. Tal ideia me surgiu pela própria oração de Raul:

— Graças vos damos, Senhor, por esta reunião, em que ficou tão claramente demonstrado que os nossos benfeitores espirituais estão presentes! Para que possamos aproveitar ao máximo as intuições que temos recebido, clamamos a vós que não nos desampareis jamais, sustentando-nos os corações atentos para os benefícios do saber e para as vibrações emocionais de tão alto quilate. Rogamos a vós que nos mantenhais unidos nesta fase da existência, para que crescamos em virtudes, em harmoniosa coerência com os proclamas de Kardec. Facilitai-nos a compreensão dos textos mais complexos e abri as nossas mentes para percebermos toda a extensão da grandeza dos trabalhos que se realizam nesta casa de benemerência espiritual. Sabemos que os nossos queridos parentes e amigos desencarnados estão conosco o tempo todo. O que vos pedimos é que o nosso irmão Luís e o Padre Aristides possam encontrar-se e abraçar-se o quanto antes, para que não cresçam os ódios nem as dissensões. Eis que estamos também confessando, nestas tertúlias, os nossos pecados, as nossas falhas, as nossas más intenções. Não estamos na Igreja Católica, portanto, não temos nenhum sacerdote a oferecer a bênção do vosso perdão. Mas a nossa fé, a nossa esperança e a nossa confiança nas palavras de Jesus nos permitem assegurar-nos de que estamos recebendo a graça da melhor penitência, para que possamos comungar comunitariamente nas tarefas de mútuo amparo e nas de assistência aos que nos pedem ajuda. Permitti-nos solicitar aos espíritos irmãos que orem por nós, agora e na hora da nossa morte, porque sabemos que reúnem méritos para nos proporcionarem aquela paz, aquela tranquilidade, aquele equilíbrio sentimental mais adequados para que aprendamos a agir conforme os ditames dos **Evangelhos**. Assim seja. Amém, Jesus!

Após a prece, Rosa Maria determinou-nos a leitura de mais um capítulo de **O Livro dos Médiuns** e, como de costume, ficamos aguardando que o outro grupo terminasse. Foi quando observei que Alzira conversava muito animadamente com a nossa orientadora e com Frederico. Rosa fazia gestos como quem pede calma e ponderação, enquanto a outra acenava positivamente com a cabeça.

Raul confabulava com Odete e Maria. Suspeitei que eles estavam discutindo a indiscrição do caso do motel e da gravidez.

Ana se mantinha junto a mim, dando-me o braço, como a solicitar uma escora psíquica para algum problema que houvesse criado durante as discussões e que não quis ver na pauta do dia.

Rui e Valéria despediram-se e se retiraram.

Quando a porta da sala abriu, notamos que Joana e Jurandir estavam em animada conversação. Raspace e Rodolfo vinham juntos e os demais se dispersaram, não demorando para que todos nós saíssemos, dessa feita dirigindo-nos diretamente para a casa de Maria, onde a largamos, indo depois para a de Raul. Ao contrário do que fazíamos habitualmente, ficamos calados o tempo todo, sob o impacto, talvez, dos temas da reunião.

Descemos para um café e já me aprontava para apanhar o meu carro, quando Raul se dispôs a discorrer sobre um ponto da reunião:

— Não sei se vocês repararam, mas a minha prece, eu não seria capaz de repetir.

A isso, logo fui observando:

— Não se perca por tão pouco. Eu posso lhe dar as minhas anotações, onde a oração está transcrita quase literalmente.

— Meu caro, o que eu quero dizer é que as minhas palavras foram espontâneas, como se brotassem diretamente do fundo do coração. O que estou tentando informar é que, à medida que ia compondo a rogativa, ia também pensando que estamos sendo falsos ao ir aos dois centros religiosos, com um procedimento para cada lugar, como se fôssemos pessoas com dupla personalidade. Quando eu pedi ao Senhor que nos enviasse espíritos de luz para a nossa orientação, estava, permitam-me o latinismo, *ipso facto*, achando que a razão doutrinária mais perfeita se encontra no Espiritismo. O que eu gostaria de dizer, finalmente, para não perder o embalo desta pregação, é que vocês devem pensar seriamente em abandonar esta dualidade de atitudes, que nos serviu para superar o transe do passamento de Luís mas que agora deve ser refletida e posta no lugar.

Ana me apertava a mão, como a me pedir que não dissesse nada em caráter definitivo. Imaginei que ela tinha algum dado que me faltava e resguardei-me, dizendo, simplesmente:

— Gostei muito de sua participação, tanto que fiz questão de ir anotando tudo, como se fosse escrever a ata da reunião. Vocês sabiam que, antigamente, os centros espíritas registravam todas as sessões, em livros próprios?

Foi Odete quem acrescentou:

— Pois, se você não sabe, ainda hoje existem muitos que conservam o velho costume, pelo menos quanto a registrar os eventos principais, pros históricos do final do ano.

Ana aproveitou a deixa para propor:

— Raul está certo em alertar pra dificuldade de conciliar as religiões. Está certo também em pedir que todos pensem no assunto. Vamos marcar um dia pra resolver de vez. Eu aviso a Maria, pois acho que, sem ela, nada pode ser decidido.

À vista de novo aperto de mão, encerrei o dia:

— Pessoal, se estão de acordo, vamos deixar pro sábado de manhã. Vocês vão almoçar lá em casa e a gente vê o que é melhor pra todos. Não se esqueçam que amanhã levantamos bem cedo.

Assim que nos vimos no carro, Ana explicou-me:

— Não foi sem motivo que eu não quis participar da conversa daqueles três depois da reunião. Maria está querendo voltar *de mala e cuia* pro Catolicismo. Acho que está sofrendo alguma pressão dos padres. Você sabia que Raul está às voltas com a representação dela junto à Justiça, tentando uma indenização?

Para mim não era novidade. Apenas não sabia que se tratava de algo muito sério. Foi o que tentei demonstrar a Ana:

— Sempre que acontece um desastre automobilístico com vítima, abre-se um inquérito policial. Não é verdade que Maria precisou fazer um exame de corpo de delito, no Instituto de Medicina Legal? Pois o Promotor Público vai querer saber se a vítima, no caso Maria, vai formalizar a queixa, mediante o que está descrito no boletim de ocorrências. Foi o que Raul me explicou.

Mas Ana Paula sabia algo mais:

— A cúpula da diocese não quer que haja escândalo, por isso está falando em acordo.

— Por que você não me disse isso antes?

— Só fiquei sabendo lá no centro, antes de entrarmos na sala.

— Então, as coisas estão tomando novos rumos.

— Eu acho que não. Tudo o que ouvimos no centro vem pra favorecer um perdão irrestrito por parte dela, tanto que está muito condoída também com a morte do Aristides.

— Alguém está fazendo a cabeça dela.

— Se não for alguém vivo, é alguém dentre os mortos.

— Será que Luís já está de mãos dadas com o seu...

la dizer *assassino* mas Ana Paula correu para me impedir:

— Não diga nada ofensivo. Foi um acidente. Ou você acha que Aristides queria matar Luís?

Fiquei com grandes olhos a admirar a lógica sentimental da minha consorte, que continuou:

— A verdade é que Maria está abalada, principalmente depois que soube da gravidez. Ela está achando que os anjos do Senhor é que velavam e não confia muito em protetores na forma de espíritos de gente que morreu.

Tentei justificá-la:

— Maria é quem tem estudado menos a teoria espírita. Não se esqueça de que Luís não dava margem a muitas conversas a respeito.

— A causa não tem muita importância. A consequência é que pode ser desastrosa.

— Ou seja...

— Se ela não voltar conosco ao centro, vai ficar sozinha com os padres.

— Sozinha, propriamente dito, não, porque ela tem as irmãs carolas.

— Mais uma razão pra se bandear de vez pro outro lado.

— Paciência!

Eu tentava compreender a aflição de Ana, ela, porém, não escondeu nada:

— Se ela quiser ir pro paganismo ou pro materialismo, não será a mesma coisa. Mas, de qualquer jeito, mais tarde, iremos ter muito trabalho em reconvertê-la pra verdadeira doutrina.

Virei-me para o outro lado, dando as costas à minha mulher, apaguei a luz do abajur e, abrindo a boca de sono, repeti:

— Paciência, querida! Paciência!

14. DECISÕES IMPORTANTES

No sábado, não tivemos a planejada reunião. Maria não pôde comparecer, por compromisso anterior com os pais e as irmãs. Então, passamos a manhã nos preparativos para o almoço, conversando sobre amenidades. Destaco que Raul esclareceu o problema da indenização pelo acidente:

— Não se trata de ressarcir os prejuízos materiais, porque o seguro colocou o carro em ordem, como vocês sabem. Acontece que Maria não tem as condições profissionais de Luís. A empresa está sendo tocada na medida do possível e os negócios não hão de faltar. A equipe é boa e as moças da área de arquitetura estão esforçando-se para cumprir satisfatoriamente as suas funções. O que releva assinalar é que a família está sem o pai e isso nenhum dinheiro do mundo paga. Então, vou requerer — sobre isso conversei longamente com Maria — que a Igreja dê amparo aos estudos das crianças, oferecendo bolsas, até que concluem o curso superior. Penso que os advogados dos padres vão querer colocar uma cláusula específica, quanto aos jovens estudarem em escolas confessionais. Se isso acontecer, vou empenhar-me para que o juiz estipule uma quantia a tanto por pessoa e mais exigências relativas à pontualidade dos pagamentos. Não vejo como não se aceitar a proposta, pois é o mínimo que se pode pedir, quando se sabe que o único culpado pelo desastre foi Aristides.

Odete e Ana Paula estavam na cozinha e Raul e eu na sala, de modo que elas podiam ouvir de longe o que dizíamos. Raul abaixou o tom da voz e confidenciou-me:

— O que deveríamos investigar é o que fazia o padreco ir tão depressa e aonde.

No mesmo tom, perguntei:

— De que suspeita você?

— Eu acho que algo misterioso está por detrás da atitude dele, caso contrário, o bispo não se esforçaria tanto por abafar o possível escândalo de alguma revelação bombástica.

— Que acrescentaria saber, por exemplo, que ele estava indo visitar a amante?

— Para o nosso objetivo, nada. Nem seria moral que levantássemos suspeitas. Afinal, antes de sacerdote, Aristides era uma pessoa humana, ou seja, uma criatura tão necessitada de afetos como qualquer adulto saudável. Mas, se descobríssemos que estava indo a alguma reunião mediúnica, o caso poderia tomar vulto.

Fui eu quem levantou a lebre da imoralidade da segunda hipótese:

— Também não teríamos nada com o peixe. Da mesma forma, os sacerdotes estariam interessados em esconder a verdade. E nós não poríamos empenho em aumentar a indenização.

— É exatamente assim que pensa Maria. Mas eu não estou exatamente de acordo. Para você entender o meu ponto de vista, vou ter de me explicar devidamente, caso contrário, vou dar a impressão de mera desfeita provocada pelo espírito de vingança, de desforra ou de aproveitamento da oportunidade forçada pela tragédia.

— Eu acho que vai ser difícil convencer-me de que devemos tirar vantagem da situação.

Raul atenuou ainda mais o som da voz:

— É esse o ponto. Não há que se tirar vantagem nenhuma. Mas não podemos deixar prevalecer quem não cumpre as leis, ainda que sejam as simples regras do trânsito, para o qual existe um código nacional.

— Então, são questões de direito civil!...

— São questões de *direito humanitário*. Não se pode desculpar quem sai em desabalada carreira...

— Raul, você está exagerando.

— Não estou, não!

— Claro que está! Fui eu que fiquei com Luís até que se manifestasse o problema do coágulo. Ele não sofreu um choque tão terrível. Teve a infelicidade de bater com a cabeça, mesmo com o cinto de segurança. Veja que Maria sofreu apenas um corte no rosto.

— Nada mais justo que alguém cubra as despesas médicas.

— Pra isso, foi suficiente o plano de saúde. Agora, acusar o padre de haver provocado a colisão por imperícia e imprudência vai ser mais difícil, porque os fatos não estão muito bem definidos.

Raul começava a dar mostras de impaciência, tanto que a voz ia readquirindo a tonalidade primitiva:

— Também não quero dizer que ele estava querendo se suicidar. Longe de mim levantar falso testemunho. O que pretendo demonstrar é que a direção dele foi perigosa e causou um acidente duplamente mortal.

Foi quando entornei o caldo:

— Você não vai gostar do que tenho pra dizer, mas acredito que você está elaborando uma tese pra apresentar no tribunal e se sente frustrado porque tudo caminha pra um acordo entre as partes.

O causídico foi em busca de apoio na cozinha:

— Quero ouvir a opinião de vocês duas a respeito da indenização que a denunciada nos deve.

Odete, sabedora das convicções do marido, apenas observou:

— Desde que não façamos nada que tenhamos de resgatar mais tarde, acho que é de direito da família conseguir o amparo da diocese, que é rica e poderosa.

Raul bateu palmas e solicitou que Ana se manifestasse:

— E a minha queridíssima cunhada tem algo para acrescentar?

Ana Paula foi sincera:

— Meu queridíssimo cunhado deve saber o que faz. Só está a inquirir a nossa modestíssima opinião pra reformá-la, caso não coincida com o seu parecer técnico. Quanto a mim, não me furto a expressar o que penso, ou seja, que deveríamos entregar os mortos aos mortos e cuidar dos espíritos, como nos ensinou Jesus.

Evidentemente, Raul não iria conseguir tirar coelho algum da nossa cartola e se pôs meditando, caminhando pelo quintal até a hora em que foi requisitado para o almoço. Voltou transformado, como se algo novo tivesse sido introduzido em seu centro de interesse. Mas não nos comunicou nada, preferindo espantar o ar de melancolia que tínhamos por aquela época de alívio do luto, brincando com as crianças e contando

algumas anedotas de seu velho repertório. Isso nos deixou ainda mais acabrunhados, porque quem fazia a parte cômica era o Luís e a lembrança dele era inevitável.

Os meus sobrinhos, mal terminaram a refeição, pediram permissão e saíram. A juventude sempre tem o que fazer fora de casa. Lucas contentou-se em ser pajeado pela televisão e Mateus adormeceu, de modo que nós quatro pudemos conversar a respeito das deliberações que estavam sendo postergadas.

Fui eu que puxei o assunto:

— Pode ser que me engane mas creio que a conversa que tivemos antes se fundamentou nos valores morais cristãos. Sendo assim, escolhendo um ou outro caminho, estou certo de que prosseguiremos guiando-nos pela consciência, porque a realização do bem é possível em qualquer ambiente.

Odete não perdeu a oportunidade de me elogiar:

— Muito bem dito, Cláudio. Acho que a sua atitude é extremamente racional. Resta saber se os nossos sentimentos pendem mais pra um do que pro outro lado. Onde vocês se sentiriam melhor?

Raul não concordou:

— Não quero ser do contra, mas a questão não se põe por esse aspecto emocional. Devemos ter em conta a verdade, porque a nossa decisão tem de ser sábia para além desta encarnação. Se acreditamos nos anjos, como parece ser a tendência de Maria, então é óbvio que devemos optar pelo Catolicismo. Ao contrário, se temos a certeza de que os nossos parentes e amigos estão ao nosso redor, ouvindo-nos, aconselhando-nos e participando de nossas realizações, o caminho só pode ser o do Espiritismo.

Ana Paula fez as suas considerações práticas, como sempre:

— Vamos pôr as vírgulas nos devidos lugares. Nós só fomos ao centro espírita pra nos informar a respeito duma doutrina que poderia ter o seu interesse, porque desejávamos estabelecer contato com os nossos pais. Agora estamos perante um fato novo, qual seja, o de saber por onde anda o Luís e qual o seu estado. Não se trata apenas de anjos e de espíritos, mas também de nos prepararmos pro nosso futuro na espiritualidade.

Enquanto falavam, eu ia rascunhando algumas notas, porque me parecia que as opiniões eram importantes e deveriam ser lembradas, se, por acaso, a vida nos oferecesse novas surpresas. De qualquer modo, assinalei à margem um pensamento que me traz emocionado até hoje:

Jesus, muito obrigado pela família que me destes!

Imerso nesses sentimentos de pleno êxtase, quando fui acordado por Raul:

— Você e sua mania de tudo registrar. Até parece que vai escrever sua biografia.

Na verdade, tinha para mim que o fato de consignar as falas apenas demonstrava que minha memória não era das melhores, mas, a partir de então, estimei-me ainda mais para a escrita, porque a ideia de reviver o passado, quando mais idoso, deveria criar-me um novo ânimo. Entretanto, fui respondendo:

— Concordo com todos vocês. Com Odete, porque os sentimentos são tão importantes quanto os raciocínios lógicos. Como Pascal afirmou: *O coração tem razões que a própria razão desconhece. Data venia*, pelo desusado da citação.

Ainda estava no clima de alegria forçada da hora do almoço. Mas todos tiveram algo a comentar. Em seguida, continuei:

— Com Raul, porque não posso deixar de acompanhar a lógica dos seus raciocínios: acima de tudo, paira a verdade.

Foi ele quem fez nova citação:

— *Data venia*, levanto este cálice de adocicado licor e reafirmo: *In vino, veritas!*

Senti que o clima se descontraía ainda mais. Contudo, fui até o fim:

— Com Ana Paula, devo concordar completamente, senão *pau na moleira...*

E ela:

— *Data venia* na moleira!

— Brincadeiras à parte, temos de continuar perseguindo o objetivo de constatar se é verdade que os espíritos podem ajudar-nos ou podem precisar de nosso auxílio, conforme o grau de sua evolução. Eu sei que o mais atrasado nas leituras sou eu, mas já li quatro obras importantes e estou terminando **O Livro dos Espíritos**. Não fui capaz de definir até agora nenhuma incoerência de monta, dessas que ferem os olhos e os ouvidos, porém, não estou plenamente convencido. Gostaria de optar pelo Espiritismo porque, como me disse o Padre Aristides — que Deus o tenha! — sempre se alcança voltar ao regaço da Santa Madre Igreja, porque aquelas portas não se fecham pros pecadores arrependidos.

Raul quis ver certa malícia nas minhas palavras, mas eu fui taxativo:

— Se Jesus perdoou os algozes que o pregaram na cruz, também terá uma penitência bastante branda pra nós, simples hereges e pobres mortais.

A conversa ainda prosseguiria mas acredito haver reproduzido o essencial. Daí para a frente, tratamos apenas de temas periféricos, como a repercussão que haveria na comunidade católica, quando se soubesse que, além de não estarmos mais indo à missa, também estávamos acionando o ministério público contra a instituição.

Na segunda-feira, ao chegar, à noitinha, em casa, quem encontro lá? Maria, com quem havia conversado duas vezes a respeito de problemas quanto à condução do escritório de engenharia.

Fui logo *cheirando* alguma novidade, porque nunca antes, naquele horário, recebemos a visita dela. Por isso, a minha recepção foi efusiva:

— Com que, então, sempre aparece quem é viva. Viva! Qual é a surpresa?

Contudo, foi Ana quem respondeu:

— Cláudio, Maria tomou uma decisão definitiva, conforme eu temia.

— Quer dizer que você vai deixar o Espiritismo?

Notei que ela não estava muito à vontade, porque não correspondeu ao aceno de meu júbilo:

— É preciso entender que as pessoas devem ter liberdade de escolha.

Observei:

— É o livre-arbítrio que faz que a consciência assuma as responsabilidades de nossos atos.

Ana não gostou e disse-o com franqueza:

— Não é hora pra divagações filosóficas. Ouça o que ela tem pra nos dizer e pra nos pedir.

Maria tomou fôlego e passou a expor o que a tinha levado a nos procurar:

— Sábado, minhas irmãs, os maridos, meus pais e alguns primos me chamaram às falas. Vocês sabem que são muito católicos, todos eles. Foram procurados pelos padres pra me convencerem a voltar ao seio da Igreja. Acho que estão certos, porque têm razões muito poderosas pra me quererem de volta, senão as coisas podiam ficar pretas, se a Justiça sentenciasse a meu favor. Mas esse ponto não é essencial. Fiquei na retaguarda, porque estava achando importante conversar com os espíritos. Isso, porém, vou deixar pra mais tarde. Essa decisão fui obrigada a tomar, porque o Luís me faz muita falta e Ana tem razão em julgar que eu não posso ficar o resto da vida vivendo de saudade.

Olhei significativamente, como a pedir a Ana que me esclarecesse. Ela entendeu e de pronto resumiu o tema:

— Pensamos bastante e achamos que os espíritos que gostam da gente ficam em contato conosco. Entretanto, Maria é muito moça e pode querer (veja bem: o que vou dizer não está acontecendo) pode querer outro relacionamento. Não será a primeira pessoa que contrai segundas núpcias. Se ficar sob as vistas de Luís, de protetor ele passará a obsessor, impedindo que a consciência dela, como você mesmo disse, aja livremente. Ficou claro?

Perpassou-me a ideia de que era a teoria espírita que estava dando amparo a uma possível filiada de afastar-se do centro. Ponderei:

— Luís, onde está, deve receber os conselhos e os ensinamentos dos protetores. Ele irá afastar-se da ex-esposa no momento oportuno. Eu acho que, quando ela voltar ao plano espiritual, vai entender-se com ele e seus sentimentos brotarão com a força de sua verdade.

A minha fala não foi absolutamente natural. Falava como se impelido por pensamentos muito profundos, que me nasciam mais do coração do que da mente. Era como se tivesse a vontade de impedir que raciocínios falsos preponderassem.

Maria continuou:

— Tudo bem. Nós discutimos sobre isso e até elevamos uma oração pra conforto e paz de seu irmão. Essa não é a questão. O essencial pra mim é não sofrer mais, porque carrego um filho, que merece toda a minha atenção. Se eu me angustiar, o feto vai sofrer comigo. Eu não quero carregar esse pecado. Ontem, pra mostrar que estava de acordo com meus pais, fui com eles à missa e levei as crianças. Aí, o padre que substituiu Aristides...

Ana dirigiu-se a mim:

— Preste atenção!

— ... me chamou à sacristia, dizendo que estava muito contente por me ver na missa, e me pediu que aceitasse a proposta que os advogados do clero iriam fazer-me, porque isso era próprio de quem tem Jesus no coração, de quem age direito segundo os mandamentos da Igreja e muitas outras coisas que nem sou capaz de lembrar direito. De tarde, realmente, eles apareceram, fizeram muitos rodeios e me disseram que a diocese me garantia os estudos das crianças, na escola que eu quisesse, até a idade de dezoito anos, oferecendo-se pra garantir as mensalidades da faculdade, se eles não entrassem em escolas públicas. Quando eu falei que estou grávida, hesitaram, mas acabaram acrescentando também este na lista. Eles estavam com os papéis preparados mas

precisariam refazer pra juntar a outra criança. Depois que eu concordei, ficaram de voltar à noite, com tudo pronto. Mas quem apareceu foi o padre, com a papelada, falando muito doce, agradecendo em nome de Deus, elogiando a minha atitude, informando, inclusive, que, se eu não passar bem por causa de tanto sofrimento, que eu posso assistir à missa pela televisão, desde que seja ao vivo, porque vale a intenção, etc.

De fato, ela começou a ter palpitações, talvez por não respirar direito, que a opressão dos fatos evidenciavam certo nervosismo. Fui buscar um copo de água, enquanto ela descansava sob os cuidados de Ana.

Para não deixá-la esfalfada, minha mulher complementou:

— Em suma, Maria assinou e, desse modo, dispensou os serviços de Raul, que ainda não sabe de nada. Ela veio buscar ajuda, pois acha que nós temos mais recursos pra fazer que ele entenda que ela não teve saída.

Percebi que Ana reproduzia, mais ou menos, as expressões que tinha ouvido, porque eu sabia que a opinião dela era outra. Mas eu não tinha tempo para muitas reflexões, de modo que fui logo aceitando o encargo:

— Compreendo perfeitamente a sua situação e acho que você tomou a atitude mais lógica, mais adequada. Apenas não vejo motivo pra se afastar, não direi do centro, mas do Espiritismo, porque ler os livros em casa não acho que seja pecado.

De novo, Ana falou por Maria:

— Ela acha que voltar pro Catolicismo e não respeitar os mandamentos é cair em manifesta desobediência. Ler significa contar ao padre no confessionário. Mais ainda, significa um sermão, uma penitência desagradável e o empenho da palavra de que não vai voltar a cometer o mesmo pecado. Não adianta você dizer pra ela não revelar nada, porque ela vai insistir em sua integridade, com o que eu concordo plenamente.

Maria, que trazia as mãos entre as de Ana, agradeceu:

— Obrigada, querida. Eu queria deixar claro que não me entrego como uma pobrezinha desamparada nas garras do sacerdócio vesgo que enxerga apenas os próprios interesses. O que eu quero é firmar objetivos lúcidos no campo da religião. Se, mais tarde, os acontecimentos me recomendarem seguir os preceitos espíritas, não vou me envergonhar em regressar ao centro.

Meditava eu a respeito de que havia certa contradição entre estar requerendo a nossa ajuda em relação a Raul e o enfrentamento tão denodado das circunstâncias aparentemente negativas de sua opção. Mas foi uma ideia que passou pela minha mente como uma sombra, porque logo se fez a luz. Disse ela, em continuidade:

— Convivi alguns anos com Luís e aprendi com ele o valor da liberdade de escolha. Vocês não concordam que essa era a melhor das qualidades dele? Pois, então, eu não quero magoar ninguém. Chega o luto que se abateu sobre nós. Eu preciso pensar nos meus filhos, antes de mais nada, e os papéis que assinei garantem isso.

De tudo o que conversamos naquela noite, elegi a permissão do padre para que os doentes possam rezar perante a tela da televisão. Fiquei a imaginar se não seria possível realizar uma série de gravações de todas as cerimônias religiosas, mas me ocorreu que ele disse que deveria ser *ao vivo*. Maldosamente, intuí que as pessoas saudáveis deveriam levar suas espórtulas e que Jesus não utilizaria esse sistema eletrônico para adentrar os

lares dos enfermos. Verdadeiramente, o conceito que fazia da Igreja estava em flagrante baixa.

Assim que Maria se foi, reatei com Ana o *papo* a respeito de que precisaríamos, mais tarde, recuperar a nossa cunhada para a doutrina dos espíritos. Ela, porém, demonstrou ter evoluído em seus pensamentos, a ponto de encerrar definitivamente a conversa com uma saída surpreendente:

— É bom mesmo que ela não nos acompanhe ao centro. Sem ela, teremos a certeza de que Luís poderá falar livremente, quando estiver em condições de se manifestar. Você não acha que ele se sentiria inibido em expor os seus sentimentos, caso tenha descoberto outros objetivos existenciais?

Não quis polemizar, mesmo porque não me passara pela cabeça semelhante argumento. *Driblei* a necessidade de dar uma resposta, levantando o problema de como faríamos para dar as novas ao Raul, começando por reconhecer que Maria tinha sido muito esperta ao nos procurar. Isso nos ocupou o restante da noite.

No dia seguinte, no entanto, a viúva nos surpreendeu, indo ela mesma reproduzir para Raul toda a história, ligando-me, em seguida, para avisar que não precisava mais de nossas providências.

Isto fazia derrocar todas as suspeições que levantáramos, Ana e eu, a respeito de seu procedimento pusilânime.

Na quarta-feira, teve ela o condão de nos fazer mais admirados, apresentando-se à reunião no centro, indo diretamente, sem aviso, e chegando antes de nós. Mas não tivemos oportunidade de conversar antes da sessão, de modo que os nossos entendimentos se dariam depois.

Novas decisões importantes estavam reservadas para o desenvolvimento dos temas da pauta.

Assim que efetuamos a prece de abertura, exatamente a que Kardec inscreveu em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, Rosa Maria começou com as revelações:

— Como vocês estão lembrados, na derradeira reunião, não estava mais conosco o Jurandir. Do mesmo modo que Joana, foi convocado pro curso mais adiantado. Hoje vou separar mais três pessoas, porque se encontram, a meu ver, e também de Rodolfo e de Raspace, em condições de avançar mais um passo na senda dos conhecimentos e da prática mediúnica. Antes de fazer a chamada dos escolhidos, devo alertar o grupo pra uma norma que dispusemos como de rigor, depois de experimentarmos durante alguns anos o treinamento conjunto dos casais. É que, quando marido e mulher se juntam durante o treinamento da mediunidade, ficam presos à opinião um do outro, e não desempenham a contento o que se pede a eles. Sendo assim, não estranhem porque hoje vamos levar pra outra sala alguns cônjuges, deixando os outros aqui. Não se trata de discriminação mas de constatação de que uns estão mais prontos pra missão que se espera deles. Os outros aguardarão com paciência a sua vez. Aliás, temos notado que o que fica estabelece pra si mesmo que está certa a nossa atitude e se dedica com esforço redobrado aos estudos. Espero que o mesmo aconteça com vocês. Antes de anunciar os nomes, alguém deseja fazer alguma pergunta?

Eu me adiantei aos demais:

— Essa regra vale apenas pros casais ou atinge toda a parentela? Está visto que meu irmão...

Não me deixaram prosseguir:

— Atinge, sim! — intercedeu Rodolfo, entrando. — Desculpem-me a interrupção mas o outro grupo já se encontra no salão, à espera de vocês. Se Rosa não teve tempo de informar, digo eu que vamos ter uma reunião conjunta, porque algo muito importante ocorreu neste grupo.

Sáímos em silêncio, como se a novidade requeresse respeito de sacramento. Era a *procissão da curiosidade*, conforme ia ruminando durante o curto trajeto.

Acomodada a turma, pude notar que o auditório continha bem mais pessoas do que o número que se podia esperar dos dois grupos reunidos. Mas Raspace, assumindo a tribuna, ou seja, pondo-se de pé à frente da mesa sobre o palco, enquanto Rosa e Rodolfo sentavam-se numa das pontas, foi logo explicando:

— Hoje, temos a honra de receber os amigos que trabalham nas mesas mediúnicas de doutrinação e esclarecimento doutrinário, como também a diretoria da casa, sem exceção. Os caríssimos companheiros que frequentam os cursos básicos I e II de mediunidade devem perdoar-nos a interrupção dos trabalhos, mas esta sessão conjunta se deve a um fenômeno que ocorreu na turma dos mais novos. Vou pedir pra congreira Rosa Maria que relate.

Sentado o apresentador, aproximou-se a instrutora, que foi breve e incisiva:

— Na última quarta-feira, Valéria, que todos conhecem, assim que terminou a sessão, procurou-me pra contar que viu um espírito amigo amparar um dos parceiros de grupo, Raul, enquanto este dizia a prece de encerramento.

Olhei para o Raul mas percebi que ele tinha sido surpreendido pela revelação e se mantinha absolutamente absorto na contemplação da figura da preceptora, que prosseguia:

— A visão espírita ocorre, como sabemos, muito frequentemente. Temos dois médiuns videntes entre nós, que nos ajudam a caracterizar os amigos da espiritualidade que nos procuram. Mas o que aconteceu de diferente neste caso? É que Valéria viu um padre em atitude de sustentação fluídica ou magnética, cheio de luminosidade, com uma feição plácida, feliz, quase santificada. Como perdemos Aristides há pouco mais de dois meses, pensamos que se tratava dele. Contudo, ela nos afirmou que não era ele e se propôs a descrever a figura que a tinha deixado vivamente impressionada. Procuramos, então, a Federação Espírita, que nos indicou um filiado, antigo policial, que elabora retratos falados. Peço a Raspace e a Rodolfo que tragam o resultado da consulta.

Foi só aí que notei que havia um grande quadro emoldurado, voltado contra a parede do fundo. Os dois designados apanharam o quadro e o puseram sobre a mesa, de modo que todos pudéssemos contemplar a obra.

Era a figura severa de um padre bem mais velho que Aristides, de penetrante olhar dirigido sobre os espectadores, mas com um sorriso bondoso e discreto nos lábios. O artista havia dado cores, de modo que a tez clara ressaltava sobre o fundo escuro. Era um retrato de meio corpo, onde se destacavam as mãos, a direita em gesto de bênção, a esquerda segurando algo que não se via mas que se podia imaginar um crucifixo, à altura do peito, dependurado no pescoço.

Raspace passou o seu lado do quadro para Rosa e dirigiu-se ao auditório:

— Alguém reconhece a figura?

Murmurinhos generalizados, mas nenhuma tentativa positiva. Raspace insistiu:

— Procurem lembrar-se de sacerdotes ligados ao Espiritismo, pelo menos após desencarnarem.

Pensando apenas em colaborar, timidamente, levantei uma hipótese:

— Padre Anchieta!

Sorrisos na plateia. Eu tinha dado um *fora*.

Mas Raspace, lá de cima, me ajudou:

— Se fosse o Padre Anchieta, o nosso “*Coração Amoroso de Jesus*”, provavelmente, seria chamado a testemunhar um milagre, já que a Igreja Católica, no Brasil, está desejava de tornar o missionário jesuíta santo.

O silêncio que se abateu sobre o salão significava que se criara intensa expectativa. Raspace manteve uns instantes de suspense até que revelou:

— Do mesmo modo que ninguém aqui foi capaz de referir o nome da personagem, também nós ficamos embaçados quando um companheiro da Federação nos disse tratar-se, nada mais, nada menos, do Padre Zabeu Kauffman. Pra quem não sabe, diversos centros espíritas do país homenageiam essa ilustre entidade espiritual, colocando o nome dele em seus frontispícios. O que tem de invulgar esse protetor? É que a sua atuação favorece os fenômenos de efeitos físicos. Por isso, pensamos em colocar o retrato na sala em que Valéria viu o irmão de luz, atribuindo a ela o nome do *Padre Zabeu*.

A bem da verdade, eu não via nada de excepcional no caso. Naquela época, estava imerso nas leituras das obras de Kardec e me acostumara com a citação constante de casos de aparições, de transportes, de vidência, de obsessões, de possessões e outros, para me deixar envolver pela comoção que muitos parceiros estavam sentindo. Mas fui capaz de intuir que Valéria iria deixar Frederico para trás.

Dito e feito, assim que retornamos à sala *Padre Zabeu*, Rosa foi avisando:

— Os que estão sendo transferidos pra outra turma são: Valéria, Raul e Ana. Despeçam-se de seus entes queridos e podem ir pra lá.

Fiquei como estafermo pregado na cadeira. Não se tratava de inveja ou de ciúme. Era a profanação de nossos vínculos conjugais, como se me tivessem dado a notícia de que a minha melhor amiga iria ser guindada para a esfera de luz seguinte, deixando-me na escuridão. Mas o beijo que Ana me deu no rosto desfez a terrível sensação e me criou a expectativa da felicidade de ter alguém a me amparar de mais alto. Isso tudo ocorreu em fragmentos de segundos, mas perdurou durante o restante da reunião, tendo Rosa sido obrigada a me repetir diversas observações, para que eu pudesse opinar.

Em casa, tivemos muito sobre que falar, sentimental e doutrinariamente; um, contando os apertos do coração; outra, descrevendo como é que se dava o contato com os guias espirituais do centro encarregados de fomentar o desenvolvimento da mediunidade dos novatos.

15. MARIA

Não tivemos oportunidade de conversar com minha cunhada à saída, porque, tendo ido com condução própria, logo se retirou.

Na manhã seguinte, bem cedo, ei-la que adentra o escritório, antes mesmo do bom-dia regulamentar do Raimundo, personagem meio esquecida mas que haverá de retornar para importante participação na história de meu crescimento doutrinário.

— Com que, então, a viuvinha está a nos pregar peças?

— Bom-dia, Cláudio! Você me perdoe, mas tive de agir meio às escondidas, sem pegar no telefone, pois desconfio estar sendo vigiada dentro de casa e no escritório.

— Não acredito. Quem faria isso?

— Os *pelegos* ligados aos padres.

— Por quê?

— Porque assinei aquela papelada reclamando direitos. Se me pegam indo ao centro, com certeza irão buscar razões pra me prejudicarem.

— Não penso assim. Mesmo depois de saberem que estamos nos tornando espíritas, por duas vezes atendi a pedidos comerciais feitos por duas paróquias. E os próprios padres vieram especificar os materiais, sem nenhuma alusão ao meu procedimento espírita. Acho que, se de alguma coisa quisessem me acusar, teriam falado. Por outra, poderiam ter mandado algum mestre-de-obras...

— Pois eu vou com Raul à Cúria Metropolitana...

— Ele não me disse nada.

— Eu pedi que se calasse. Queria vir contar as novidades diretamente a você. Saindo daqui, vou conversar com Ana e com Odete, que já deixei avisadas.

— Quanto mistério!

— Você deve estar espantado por me haver encontrado ontem.

— Ana e eu.

— Pois eu devo explicações.

— Vamos a elas...

— Vamos a elas. Não vai ser difícil de entender o que ocorreu no fundo de minha consciência. É que achei que deveria conversar com as crianças e elas foram mais sábias do que eu. Disseram que eu devia agir como teria agido o pai. Fiquei desmontada. Perguntei se eu podia afastar-me da igreja e elas me disseram que a vida era minha e que devia seguir os ditames da consciência. Na verdade, falaram *o que mandasse o coração*. Luís, como você sabe melhor do que eu, era arredo a essas histórias de religião. Mas o fato de estar grávida me autoriza a suspeitar que venho alimentando uma criatura abençoada. Jesus me deu mais esta missão. Vou cumprir tudo direitinho.

— Não querendo discutir, preciso saber por que tudo o que você está me dizendo não pode ser na Igreja Católica.

— Retomando a visita ao clero com Raul, lá estaremos pra trocar o contrato de assistência escolar às crianças pela intenção de retirar incondicionalmente a queixa, quando o Promotor Público me chamar pra depor. Antes que você fale que sou orgulhosa, devo dizer que pensei muito e cheguei à conclusão de que o melhor é não ficar na dependência de nenhum cheque mensal, como se a minha família, na qual incluo os meus dois cunhados, não tivesse recursos pra me ajudar em caso de necessidade.

— Pode contar comigo e com Ana, em todos os sentidos.

— E eu acrescento: ainda mais agora quando o lema que vocês estão seguindo é o de que fora da caridade não existe salvação.

— Exatamente.

— Imaginei, quando pus minha assinatura naquele papel, que todo dinheiro que recebesse daria pras instituições de benemerência. Depois pensei em que esse não seria, no sentido literal, o melhor óbolo desta viúva, com perdão da lembrança evangélica.

Não tive muito tempo para considerações graciosas, mas, assim mesmo, arrisquei:

— E qual será o melhor óbolo da viúva?

— Claudinho, juízo! Ainda se fosse o Luís, que era desbocado...

— Desculpe! Eu não tive a intenção...

— Você ficou uma pitanga. Mas quero ver quando eu contar pra Ana...

Perdi completamente o *rebolado* e apenas pude forçar um riso mais largo, gesticulando para que ela seguisse adiante. Maria tentou pôr-me tranquilo:

— Brincadeirinha! Mas que foi gozado, foi. Conte você a ela, que ela vai achar engraçado.

— Sei, não; agora que está levando o Espiritismo tão a sério, não tem dado *chance* pra brejeirice.

Percebi que tinha usado um termo inusitado em meu pobre vocabulário, mas não tive tempo de emendar, porquanto foi Maria adiantando-se:

— Resta explicar por que me decidi por abandonar de vez o Catolicismo. É que Rosa Maria foi me procurar com Joana, levando-me uma mensagem que ela disse ter sido ditada pelo Luís.

Eu, que estava absolutamente atento à conversa, redupliquei o interesse, deixando escapar uma interjeição:

— Santo Deus!

— Não se espante, porque a maior surpresa quem tive fui eu. Leia.

Tirou da bolsa uma folha de papel meio amarrotada e me passou. A letra era firme, mas não reconheci a caligrafia do meu irmão e fui logo inquirindo:

— É uma cópia ou é o original?

— O original.

— A letra não é a do Luís.

— Mas o estilo é. Leia em voz alta, dando a entonação certa pra você perceber que foi ele mesmo quem ditou o texto ou à médium ou a um protetor que retransmitiu.

Tomei emocionado a folha na mão e li, como se estivesse com um documento extraído dos arquivos do plano espiritual:

— “Maria, minha filhinha, não me peça pra concordar com tudo o que você está fazendo. O pessoal que me dá amparo está contando que você está pensando em abandonar o Espiritismo. Se eu estivesse aí do seu lado, dava liberdade pra você seguir o que melhor entendesse. Aqui onde estou, não existem anjos nem demônios. São entidades muito bondosas, algumas bem próximas da família, embora não tenha permissão pra me estender sobre meus pais e avós. Sendo assim, não há como dizer que os espíritos não são as almas das pessoas que morreram. A lição é bem pequena mas eu acho suficiente pra converter você à doutrina espírita. Mando um saudoso abraço aos meus irmãos e cunhadas, um respeitoso aperto de mão e um tapinha nas costas do sogrão e outro tanto

na sogrona, uma palavra de sentimento às suas irmãs e maridos, um beijo carinhoso nos pequenos, Marcelo, Jonas e Matilde, e a você a confirmação de meu imorredouro amor. Fique com Deus!”

Antes de formular qualquer pensamento a respeito da autenticidade da missiva, precisei vencer as emoções quanto às notícias de meus pais e avós, razão primeira que me conduziu à doutrina. Senti as mãos trêmulas, tanto que Maria providenciou logo um copo d’água.

Foi ela quem comentou:

— Joana não sabia os nomes das crianças. Sendo assim, é uma prova de que alguém que sabia ditou.

— Pode ter recebido por via telepática.

— É como os parapsicólogos explicariam. Como também diriam que as expressões que Luís empregava foram extraídas de meu inconsciente. Mas eu acho que é mais fácil entender o sistema das comunicações espirituais, porque Joana não tem em seu passado mensagens com grandes demonstrações de acertos como o dessa carta. Depois, foi espontâneo e oportuno.

— Não querendo fazer papel de advogado do diabo, posso afirmar que Joana estava inteirada de suas deliberações.

— Mas eu não vejo qualquer interesse da parte dela de fustigar a ira do clero, porque, na verdade, eu poderia levar ao conhecimento dos padres que, no centro espírita, uma pessoa está mistificando comunicações pra retirar da Igreja alguns fiéis.

— Não muito fiéis, diga-se de passagem.

— É verdade.

— Você já mostrou pras crianças?

— Ainda não. Quero, primeiro, sentir a reação dos adultos.

— Quer dizer que Raul já viu a correspondência do etéreo?

— Viu.

— Qual foi a reação dele?

— Foi de extrema alegria, tanto que se aborreceu muito quando pedi segredo.

— Mas ontem foi recompensado com o quadro do Padre Zabeu.

— Deve não estar cabendo em si de contente.

Eu também comecei a medir a minha satisfação com tudo o que estava acontecendo em termos de assistência espiritual, mas Maria se despediu, porque estava na hora de trabalharmos.

16. UM SONHO MUITO LOUCO

Durante toda aquela manhã, mantive acesa a impressão de estar sendo vigiado de perto pelos amigos do plano espiritual. Era, evidentemente, a subjetiva influência da missiva de meu irmão.

Passava-me pela cabeça que poderia ter sido eu a receber a mensagem, não estivesse tão interessado em discutir os aspectos teóricos, pretendendo uma explicação para cada pequenino trecho que lia ou comentário que escutava dos colegas de turma.

Estando com Ana, era a mesma coisa, talvez pior, porque exigia dela que expusesse sempre opiniões sobre todos os eventos morais, sentimentais, científicos, religiosos, doutrinários e sociais; o que fosse que acesse ao encontro do meu discernimento.

Almocei frugalmente, depois de ter realizado alguns duros exercícios físicos na academia de ginástica, o que era normal nos dias em que Raul não estava comigo. Voltei para o escritório, encostei a porta, sinal para não ser perturbado porque iria tirar uma pestana, encostei as duas poltronas e me ajeitei com a ajuda de uma almofada.

Com as cortinas cerradas, o ambiente se escurecia e me favorecia o desprendimento da realidade.

Naquela tarde, demorei um pouco até fechar os olhos. Provavelmente, as sombras que se agitavam na parede fronteira causaram-me aquele torpor propício para as criações mais estapafúrdias da fantasia.

Imerso nas profundezas da mente, desloquei-me para diante da igreja da praça. Ia sozinho mas me sentia seguido por um comboio de caminhões, que não cheguei a ver em nenhum momento. Diante da construção, dava ordens para que os materiais que trouxera fossem sendo descarregados e dispostos ao redor do templo. A figura de Frederico se multiplicava e se confundia com a de Raimundo. Reconhecia também os empregados do depósito, entre os quais muitos que há tempos já não mais trabalhavam para mim. Interessava-me pelas fisionomias das pessoas mas não praticava assunto algum com ninguém.

De repente, vi-me com mãos de criança a badalar o sino da torre, som entre alegre e triste, indefinido, a anunciar graves acontecimentos com repercussões festivas. Desci as escadas correndo, sentindo-me com nove anos, e me pus ao lado do altar, vestido de coroinha, com a campainha na mão, que agitava, sem extrair som algum. Olhava-me, muito sério, o oficiante, misto de Aristides e seu sucessor, como a me censurar as travessuras.

Ao olhar para o santo entronizado, vi uma Nossa Senhora muito linda, com uma coroa de flores reluzentes, como se as pétalas estivessem cravejadas de pedras preciosas. O rosto era o mesmo das imagens mais comuns. Eu olhava fixamente para aquela figura e me passava pela mente que a escultura de gesso deveria criar vida, descendo do pedestal, para me acompanhar até o jardim externo.

Nesse momento, tocaram-me no ombro. Era Luís, que reconheci sem tirar os olhos da padroeira.

— Que é que você quer comigo? Não sabe que já morreu? Por que não vai procurar a sua mulher, que pranteia a sua morte?

E apontava para a nave da igreja, sem voltar os olhos, sabendo que lá se encontrava Maria, vestida toda de negro, com pesado véu sobre o rosto.

Eu dizia intimamente:

Por que é que Ana não vem trazer paz para este meu coração amargurado?

No entanto, a única aflição que sentia era a de não poder desviar a vista da figura do altar.

Sem perceber, de um momento para outro, me vi longe dali, num descampado, largo terreno apenas coberto de grama. O quadro era todo em branco e preto e eu me perguntava a razão de aquela vegetação não ser verde. Ao meu lado, com suas longas

vestes de figura medieval, a mesma Nossa Senhora, animada, a sorrir para mim com olhos absolutamente inexpressivos, onde se notava uma lágrima.

Perturbei-me e fiz força para ajoelhar-me com a intenção de rogar perdão por tê-la trazido comigo para aquele deserto. Angustiava-me a solidão e o silêncio, quando notei no chão alguns livros a me convidarem à leitura. O primeiro que apanhei trazia um título que não consegui decifrar, como se escrito em caracteres desconhecidos. Ao abrir, as páginas estavam em branco. Notei que o espaço em volta se enchia de risotas, alguém a mangar comigo, como se me tivessem preparado uma armadilha em que caí.

Raciocinei que deveria avançar com extremo cuidado, para evitar as sebes de espinhos que me barravam a caminhada. A mesma disposição de vencer os obstáculos que se manifestara antes fez-me entender que se tratava de simples sonho e que poderia escapular voando.

Foi assim que levitei de volta à praça da matriz, onde os operários terminavam a construção de uma casa enorme, mas muito diferente do templo que antes lá se erguia. Imaginei que se tratava de um centro espírita e busquei a respectiva inscrição, querendo ler o nome de *Padre Zabeu*. À medida, porém, que ia dando a volta ao edifício, foram juntando-se a mim inúmeras pessoas, a maioria das quais com rostos desconhecidos. À minha frente, seguia Raul, que conversava com meu pai. Achei que encontraria minha mãe, mas era Odete quem me dava a mão. Joana passou correndo, seguida de Jurandir. Pensei que Luís também estivesse por ali mas, ao erguer os olhos por sobre o alto telhado do prédio, vi o espírito de meu irmão, iluminado como um ator no palco, que me acenava e se afastava na direção do céu.

Quando desejei comentar com Odete, percebi que era Ana quem me segurava o pulso, estendendo a outra mão, a indicar a porta da frente, onde se lia *Centro Espírita da Paz Divina*. Irresistivelmente, a multidão encheu o auditório. No palco, representava-se uma peça, estranha cena de casamento entre uma parturiente, que permanecia na mesa obstétrica, e uma pessoa com um chapéu colorido do tipo dos farricocos a cobrir-lhe o rosto. Oficiava o sacramento Rspace.

Eu dizia baixinho, como a conversar com Ana:

— Não está certo que a nossa cunhadinha se case de novo. Luís só morreu na aparência. Ele está em outra dimensão e seu espírito está mais vivo do que nunca.

Ana, porém, sobre o palco, erguia um recém-nascido, pedindo aplausos para o povo.

Do meu lado, Rosa Maria embalava Mateus no colo, enquanto Lucas folgava com seus brinquedos na sala de casa.

Eu me interrogava:

Como é que estou na igreja, em casa e no centro ao mesmo tempo? Será que Kardec não vem pra me explicar o que está acontecendo?

Alguém, atrás de mim, me disse:

— Eu posso fazer isso, se você não se virar.

Ato contínuo, me voltei para saber quem tinha dito a frase, mas tudo se dissipou.

Acordei sob a impressão completa das imagens que se representaram em meu inconsciente, com Raimundo me chamando:

- Patrão, patrão!
- Que foi, homem de Deus!
- Está aí uma pessoa que insiste em falar com o senhor.
- Peça pra esperar um pouco, que estou zozinho com o sonho que estava tendo.
- Perdão, *Seu* Cláudio! Achei que era importante.
- Não faz mal, Raimundo. Mas me deixa acordar primeiro.

Saiu o velho empregado, mantendo a porta encostada. Depois de uns bons dois minutos, fui atender quem me procurava.

Era um sujeito de óculos e engratado, portando uma pasta preta. Foi logo apresentando-se:

— Laerte, ao vosso dispor! Oficial de Justiça. Trago uma intimação em nome de Luís...

Mediante a curiosidade dos empregados, cortei-lhe a verborrágica manifestação e introduzi-o no escritório.

— Prazer. Sou Cláudio, irmão do finado Luís.

O homem pareceu desconcertado. Continuei:

— Morreu há dois meses e pouco, em desastre automobilístico. Se o senhor quiser entregar-me o documento...

— Não posso, a menos que obtenha ordem do meritíssimo. Neste caso, a entrega haverá de ser ao advogado da família, em virtude da pendência de que trata o processo.

Abri a caixinha de cartões de visita, retirei um do Raul e estendi-lhe, recomendando:

— Nosso advogado é o Doutor Raul, meu irmão. O senhor tem aí o endereço completo.

— Muito obrigado. Passar bem.

— Passar bem.

Abandonei-o à porta do escritório e imediatamente passei a registrar tudo que me lembrava do sonho. Queria ser o mais fiel possível ao relatá-lo a Ana. Nessa tarefa, passei o restante da tarde, interrompido muitas vezes, inclusive pelo Raul, que afirmava ter de conversar muito comigo em particular.

Em casa, como não era o dia marcado para o *Evangelho no Lar*, tínhamos a noite à disposição para pôr os assuntos em ordem.

Primeiro, foi Ana quem contou tudo a respeito da exposição que fez Maria. Odete também se incorporara ao grupo e fora de muita serventia na apreciação espírita das resoluções.

Fiz referência ao *óbolo da viúva*, a ver se Maria batera com a língua nos dentes, mas Ana não se deu conta da extensão da facécia ou fez que não entendeu, porque os temas jocosos não estavam na ordem do dia. Engoli o sorriso amarelo que preparara e redobrei a atenção, quando ela mencionou que a cartinha de Luís merecia sérios reparos.

Insisti em que me dissesse quais as críticas mais contundentes, mas ouvi dela apenas que não iria dizer mais nada, não antes de consultar os seus pares na reunião da próxima semana.

Informei-a a respeito do sonho e mostrei-lhe o meu escrito. Depois de haver lido, perguntou-me:

— Por que foi que você ficou tão impressionado a ponto de escrever tudo isto?

— Eu acho que pode ter sido um aviso, uma premonição.

— Em que sentido?

— Quando Maria se casa de novo.

— Qualquer pessoa normal pode imaginar isso mesmo. O que eu acho é que esse sonho precisa ser interpretado por algum analista ou psiquiatra. Achei muito obscuras várias passagens...

Eu comentei:

— Você me lembrou das parábolas das escrituras, que Jesus precisava explicar aos discípulos e apóstolos.

— Não vamos aborrecer os espíritos que nos assistem com comparações sem sentido.

Senti que Ana extrapolava sua importância, por estar numa turma mais adiantada, obrigando-me a reconhecer a minha inferioridade. Pensei em liberá-la do habitual fornecimento de opinião, mas a própria razão de estar mais avançada na doutrina me convenceu do contrário. Sem comentar a observação que ela tinha feito, sem transição, interroguei-a:

— Você não acha que o fato de eu estar levando material de construção pra erguer os prédios sagrados não significa que estou preocupado em edificar a minha educação religiosa?

— Vejo que você meditou sobre o assunto. Pensando bem, por que não julgar que você está impando de vaidade por contribuir pra uma causa nobilitante?

Tomado de surpresa pela interpretação insuspeitada, levantei uma questão:

— Você está querendo dizer que é possível disfarçar, também nos sonhos, as intenções mais vis?

— Tudo é possível, no campo da fantasia.

— Concordo com você. Mas sonhar não será representar mentalmente os problemas do dia a dia ou aqueles que causam temores ou traumas psicológicos?

Se tivesse parado para pensar sobre a minha maneira de expressar-me, talvez atinasse com certo ranço de despeito por ter sido considerado mais ou menos perverso.

Ana, porém, desviou-se do ponto em que eu havia centrado o pensamento e asseverou:

— É preciso tomar muito cuidado com os frutos da imaginação. Rodolfo alertou-nos pras criações terríveis da mente, que é capaz de formular todo um universo de mentiras, nas quais passamos a acreditar religiosamente, como no caso dos romances espíritas que retratam as colônias do Umbral. Os leitores são conduzidos por vias concretas, até que se enredam em composições absolutamente distantes de tudo o que se encontra registrado nos livros da Codificação. São obras aparentemente doutrinárias, contudo, se não estivermos atentos, seremos engodados pelos obsessores de plantão, que nos farão crer em construções que erigiremos quando desencarnarmos, porque, no etéreo, as vibrações mentais criam o ambiente em que iremos subsistir.

Notei a correção dos raciocínios e a fluência verbal e admiti, no íntimo, que Ana estava sendo excelente aluna do palestrante encarregado das aulas. Não tinha, porém, como comprovar ou reprovar o que escutara com o máximo de atenção. Entretanto, não perdi o interesse em decifrar algumas partes do meu sonho. Solicitei novo parecer dela:

— Você não acha que a presença espiritual de Luís, no meu sonho, possa ter sido uma visão da realidade em que ele está no momento? Não lhe parece que havia uma mensagem de bem-estar, de resignação, de evolução, no fato de ele se alçar pra longe do campo terrestre? Não estaria tentando informar que permitia que a esposa contraísse novas núpcias? Não terá sido significativo que o noivo estivesse encapuzado, uma vez que não poderiam os meus benfeitores desvendar o mistério do futuro cônjuge?

Falei rapidamente para poder dizer tudo. Ana foi fulminante:

— É muito cedo pra que Luís tenha adquirido tanto adiantamento espiritual. No campo evolutivo, as coisas acontecem segundo um encadeamento natural de causa e efeito...

Ela desenvolveria ainda por mais alguns instantes as suas teses, mas eu me perdi em meus pensamentos, até que desabafou:

— Você quer que eu expresse minhas opiniões e depois nem presta atenção no que estou dizendo. Aposto que não é capaz de reproduzir nada do que eu disse.

— Você falava da lei de causa e efeito, quando me desliguei.

Procurei abraçá-la mas Ana não cedeu:

— Chega pra lá que estamos tratando de temas sagrados.

— Pois muito bem! Vou tirar uns *xerox* destas páginas e vou dar a várias pessoas. Vamos ver como é que o meu sonho repercute entre os meus amigos. Quem sabe eles não vejam tanta coisa negativa.

Magoou-se minha companheira:

— Se você rejeita as verdades que estou expondo, por que quer sempre perguntar tudo pra mim?

Falou séria, como se me desse uma lição definitiva. Mais tarde, refletindo sobre a atitude dela, pude perceber que tinha razão quanto a eu ter sempre tratado de tudo sem profundidade, adaptando as teorias à minha disponibilidade de tempo e de interesse, sem interpretar nada à luz da lógica, da filosofia ou da doutrina.

“Será este o caminho que devo trilhar a fim de passar pra próxima turma? Estarei sendo supérfluo e isto está me impedindo de compreender de forma completa os termos em que se expõem as teses espíritas? Deverei merecer que o Mestre venha deslindar pra mim os segredos de suas parábolas?”

Admito que até hoje me envaideço por haver comparado o meu sonho com as estórias de Jesus e por ter sido inteligente para fazer a ligação entre as interpretações simplistas e as verdadeiras, como se eu estivesse falando como os discípulos e Ana, como o próprio Mestre.

Mas o episódio do sonho teve desdobramentos para além do que havia imaginado.

17. DESCONFIANÇAS

Raul me ligou pela manhã e marcou um encontro durante o almoço. Foi protocolar e conciso.

Entre um atendimento a um fornecedor e outro, enquanto não era procurado por nenhum cliente especial, em lugar de comandar a empresa, dei-me ao trabalho de

aperfeiçoar a reprodução de meu sonho, acrescentando pormenores que me haviam escapado da primeira vez e uma lista dos nomes das pessoas que reconheci na multidão. Datilografei o texto e mandei tirar duas dúzias de cópias. Parecia a minha resposta inconsciente ao fato de não haver ainda recebido qualquer mensagem psicografada.

“Estarei invejando Joana e demais médiuns cujos escritos contêm comunicações inteligentes e oportunas?” — perguntava-me suspeito de mais um defeito de personalidade. Mas não dava resposta, no aguardo das apreciações que promoveria dos que lessem a descrição onírica.

Devo referir-me ao fato de estabelecer parâmetros a este narrado condizentes com as condições culturais da época cronológica em que me situava na qualidade de personagem. É que pretendo retratar-me de corpo inteiro, mas assimilando as teses espíritas e observando meu íntimo crescimento, de maneira que, conforme mencionei alhures, não posso colocar o carro adiante dos bois, muito embora alguns termos demonstrem a sua necessidade hoje, caso contrário a obra empobrecerá ainda mais. Deixe, caro amigo, portanto, passar esse *onírico*, que apenas recentemente incorporei ao meu vocabulário.

Fui, pois, almoçar com meu irmão, carregando comigo algumas cópias do sonho. A pretensão de que fosse lido e atendido na análise que iria pleitear ainda não se caracterizara como outro sonho ainda mais real e positivo do que aquele que ali inscrevera.

Veja, leitor atento, que a só recordação da rasteira que tomei de Ana me faz derivar para a formulação mais complexa dos pensamentos e sentimentos, para firmar em seu conceito que a fragilidade intelectual se encontra superada, porque pronto estou para considerações que não pretendo fúteis ou descabidas. De qualquer modo, sirva esta notícia atualizada para deslocar o seu interesse pelo desfecho dos sucessos a serem assinalados neste capítulo para a essência dos caracteres das personagens em seu aspecto evolutivo.

Se não me fiz inteiramente entender, continue a leitura linear do acontecimento a ser referido.

Raul estava numa das mesas do fundo do restaurante macrobiótico. Acenou-me assim que entrei e me fez sentir que estava verdadeiramente preocupado.

Estabelecido o contato de praxe entre irmãos, foi logo informando:

— Vamos ter problemas com o Luís.

Para mim, não poderia ocorrer nada mais dramático que a morte dele, mas fiz um gesto para que prosseguisse.

— Ontem fui visitado pelo advogado da diocese.

— Pensei que tudo estivesse resolvido.

— Quanto a Maria, sim. Eu falei que os problemas estão sendo causados pelo falecido.

— Baixou na igreja, durante a missa...

— Está baixando agora em você. Não brinque que a coisa parece muito séria.

— Por que você não vai logo ao ponto?

— Pois bem, o tal veio com cópia de petição de ressarcimento de danos materiais e morais impetrada por senhora que se diz mãe de uma criança de Luís.

Caiu-me o queixo. Diante da minha perplexidade, Raul investiu no tema:

— Se a mulher está tendo coragem de acionar a Igreja, logo vai querer penetrar no âmago da herança da família.

Lembrando-me do Oficial de Justiça, adiantei:

— Com certeza, ela já providenciou tudo.

Rapidamente, referi o acontecimento do dia anterior. Raul passava a mão na cabeça, demonstrando que recaía quanto ao complexo de culpa que o tinha atormentado. À vista da agitação dele, precisei acordá-lo para a luta que se avizinhava:

— Quais serão os primeiros passos na defesa do patrimônio de Maria e dos filhos?

Contrariando a fleuma habitual, gaguejou uma resposta evasiva:

— O primeiro passo haverá de ser o de prevenir a viúva. Estou com medo de que algum disparate emocional possa desarranjar a harmonia que se instalava naquele lar, a partir da doutrina espírita.

— Se houver compreensão da falência humana...

— Que falência que nada. Você já está decretando que iremos dar de mão beijada qualquer direito àquela usurpadora?

Estava agressivo para além da conta. Amenizei a observação:

— Se for verdade que Luís é pai da criança espúria, a falência é dele. Se for mentira, é de quem está pleiteando direitos que não tem. Depois que avisarmos Maria, quais os primeiros passos legais que o nobre advogado...

— Por que você insiste em não querer ver toda a extensão do problema?

— Estou aplicando os meus parcos conhecimentos espíritas, ou seja, quero crer que o tempo não pode refluir, que as pessoas, espiritualmente, não retrogradam e que a vida nos foi dada por Deus pra que possamos resgatar os males que cometemos contra os semelhantes. Quanto mais sadiamente agirmos, em consonância com as leis cósmicas ou universais, sem ferir nenhum preceito da bondade e do amor, do perdão e da resignação...

Raul me interrompeu:

— O prisma sob o qual você quer enxergar os fatos pendentes de nossas deliberações roça a equidistância dos sábios. E o sangue que nos corre nas veias? Havemos de aceitar passivos o esbulho de nosso equilíbrio familiar? Você não é capaz de imaginar as crises que vão ocorrer no seio dos relacionamentos, principalmente entre nós dois e a parentela de Maria?

Eu não queria precipitar conclusões, como sempre foi de meu hábito. Simplesmente me limitei a concordar, reiterando a inquirição que havia feito:

— Como o *senhor advogado* irá instruir o processo?

— Vamos tomar conhecimento dos termos e negar qualquer alegação de direitos. Vou esmiuçar a legislação, citar os códigos e as leis, solicitar exames comprobatórios de paternidade e requerer nula qualquer pretensão de partilha dos bens do *de cujus*.

Dando uma de entendido, obtemperei:

— Em termos, as providências me parecem absolutamente competentes, contudo, o pressuposto é lídimo, conforme tenho ouvido você repetir constantemente.

Analisando o que disse, garanto que apenas demonstrei completa ignorância. Registre-se para efeito da veracidade do diálogo.

Raul ia imerso em seus pensamentos e se desligara de qualquer opinião que eu lhe pudesse passar. Por isso, não me fez nenhuma crítica ao desacerto das palavras.

Vendo que o tema fenecera, avancei pelo caminho que pretendia menos áspero mas muito mais proveitoso para mim:

— Estou passando-lhe uma cópia da descrição de um sonho que tive. Quero que você me ajude a decifrar as motivações psicológicas que me levaram a essa configuração mental.

Raul ergueu os olhos, fitando-me longamente, com certeza a escolher os termos com que iria atingir o cerne de minha inconstante atitude. No entanto, deve ter-me visto sério, compenetrado na importância da descoberta dos liames íntimos que se estabeleciam entre a vida que se transformava e a necessidade de adequação psíquica para harmonizar a personalidade, com o fito de superar problemas e transe. Saiu-se com esta:

— Jogue no gato!

Foi uma ducha de água fria no meu entusiasmo de aprendiz de Espiritismo.

Voltei ao escritório cabisbaixo, não sem antes ouvir de Raul que iria ler e decifrar o significado do sonho, *como qualquer adivinho que atende por tanto à consulta...*

Mas Raimundo, que tinha sido quem providenciara as cópias de meu relato e que tinha recebido uma delas para opinar, despertou-me para as especulações sobre as fugidas de Luís, porque era o funcionário mais velho, tendo convivido com ele ao tempo em que eu estava estudando.

Como sempre, estava por perto.

— Raimundo, por favor!

— Pois não, patrãozinho!

— Acho que vamos ter uma conversa muito séria, porque preciso saber certas coisas que você deve estar a par.

O homem me olhava muito curioso e calado. Prossegui:

— Você deve conhecer alguma particularidade especial de cada membro de nossa família, uma vez que está conosco desde o tempo de meu pai.

Interrompeu-me:

— Desde tempo do seu avô...

— Isso mesmo. Você, a toda hora, está vendo os caminhões saindo pra um lado e pro outro e toma nota de cada partida, destino, carga etc.

— Isso eu comecei a fazer com o senhor seu pai.

— Muito bem! Existem carregamentos que fazemos com faturas muito favoráveis, seja pra igreja, seja pro centro espírita.

— Existem caminhões que saem com material com notas fiscais apenas pra constar, como no caso das construções de sua residência, de seus irmãos e algumas outras.

Olhei com muita atenção dentro dos olhos do bom homem. Queria ler-lhe nas profundezas da alma. Não fui, porém, direto ao assunto:

— Vamos deixar a realidade de lado. Você leu o relato do meu sonho?

— Li e achei muita coisa maravilhosa. Eu é que não tenho essas lembranças. Quando eu me lembro do que sonhei, sempre tem alguma coisa a ver com minha mulher e meus filhos. Acho que gente estranha jamais encontrei ninguém. Pelo menos que me lembre.

— O que você achou dos caminhões carregados? Será que você pensa como eu que se trata da minha ajuda aos padres e aos diretores do centro?

— Posso falar abertamente o que eu penso?

— Não me mandando jogar no gato...

Olhou-me com ar de extrema curiosidade mas deixei as explicações no ar. Então me disse:

— Eu acho muito bonito ajudar essas instituições, mas não vejo nenhuma caridade nisso.

Já ia protestar mas tive o bom senso de ouvir mais um pouco.

— Quando a gente dá pra igreja, tem de dar pras obras de assistência. Se é pra construir templos, escolas, hospitais e outras obras que servem pros padres arrecadarem dinheiro, é melhor cobrar o preço justo, porque, o senhor vai concordar comigo, a Igreja Católica é muito rica.

Senti um apertozinho no coração, com certeza por ter encontrado naquelas palavras alguma coisa muito próxima do que Ana me havia falado. Meio sem jeito, perguntei:

— E pro centro espírita? Não se trata de uma casa de benfeitorias pro povo? Lá ninguém é rico.

— Nem é rico, nem é pobre. Se é rico, a consciência é que vai dirigir as suas atitudes quanto a dar um pouco do que tem. Se é pobre, nem adianta falar, porque vai pedir mesmo, que a fome sempre dói, principalmente quando são os filhos que choram em casa.

Devia eu ter ficado quieto mas adiantei-me:

— A construção das salas nos fundos pro estudo também vai trazer muito proveito pra todos. Ou não?

— Eu acho que o senhor está certo. A gente tem de ver o que vem em primeiro lugar. No seu sonho, quem é que entrava no salão do centro?

— Todo mundo.

— Todo mundo que o senhor conhece. Mas eu não achei na relação dos nomes ninguém que fosse da turma dos assistidos, dos que recebem comida e remédios. As pessoas da lista são todas ricas ou remediadas; todas têm emprego ou já partiram pro além.

— Que você quer dizer com isso?

— Quero dizer que, se o *Seu* Cláudio trabalhasse no setor da sopa ou da farmácia, ia pôr no sonho pessoas que não têm sequer roupa pra entrar no salão, nos dias de conferência.

— Qual a consequência disso?

— Posso falar?

— Desembucha, homem de Deus!

— Aí os caminhões, que o senhor não viu, iam descarregar material pra construção dos barracos dos favelados.

Se Raimundo estivesse agora na minha frente dizendo tais palavras, eu ia abraçar o velho com lágrimas nos olhos. Naquele momento, senti um frio percorrendo a medula, como se o meu sonho devesse ser visto pelo avesso, isto é, pelo que não passou pelos meus olhos, mas ficou submerso nas impressões da realidade. Dei, contudo, mais importância às limitações de minha primeira interpretação do que à lição que Raimundo me passou.

Depois de um longo minuto de reflexão, voltei ao tópico anterior:

— Você disse que muitos caminhões carregam mercadorias pras construções da família. Não entendi o que você quis dizer com *algumas outras*. Pode me explicar?

— Isso faz tempo que não acontece, desde que seu pai morreu, pra falar a verdade. Mas não paga a pena...

Era o ponto em que eu pretendia chegar. Carreguei sobre ele:

— Você se lembra se o Luís forneceu material pra alguma construção clandestina?

Foi a vez dele me olhar atentamente, como a querer decifrar a intenção da pergunta. De qualquer modo, respondeu firme:

— O seu mano Luís jamais autorizou qualquer saída sem nota fiscal, como jamais deu desconto especial pra ninguém. Quando os padres queriam facilidades, tinham de pedir pro seu pai, quando vivo, e, depois, pro Doutor Raul. E eles tinham de assinar a via da nota que ficava arquivada.

Notei que ele falava com certa rispidez ou mágoa. Insisti:

— Nem mesmo quando os empregados pediam pra si mesmos...

— Ele dava um telefonema e a gente retirava o que precisasse diretamente dos fornecedores, sem que nada entrasse no depósito.

— Então, era a mesma coisa...

— Não era, porque ele não permitia que a gente usasse os caminhões do depósito.

— Foi o que eu fiz com o centro. Não foi o Frederico...

— Mas o senhor não lavou as mãos.

— Vamos ao que interessa. Cedo ou tarde, você vai ficar sabendo mesmo. Estou perguntando essas coisas porque quero saber se Luís teve um filho com alguma amante, antes do casamento. O que você pode me dizer?

Raimundo não hesitou:

— *Seu* Cláudio, mesmo se eu soubesse, não contaria.

— Se você souber ou, mesmo, se não souber, vai ser chamado no tribunal, porque estão querendo entrar na herança do meu irmão.

Vi, eu juro, uma lágrima nas esquinas dos olhos do negro. Mas ele foi hábil para disfarçar. Fez menção de se retirar mas ainda me asseverou:

— Toda a verdade do mundo vai ser revelada um dia, porque está nos corações das pessoas. Não foi essa a lição que o senhor leu nos livros de Kardec?

Percebendo que, naquele mato, não ia levantar faisão nenhum, deixei o cão ir guardar o rebanho miúdo dos balconistas e carregadores. Reproduzo a imagem meio absurda que me veio à mente e que fiz questão de anotar, como se tivesse sido o pensamento mais profundo daquela tarde. Talvez não quisesse volver ao tema dos miseráveis moradores dos cortiços e favelas.

la desenvolvendo algumas hipóteses de como Luís burlara todos os membros da família, quando soou o telefone:

— Pronto!

— Alô, querido, sou eu.

— Tudo bem, Aninha?

— Tudo bem. Estamos, Odete e eu, com Maria...

— Ela está relaxando. Devia estar no trabalho.

— Raul se propôs a tomar conta dos negócios, porque foi dele a ideia de fazermos uma reunião pra aquilo que você já sabe.

— Sei que você não está podendo falar diretamente. Mas a ideia será revelar que Luís está sendo acusado?

— É o seu sonho, sim. Então, venha diretamente pra cá.

— Que tal se o Raspace fosse convidado? Ele traria algum consolo espírita de maior autoridade.

— Rodolfo foi convidado a opinar sobre os aspectos mediúnicos e confirmou que virá.

— Ótimo! Então, até mais...

— Vê se chega cedo. *Tchau!*

Imediatamente, disquei para o Raul. Não estava. Imaginei que estivesse no escritório de Maria. Também não estava.

“Esse cara está querendo ir com muita sede ao pote” — meditava eu, apreensivo. — *“Será que ele se esquece de que Maria está grávida e que uma notícia dessas pode causar um sério problema?”*

A partir daí, todos os meus pensamentos se deram no sentido de me preparar para tornar o ambiente o mais sadio possível, em termos espirituais. Foi assim que elevei algumas preces em favor de meu falecido irmão e aos protetores, para que intercedessem no esclarecimento da situação, impedindo que Maria sofresse qualquer distúrbio prejudicial ao bebê.

Assim que entrei na sala, atrasado, porque passara pela minha casa para um banho e para me trocar, fui recebido com efusivas manifestações de censura.

Maria puxou a ladainha:

— Quer dizer que eu vou me casar no dia do nascimento do meu Luisinho? Que excesso de imaginação!

Notei que ninguém se atrevera ainda a contar o principal.

O seguinte foi Raul:

— Devo dizer que a narrativa me impressionou deveras, tanto que fiquei pensando se você não teria inventado tudo para chamar a atenção sobre os eventos que estão ocorrendo em nossa família.

Eu ia jurar por Deus que ele não estava certo mas me impediu, desejoso de terminar o discurso que havia preparado:

— No entanto, eu sei que você não seria indecoroso, dispensando Aninha para agarrar minha mulher.

Foi a vez de Odete interpelar-me:

— Com que, então, o meu cunhadinho me põe em situação de ter de me entender com meu marido?! Você não sabe que ele me obrigou a jurar que eu não tive nada com isso?

la ficando muito claro que o teatrinho estava preparado e que fizera eu muito bem em chegar por último.

Aninha também desejou participar da minha lapidação moral:

— Quer dizer que eu me transformei em parteira?! Mais ainda, em coadjuvante, numa cena patética de casamento?!

Aí se revelou inteiramente que a turma queria *badernar o meu coreto*. Entrei no jogo, esforçando-me por contra-atacar:

— E o nosso amigo Rodolfo, não vai colocar mais lenha na fogueira?

O homem pigarreou e, sem estar muito à vontade, gracejou:

— Pois eu não tenho de reclamar do meu papel, pois foi nenhum, já que não estou nem na lista dos figurantes.

Tive um lampejo atrevido e me precipitei, sem medir as consequências do que dizia:

— Você está lá também, vestindo o capuz de farricoco...

Silêncio geral. O fora tinha sido muito grande. Estava declarando Rodolfo e Maria, marido e mulher. Até hoje sinto o meu sorriso parvo no rosto, a contemplar as fisionomias, Maria, rubra, Rodolfo, esbranquiçado, Ana, amarelada, Odete, lívida, Raul, pasmo.

Este foi o primeiro a recobrar o sangue-frio:

— Segundo o meu entendimento, Rodolfo está lá, sim, mas sem capuz. Eu acho que, pelo papel de orientador do centro, é ele quem toca no seu ombro, querido e abusado mano, no momento final, quando você se volta e tudo se desfaz.

Precisei formalizar o meu pedido de desculpas mas emendei com uma suposição que daria margem a discussões mais sérias:

— Perdão, meus queridos, pela minha falta de jeito. Podem acreditar que não tive nenhuma intenção casamenteira. Mas vou aproveitar a oportunidade, sabendo que todos tiveram o subido prazer de ler a minha obra-prima, pra perguntar ao nosso mentor espiritual, ao nosso guia encarnado, se esse meu sonho não pode ter alguma coisa de mediúnico, conforme tenho lido que os espíritos se libertam do corpo denso, durante o sono, pra frequentarem as regiões mais adequadas ao seu desenvolvimento moral.

A minha longa exposição deu tempo para que todos se recuperassem das emoções de um momento antes. Incentivado, Rodolfo ponderou:

— Falando sério, acho que os seus problemas de transferência para o Espiritismo estão todos simbolicamente representados no sonho. Penso que será preciso, primeiro, analisar os aspectos materiais, como o templo religioso, o lar espírita, a sala de estar de sua residência. São lugares em que você tem posto as suas expectativas de progresso espiritual. A partir daí, você, imagneticamente, situou as pessoas, dando ênfase aos problemas por que estão passando atualmente. As figuras de desencarnados presentes são devidas aos seus anseios de desenvolvimento mediúnico, como agorinha mesmo você demonstrou. Quando você pega Odete pelo braço, é porque é ela que ficou no seu grupo de estudos. Ana e Raul se distanciam porque estão na minha turma. Como você acha que Raul está se dando melhor, deu a ele, inconscientemente, a oportunidade de conversar com o espírito do seu pai. Agradeço a lembrança do Doutor Raul de me situar numa posição de destaque, sem desprezar o privilégio que me foi dado pelo amigo Cláudio de me consorciar com Maria.

Eu ia levar a brincadeira adiante, porém, Odete foi mais rápida:

— É um pedido de casamento?

Não estava a par da condição civil de Rodolfo, contudo, não foi difícil de perceber que as mulheres já haviam pesquisado a respeito.

Rodolfo não se apertou:

— Se ela quiser aceitar...

Maria, porém, não estava satisfeita com os rumos da conversação e logo trouxe Luís à baila:

— O que é que vocês acham da figura do Luís, iluminado, sendo levado para regiões superiores?

Ana foi quem buscou esclarecer:

— Eu já disse pro Cláudio que o coitado não deve ter tido tempo ainda pra se reconciliar com todos os desafetos encarnados e desencarnados, porque nem saberia sequer onde se situa o Umbral ou qualquer outra morada do plano etéreo.

Maria refugou a hipótese:

— Luís era um homem muito bom, cumpridor de suas obrigações. Se não ia à igreja, vocês não se esqueçam que foi colhido, comigo junto, quando íamos ao centro. Nestes dois meses e tanto, teve tempo pra se inteirar de sua situação e já deve ter sido orientado pra se matricular em alguma escola da espiritualidade.

Não havia melhor oportunidade para passarmos ao esclarecimento do primordial, justamente o que nos levara para junto de Maria. Raul, na qualidade de testemunha oficial das preliminares, não titubeou:

— Querida irmãzinha, acho que estamos em falta para com você. Na verdade, convoquei esta reunião, inclusive com a presença do nosso amigo Rodolfo, para lhe fornecer algumas informações a respeito do seu marido.

Estrategicamente, Odete e Ana estavam uma de cada lado da viúva, na expectativa de possíveis reações negativas, à vista do impacto do noticiário.

Raul pigarreou e prosseguiu, narrando pormenorizadamente a conversa que tivera com o representante do clero, solicitando-me que declarasse o que sabia sobre a notificação judicial.

Maria, não obstante, permaneceu absolutamente no domínio de suas emoções. Parecia estar a par de tudo, tal a serenidade com que enfrentou as revelações.

Foi Rodolfo quem propôs uma tese que Raul e eu não havíamos configurado:

— Quer dizer que o Oficial de Justiça, no mesmo dia ou em dias subsequentes, apresentou duas intimações conflitantes? Sim, porque, para os padres, havia a expressa condição do desencarne de Luís; para a família, a requisição foi feita como se ele ainda estivesse vivo. Vejo que existe aí um rabo à mostra. Com a palavra o senhor advogado.

Raul se deu conta do problema e argumentou:

— Conforme disse ao Cláudio, temos de nos cercar de todos os cuidados, porque está parecendo-me existir um esquema fraudulento, alguém com ganância exacerbada, a pleitear vantagens e direitos inexistentes. Vim para prevenir Maria, porque é obrigação de representante legal da família. Exigi que comparecessem os mais chegados, aqueles que a amam verdadeiramente, para dar-lhe força e consolação e para mostrar que estamos unidos na defesa da honra e da dignidade do nosso nome. Ninguém irá conspurcar a integridade com que vimos amalhando as nossas virtudes, em nome de Jesus, segundo as diretrizes de Kardec e dos espíritos de luz que nos trouxeram a codificação da doutrina espírita. Este discurso eu havia reservado para o Professor e Amigo Rodolfo, mas, tendo em conta a calma e a tranquilidade de nossa irmãzinha, atrevo-me a dizer tudo o que penso, sem véus a esconder o que quer que seja. Se me permitirem, acho que seria oportuno elevar os pensamentos em prece ao Senhor, para que nos ilumine e proteja de todos os

impulsos de vingança ou de retaliação. Será que Rodolfo nos dará o prazer e o estímulo para prosseguirmos a nossa vida normalmente, requerendo aos benfeitores espirituais que intervenham por nós junto ao Senhor?

Rodolfo, entretanto, ressaltou o que estava evidente:

— A sua exposição, doutor, dita com tanto sentimento, é a própria prece que me solicita. Que todos se concentrem nesse desejo de harmonia e paz e recitem, no íntimo, um pai-nosso. Nós nos veremos imersos num clima de superior felicidade, como quando, há pouco, brincávamos com o sonho de Cláudio. Deus abençoe este lar!

A reunião terminou com um jantar formal, elaborado pelas três mulheres, ao qual não faltaram os chistes mais finos, regados pelos sorrisos mais deliciosos.

Com Ana Paula, já no leito, tratamos de um tema que me trazia intrigado:

— Não lhe parece que Rodolfo e Maria estão se entendendo muito bem?

Ana caçoou de minha ingenuidade:

— Você se lembra quando Maria veio falar que iria abandonar o Espiritismo? Pois bem, voltou atrás porque Rodolfo foi dissuadi-la, passando-lhe todos os argumentos pra ficar. Foi ela mesma quem nos contou esta tarde.

— Então, o gajo é um aproveitador...

Novamente, mostrou-me minha esposa que eu estava *por fora*:

— O *gajo*, como você diz, é mais rico que toda a nossa família junta.

— Não parece, pelo menos estava procurando um sobradinho...

— Pra dar de presente a um empregado que ia se casar. Raspace contou pro Raul; Raul, pra Odete; ela, pra mim. O seu irmão não disse nada?

— É estranho que um sujeito com tanto dinheiro venha perder tempo num centro espírita de subúrbio. Por que não vai direto à Federação?

— Não adianta perguntar pra mim. Se quer a minha opinião, eu acho que um bom espírita vai aonde pode ser mais útil. Parece que é ele quem está dando o dinheiro pra construção das salas no centro. Mas disto eu não tenho certeza.

— Você acha que ele está arrastando uma asa pra viúva do Luís?

— Por que você está fazendo questão de citar o nome de seu irmão? Está enciumado? Gostaria que Maria fosse fiel à sombra do defunto?

— Você me pegou. Eu ainda penso nas pessoas como feitas umas pras outras. Isto quer dizer que, se eu morrer, você sai correndo procurar outro?

— E quem disse que eu já não encontrei?

— Ana Paula! Ana Paula!

Descobrimos, naquele instante, que a noite era ainda uma criança.

18. REVELAÇÕES

Na quarta-feira seguinte, levei Ana ao centro mas não me senti estimulado a participar da reunião. Tinha comigo as últimas cópias do sonho, porém, deixei-as repousando no bolso do paletó.

Vendo-me só no amplo auditório, Raspace se aproximou:

— Oi, Cláudio, que faz abandonado aos espíritos errantes que frequentam o salão?

— Como vai, caro amigo? Hoje estou flautando, gazeteando. Tenho estudado muito, contudo, não me animei a entrar.

— Está com saudade de Ana, que partiu pro grupo do Rodolfo.

— Nem com saudade nem com ciúme nem com inveja. Estou meditando a respeito do curso sobre mediunidade. Eu não me sinto com real vontade de receber ou incorporar nenhum espírito. Isso não é pecado, pois não?

— Claro que não! O que é que você gostaria de fazer pra ajudar o centro, além, é lógico, de favorecer a aquisição dos materiais de construção?

— Esse é o problema que me tem feito pensar muito sobre o lema do Espiritismo: fora da caridade não existe salvação. Foi *Seu* Raimundo quem me despertou pra minha realidade. Soube que Rodolfo é muito rico...

— Vamos conversar lá na minha sala.

Levantamo-nos e saímos silenciosos. Chegando ao nosso destino, Raspace, cuidadoso, fechou a porta, como se fôssemos tratar de algum segredo de estado. Foi como ele iniciou os comentários:

— Só eu e Raul sabíamos disso e eu pedi ao seu irmão pra não contar pra mais ninguém.

— Pois contou à esposa, que contou à minha, que me contou...

— Vamos ver se a corrente tem apenas esses elos. Por favor, não diga pra mais ninguém, porque Rodolfo quer manter-se incógnito. Ele me levou a visitar as suas fábricas e me deixou muito impressionado. Vive, porém, num apartamento pequeno, num bairro chique, sozinho, onde passa por excêntrico e misantropo. Disse que desconfia que o povo julga que seja homossexual, porque sai toda noite. Mas não se importa. Nós sabemos que ele está sempre aqui.

— Isso significa que é um benfeitor da humanidade?

— Você tem estado em contato com ele. Viu qualquer coisa de ruim, certas manifestações desabonadoras, algum indício de perversão ou de malícia?

Refleti antes de responder e acabei concordando com a lisura do procedimento do expositor:

— Só encontro nele coisas boas.

— Então, vamos preservar o seu desejo de ser um colaborador anônimo das obras de benemerência do centro.

Calei-me e permaneci atento para as informações que Raspace me passou de como funcionavam todos os setores da instituição, tendo sido muito minucioso, demonstrando como se integravam os diversos departamentos, instando num ponto que lhe parecia, por certo, como o mais adequado para mim: a organização material da secretaria.

Levamos quatro semanas nesses colóquios, antes de me decidir a aceitar o cargo de secretário na chapa única que iria ser eleita para o próximo ano fiscal.

Nesse meio tempo, Raul levou a cabo algumas investigações, auxiliado pela pesquisa efetuada pelos padres.

Eis como, mais ou menos, se deu a nossa palestra:

— Cláudio, você precisa ver como funciona a rede de informações eclesiásticas.

Eu não tinha muita curiosidade mas vi aguçado o meu interesse pela forma sibilina através da qual meu irmão me convocou para as revelações que desejava fornecer-me. Prosseguiu:

— Em pouco tempo, descobriram o endereço atual de Dona Setembrina...

— Setembrina?

— Eu não daria tal nome à minha filha; nem você. Mas alguém deu e lá está no registro de nascimento: filha de Dona Quitéria e de pai desconhecido. Você sabe o nome daquela que dizem filha de Luís? Orlanda. Outro nome do arco das velhas.

— Você quer dizer *da velha*.

— *Arco das Velhas Escrituras*, ou seja, o arco que marcou a aliança entre o povo judeu e o Senhor, ou seja, o arco-íris. Hoje ninguém mais sabe disso e pensa que existe alguma senhora de idade metida nessas confusões.

— Vivendo e aprendendo.

— Vamos ao que interessa. Foi só mandar uma circular interna para os párcos e logo foi identificada a criatura. Quando os padres não conhecem o paradeiro, as beatas são postas em ação. Tudo decorre dentro de vinte e quatro a quarenta e oito horas, o mais tardar.

— E na certidão de nascimento da coitadinha da Orlanda...

— Também se encontra a expressão *pai desconhecido*.

— Vai ser difícil de provar que é filha de nosso irmão.

— A petição renovada já registra o falecimento do pleiteado genitor, o que derruba a tese da contradição levantada por Rodolfo. Se houve intenção de engodo, o requerente é muito esperto. Maria recebeu a intimação hoje de manhã. Eu já tinha tudo pronto, faltando apenas os registros oficiais. Mas não vou encaminhar a resposta a não ser no final do prazo. Quanto mais tempo ganhar, melhor, porque sei que os advogados do clero vão empenhar-se no mesmo sentido. Aliás, pelo menos até agora, nunca duas defesas se casaram tão bem.

— Valeu a desistência integral de direitos de Maria.

— O meu medo, Claudinho, é de que os padres aceitem pagar extrajudicialmente, com a proposta de retirada da queixa. Vai sobrar só para nós o ônus da repulsa da pretensão.

— Quem sabe a tal de Dona Setembrina se contente com a quantia que arrecadar da diocese.

— Nem pensar. É preciso reconhecer que ela está fortemente amparada por algum rábula de porta de necrotério.

— Eu sabia da existência dos de porta de cadeia.

— Pois existem também aqueles outros. Pode crer. O golpe é antigo e, às vezes, dá certo. Se é como penso, somente depois de receber o *por-fora* é que se darão por satisfeitos, retirando a petição.

— Que você acha que devemos fazer?

— Não vejo outro caminho senão o de levar até o fim a pendência, mesmo que se passem alguns anos.

Raul fizera o prognóstico exato. Apenas há uns meses atrás se deu o desfecho do processo. Mas certos acontecimentos de permissão merecem referência, para dar mais

emoção à parte judicial da minha história. O amigo leitor verá como a morosidade dos tribunais pode facultar que se faça exemplar justiça.

Como num bom romance, os acontecimentos foram ligando-se para o desfecho que me traz amarrado à necessidade desta narrativa.

Um belo dia, Raspace me deixou sozinho na sala do secretário e eu me pus à disposição dos amigos da espiritualidade para a psicografia. Como tenho dito, sempre me previno para a eventualidade das anotações. Sendo assim, evoquei em regra o espírito de meu irmão, aproveitando-me do fato de estar dentro do centro, ao lado de duas sessões de desenvolvimento mediúnico.

Para ser absolutamente sincero, queria ver meu punho agir sozinho, impulsionado por misteriosas energias. Achava que a psicografia espontânea, independente da vontade, teria o cunho do autêntico. No entanto, veio-me à mente que deveria reproduzir os pensamentos, sem prestar muita atenção à coerência do texto resultante.

Perguntei, por escrito:

— *Quem vem ao meu chamamento?*

Continuei escrevendo:

— *Zabeu.*

— *Luís não pode atender?*

— *Luís está sob rigorosos cuidados de seus benfeitores, ainda sob o clima espiritual provocado pelo desastre que o vitimou.*

— *Prezado guia, como confiar em suas informações?*

— *Não precisa confiar. Basta avaliar depois se fazem sentido.*

— *Gostaria de saber se Luís é culpado do crime de que é acusado.*

— *O tempo é o mestre da história. Sob a bondade de Deus, todos os efeitos terão as causas elucidadas oportunamente.*

— *O senhor é o Padre Zabeu cujo retrato se fez há algum tempo?*

— *Eu mesmo. Poderia ter enviado um representante mas faço questão de introduzi-lo neste maravilhoso campo da mediunidade.*

— *Existe alguma garantia, bom amigo, de que não se trata de animismo, uma vez que os temas se ajustam às maravilhas ao que eu mesmo desejaria escrever para o meu próprio conforto e da família?*

— *Nenhuma prova será suficientemente material para as exigências dos que não se arriscam a acatar as notícias pelo que elas valem, segundo o prisma evangélico dos sentimentos demonstrados.*

— *Fosse outro a registrar estes elementos e outro seria o resultado do trabalho?*

— *Certamente. No entanto, com o tempo, Você será capaz de caracterizar a minha personalidade através do estilo com que abordo os assuntos, como ainda distinguirá facilmente os ingredientes fluídicos de que lanço mão para abordá-lo.*

— *Noto que a minha ortografia não está perfeita. Tenho permissão para corrigir o que não estiver de acordo com as regras?*

— *É claro que sim! Entenda-se você consigo mesmo, se não quiser ir colocando obstáculos ao ditado a cada instante de indecisão. Recomendo-lhe, pois, que estude mais gramática e se aperfeiçoe na linguagem, para que encontrem os espíritos mais evoluídos*

maior facilidade em passar-lhe suas vibrações mais sutis, exatamente aquelas que irão exigir termos específicos, para que o tradutor não se transforme em traidor.

— Muitas perguntas estão aflorando-me à mente. Posso ir fazendo, conforme se constituam?

— Se você se deixar levar, poderei interpretar as suas intuições, fornecendo-lhe as perguntas que você mesmo faria. Por exemplo, não é verdade que você está querendo saber se deve prosseguir trabalhando longe da mesa mediúnica?

— Isso mesmo.

— É preferível, desde que você se encontra numa casa de atendimento espírita, que se junte aos médiuns, o que lhe permitirá demonstrar aos companheiros que está sob a influência dos espíritos. Se houver no grupo algum vidente, poderá ele comprovar a presença da entidade. Caso opte por se isolar, quase certamente os parceiros colocarão dúvidas quanto à lisura de sua mediunidade. Sendo assim, é de todo prudente que estas páginas não se tornem públicas, para não receber você críticas desproporcionais à inexperiência desta primeira vez, ainda que (e por isso mesmo) o seu desempenho esteja prometendo desenvolvimento muito auspicioso.

— Quanto ao meu sonho...

— Quanto ao seu sonho, você está desejoso de saber se algo deve aos amigos da espiritualidade. Conte-se, porém, com as interpretações que os vários parentes e amigos lhe deram. Não lhe parecem cobrir todos os aspectos de seu interesse?

— Apenas um esclarecimento. Quem bateu em meu ombro, pedindo para não me voltar?

— Quem você gostaria que tivesse sido?

— Se eu tivesse a certeza do meu anjo guardião, ficaria satisfeito.

— Se não foi ele, foi alguém a mando dele. Está bem assim?

— Não estou sendo impertinente, apresentando temas de meu próprio interesse?

— A questão está mal colocada. Melhor se exprimiria se evidenciasse que está o meu querido amigo com a mente congestionada de dúvidas. Se insistir nessa linha, esgotará a matéria em três tempos. Então, devo encaminhá-lo para os problemas concernentes às deliberações que o afetarão no aprendizado e na cristalização psíquica das virtudes. Qual é a sua primeira impressão a respeito desta mensagem?

Caí na armadilha de Zabeu e tentei formular a análise que me pedia. Quando regresssei para oferecer meus préstimos mediúnicos, percebi que estava inteiramente lúcido, incapaz de receber as vibrações do etéreo. Acordara, vamos dizer assim, para minha própria esfera, senti o peso de meu corpo e, momentaneamente, perdi a noção de tudo quanto escrevera. Mas me senti maravilhosamente bem, leve como uma pluma, alegre e reconhecido. Nem precisei recordar-me das recomendações de Kardec quanto à prece de agradecimento e já estava recitando um pai-nosso emocionado, fazendo cada palavra do texto sagrado pender para o entendimento da recente visita espiritual.

O resultado prático desse primeiro contato com a realidade espiritual foi que Raspace me permitiu assistir às reuniões de conforto às pessoas carentes de estímulos doutrinários, situado numa ponta da mesa, lápis e papel à disposição, que o diagnóstico foi de psicógrafo semiconsciente.

Eu havia substituído as palestras das terças pelo evangelho no lar. Iria agora às sextas, para as tarefas mediúnicas, reservando as quartas para o atendimento da secretaria.

Quem se alegrou, sobremodo, com o aflorar da minha mediunidade foi Ana Paula, que me incentivou e não poupou elogios para a desenvoltura que manifestara. Para ser honesto, a reprodução que acima se leu mereceu reparos para além das exigências gramaticais. Fique o registro para que não se pense que os textos dos espíritos sempre haverão de chegar às nossas mãos conforme foram transmitidos. Sempre a mente do médium haverá de distorcer ideias e terminologias, de modo que deve estar atento para escrever de mais de um modo todas as frases. Depois estudará o conjunto e extrairá um texto mais enxuto, sempre dentro dos rigores das sessões espíritas resguardadas pelas preces e melhores sentimentos.

A recomendação de Raspace de me dedicar aos ditados às sextas-feiras tinha o objetivo de liberar-me para a função de coordenador e organizador dos departamentos do centro, tendo em vista os meus conhecimentos na área da administração empresarial. Esse intento era o meu — não o do presidente do centro. Como, porém, me foi dada carta branca para agir profissionalmente, pus-me em ação, principiando por ceder ao *“Coração Amoroso de Jesus”* o microcomputador que se tornara obsoleto para a minha empresa.

É óbvio que não vou contar os aspectos técnicos envolvidos na transformação do sistema manuscrito em eletrônico. Mas não posso deixar de mencionar que dei maior funcionalidade aos diferentes setores, quais sejam, os da farmácia, da cozinha, da livraria, da biblioteca, da mocidade, da diretoria, dos associados, dos assistidos e até dos frequentadores.

Foi durante a elaboração do rol dos assistidos e respectivas famílias que me veio a intuição de que Luís não teria dado o nome de Orlando à filha. Notei diversas transferências de nomes de pais para filhos e algumas de pais para filhas, como nos casos de Roberto, Roberta, de Fernando, Fernanda e assim por diante.

Procurei Raul e demonstrei-lhe a minha suspeita de que o pai da menina deveria chamar-se Orlando.

Ele adotou de imediato a hipótese:

— Vamos ver a que nos levam as investigações. Nesta altura, os párocos já devem ter o dossiê completo das aventuras de Dona Setembrina, incluindo o nome do homem ou homens com quem se relaciona.

— Que vamos fazer se encontrarmos algum Orlando na vida dela?

— Vamos incluir-lhe o nome entre os suspeitos de paternidade, exigindo o exame de sangue, à vista do fato de estarmos, desde a defesa de primeira instância, insistindo em que o mesmo exame seja feito relativamente a Luís.

Dei-me por satisfeito com a evolução prevista para o desagravo e reservei-me à expectativa da descoberta do elemento com o referido prenome.

Não demorou para Raul voltar, impando de felicidade:

— O sujeito estava desaparecido, provavelmente por orientação do advogado da requerente. Mas o serviço de espionagem da diocese logo descobriu de quem se tratava. É um antigo amante de Setembrina, homem casado à época do nascimento da criança, hoje

separado, com processo de divórcio em andamento. Isso explica diversas situações favoráveis ao pleito da suposta vítima.

Como eu havia levantado a lebre dentro do centro espírita, tinha como certa a participação dos espíritos, quem sabe mesmo do próprio Luís ou do Padre Zabeu, que, a meu ver, apesar de perambular pelo etéreo há longos anos, deveria ter especial estima pela instituição religiosa que o agasalhara em vida. Sendo assim, ponderei:

— Prezado advogado, não seria mais delicado e respeitoso referir-se à Igreja sem qualquer nuance ou resquício de ironia? Como você sabe, estou a redigir as minhas memórias e pretendo repetir tintim por tintim todas as falas das minhas personagens reais. É você quem prega o desprestígio dela, sutilmente, entretanto, ao reproduzir por escrito a sua manifestação oral, coonesto a sua posição, se não levantar a suspeita de que você não disse exatamente o que deverei escrever.

Raul abriu um amplo sorriso e saiu-se com relativo brilhantismo:

— Eu não retiro o que disse e você transcreve *ipsis litteris, ipsis verbis*, exatamente, a reprimenda que me faz. Não acha que isso soluciona o seu problema?

Acatei a ideia, tanto que me utilizei dela, como percebe o leitor amigo. Mas a conversa prosseguiu, porque me interessava pelo desenvolvimento da causa judicial:

— Quer dizer, doutor, que o caso está prestes a encerrar-se?

— Você só diz isso porque desconhece os trâmites da Justiça. Assim que indicarmos o possível pai da garota, passamos de réus a agentes da ação de denúncia, cabendo-nos o ônus da prova. Vamos aguardar pacientemente o pronunciamento da promotoria pública, que deverá inquirir a mãe sob juramento. É possível que o advogado da malandra esteja preparando subterfúgios jurídicos para configurar a má-fé dos citados, nós e a Igreja, como se estivéssemos alegando em contrário para procrastinar o ato decisório do tribunal.

— De qualquer modo, não há como a diocese ou a arquidiocese aceitar acordo algum, pelos acréscimos de fatos novos claramente desfavoráveis à pleiteante.

— Queira Deus que você tenha razão.

19. SOB A INSPIRAÇÃO DE LUISINHO

Não foi sobre nenhum palco ou tablado mas numa sala obstétrica da maternidade que nasceu o filho de Maria, a quem, como antecipadamente se soube pelas informações intra-uterinas da ultra-sonografia, já se havia atribuído o nome de Luís.

O nascimento não se acompanhou de nenhum matrimônio, embora o povo todo enxergasse a amizade que unia Rodolfo à parturiente.

Por aquela época, para alegria maior da família, foi deferida a citação do indivíduo de nome Orlando, apesar de Setembrina haver negado em juízo que a filha fosse dele.

Estando a redigir as notas relativas ao nascimento da criança, ocorreu-me um pensamento no mínimo transgressor da certeza que adquirira de que Orlanda não era filha de meu irmão. A primeira ideia que vem à cabeça das pessoas ao visitarem os recém-nascidos é de a quem saíram. Quanto ao Luisinho, todos, unanimemente, reconheceram o pai na criança, em especial quem viu os demais pimpolhos.

Ocorreu-me que Orlanda poderia fornecer claros indícios físicos comprobatórios de quem era filha. Para tanto, era preciso que eu a conhecesse e aos pais presumidos, para efeito da comparação. Mas como chegar até eles sem despertar justas desconfianças de desforra ou de acinte ou provocação?

Preveniu-me Ana Paula:

— Veja lá onde você vai se meter. A curiosidade mata. Sem consultar o seu irmão, não se atreva.

Fiquei temeroso de *entornar o caldo* da defesa tão bem armada mas não desisti da intenção. Antes de expor o meu plano a Raul, fiz meticoloso levantamento de endereços, incluindo locais de trabalho e a escola da menina. Nada se situava além de quinze quilômetros da nossa região. Era, portanto, exequível o que estava fixando na mente.

Ao contrário da prudente observação da minha esposa, Raul achou muito interessante a ideia da aproximação e armou-me com um roteiro espírita de alto significado evangélico: eu iria tentar demonstrar que a nossa ação legal apenas correspondia ao processo que nos foi impetrado, que a nossa família, por formação religiosa, estava imbuída do preceito de que *fora da caridade não existe salvação*, ao qual acrescentei o da reconciliação propugnada por Jesus, que abríamos o centro espírita para as reivindicações materiais e espirituais da nossa irmãzinha e de seu sedutor ou futuro marido, mas demonstrando muita firmeza, no sentido de que a justiça se fizesse aqui mesmo, independente do processo que se instalaria no campo da espiritualidade.

Enquanto estava eu buscando ir às escondidas, Raul definiu-me uma posição de franqueza e honestidade. Terminou, perguntando-me:

— De que valem os nossos estudos espíritas e cristãos se, na hora de aplicá-los, utilizamo-nos dos processos jurídico-sociais da separação das partes em litígio?

Não quis magoá-lo, porém, recordei-me claramente de que, no primeiro instante, fora ele mesmo quem reagira com extremo azedume. Digo *azedume* para ser delicado e respeitoso em relação ao seu rompante desequilíbrio em defesa do patrimônio da cunhada.

— Pra evitar problemas — acrescentei — acho que devíamos enviar uma carta ou cartão, através de portador credenciado, pessoa simples, como o nosso Raimundo, que também falará em nome de nossa intenção amigável e benevolente.

— Bem lembrado. Que tal se você se fizesse acompanhar de um dos dirigentes do centro?

— Se o Rodolfo ou o Raspace se prontificar, vai ser ótimo. Você se encarrega de convencer um dos dois e eu fico com o Raimundo, que está mais próximo de mim.

Tudo acertado, na primeira oportunidade, chamei o diligente empregado:

— Tenho importante missão pra lhe confiar.

— Estou às ordens.

— Eu já lhe falei a respeito do problema do Luís. Raul e eu achamos que está na hora de tomarmos a iniciativa da união entre nós, porque é possível que estejamos rejeitando alguma pessoa do nosso sangue, sem contar que o meu irmão não se manifestou contrário, mediunicamente, é claro, à reivindicação de Dona Setembrina.

— O senhor quer que eu vá junto...

— Quase isso. Nós pensamos em escrever um bilhete avisando que iremos fazer uma visita. Queremos que você leve a cartinha e marque dia e hora pro encontro. Qualquer dia e qualquer horário servem. Mas você precisa insistir em que a gente quer conhecer a menina e o homem com quem a senhora vai se casar, segundo soubemos.

— Já está pronto o bilhete?

— Estou apenas sondando se você não se recusa e querendo saber se tem alguma ideia pra facilitar as coisas.

— *Seu* Cláudio, eu acho que é muito bonita essa ideia e faço votos pra que tudo dê certo. Pode contar comigo.

Em seguida, tratamos do endereço e Raimundo demonstrou conhecer a região aonde iria entregar a correspondência.

— Quando estiver pronto, eu chamo.

— Estou esperando.

Passei, então, a me preocupar com os dizeres, porém, escrevi num impulso, como fazia no centro ao tomar os ditados dos espíritos:

Prezada Senhora Dona Setembrina:

Meu nome é Cláudio. Sou irmão do Luís, que a senhora alega ser pai de sua filha. Não querendo preocupá-la mais com as formalidades judiciárias, peço-lhe que me receba em sua residência, porque desejo muito conhecê-la, ao seu futuro marido e aquela que deverá ser minha sobrinha.

Para deixá-la bem tranquila, devo dizer que somos espíritos e acreditamos em que as pessoas são todas irmãs pela criação divina.

Jesus nos abençoe e ilumine, para que possamos entender-nos num plano mais elevado do que o da justiça terrestre.

Aceite os meus protestos de estima e consideração.

Deixei no rascunho e levei para que Ana aprovasse.

— Você veja bem onde está pisando — preveniu-me ela — porque essas pessoas não estão pra brincadeiras. Se você disser alguma palavra que seja mal interpretada, vai fomentar mais a discórdia do que a união.

Lembro-me de ter dito vários argumentos favoráveis à minha tese, mas nada iria demover-me do intento que me levava tão longe. Quanto à carta, não opôs nenhuma razão contrária, de modo que, no dia seguinte, passei a limpo, chamei Raimundo e fiz dele o nosso mensageiro.

Ao regressar, vinha com a resposta engatilhada:

— A senhora manda agradecer a sua boa intenção e avisa que, se alguém aparecer por lá sem permissão, vai chamar a polícia.

Caí das nuvens. Achava que era apenas citar o fato de seguirmos o Espiritismo e todas as portas se abririam.

Imediatamente, tive um arremesso de profundo atrevimento:

— Você está vindo de lá agora?

— Sim.

— Suba no carro. Vamos até a casa da mulher.

— O senhor não está acreditando que ela é capaz de fazer o que prometeu?
— Eu acho que, se ela vir a gente, vai ficar sem jeito e abrir a porta. A menina estava em casa?

— Além da mulher, não vi mais ninguém.

— Então, vamos.

No caminho, ia remoendo a frustração. Mas, para me acalmar, tocava o carro o mais devagar que podia, no trânsito intenso das avenidas. Cheguei mesmo a observar um *outdoor* com a figura de uma gorda mulher, contudo, nem notei de qual produto fazia propaganda. Valeu-me para imaginar como seria a dona.

O prédio era modestíssimo. Dava a impressão de não passar de dois cômodos, cozinha e banheiro. Estava mal cuidado, necessitando de reparos gerais. Antes de descer, tomei fôlego e comentei com Raimundo:

— A gente podia oferecer uma reforma pra mostrar boa vontade.

Raimundo ficou olhando para mim como se não tivesse entendido o que lhe havia dito. Complementei:

— Raul ficou de convencer Raspace ou Rodolfo pra me acompanhar. Você vai fazer o papel de espírita ligado ao centro.

O negro balançava a cabeça não acreditando no que ouvia. Insisti:

— Quero que você defenda o meu ponto de vista, porque eu acho que as brigas não se resolvem com alguém ganhando e outro perdendo.

O empregado apenas ergueu olhos suplicantes para mim, silenciosos e compreensivos. Dei a voz de comando:

— Vamos lá!

Raimundo tocou a campainha. Não demorou, a porta se abriu e uma bela mulher atendeu:

— *Seu* Raimundo, já de volta?

Foi aí que notou a minha presença. Ficou pálida, meio desconcertada, como a imaginar o que deveria fazer. Antecipei-me:

— A senhora me perdoe mas eu não quis aceitar sua recusa em me atender. Sou o Cláudio, como deve ter percebido, e venho com o coração nas mãos pra que a gente possa conversar a respeito de tudo o que está acontecendo.

Procurei ser o mais educado e amável que pude. Esperava que ela se decidisse logo, todavia, ficou absorta a me olhar, como se meu semblante lhe despertasse profundas recordações. Eu mesmo me pus a admirar aquele rosto, cujos olhos me atraíram magicamente. De relance, me passou pela cabeça que Luís tinha razão em se apaixonar por criatura de linhas fisionômicas tão simpáticas. Derruía-se qualquer ideia malévola aninhada em minha mente ou sentimento de repúdio do coração.

Relutante, convidou-nos para a sala pobremente mobiliada e, sem transição, observou:

— O senhor é uma pessoa rica e vai perdoar a nossa miséria. Não pense que nós queremos nos aproveitar de seus bens nem que pensamos em ter mais coisas. Queremos apenas o que é de nosso direito.

Ocorreu-me que ela poderia não estar mentindo mas me lembrei do aviso de Ana e me resguardei:

— Não vim, minha senhora, discutir as questões legais. Isso é com o meu irmão Raul, que é advogado. Vim ver se podia ser útil em alguma coisa e, pra ser sincero, vim pra conhecer a família, principalmente, a pequena Orlanda.

Imediatamente, Setembrina chamou a filha:

— Dinha, venha cá!

A mocinha, que devia estar escutando a conversa no outro cômodo, logo se apresentou, tímida. Era parecida com a mãe, com alguns ligeiros traços que poderiam lembrar os de minha família, mas tinha um quê de diferente dos filhos do Luís. Olhei com muita atenção, estendi-lhe mão e não fiz nenhum gesto de maior aproximação. O que me deixou surpreso foi que ela mal me tocou mas deu um demorado abraço em Raimundo.

Fiquei sem entender e meu olhar foi tão carregado de interrogações que Setembrina precisou esclarecer:

— Orlandinha sempre se apegou ao Raimundo.

Não me contive:

— Desde quando vocês se conhecem?

— Há vários anos. Quando Luís não podia trazer a mesada, mandava o empregado.

Meus olhos iam de um para o outro, como se pudessem ler a verdade que se escondia sob aquelas informações. Por seu turno, Raimundo enxugava os olhos, procurando não olhar diretamente para mim.

Pedi uma explicação:

— Não sabia que Luís estava dando-lhe dinheiro. Por que isso não consta no processo?

— Claro que consta! O que não pude foi comprovar com nenhum papel, cópia de cheque...

Uma voz de homem se fez ouvir à porta:

— Luís sempre teve o cuidado de entregar as notas soltas, sem nenhum envelope ou coisa parecida.

Levantei-me sem saber se cumprimentava o recém-chegado ou se me retirava daquilo que me parecia o covil das serpentes. Raimundo fez as apresentações:

— Este é o Senhor Orlando, que vive com Dona Setembrina há muitos anos.

Enquanto lhe estendia a mão, pude contemplar aquele rosto, esse, sim, com nítidos traços reproduzidos na face da rapariga. Mas poderia ser apenas uma impressão fugidia, que não pude confirmar à vista de Setembrina ter levado a filha para dentro.

Não obstante as peripécias emocionais daquela curiosa reunião, precisava tornar concreto o objetivo da visita. Levei avante o projeto que ficara completamente em segundo plano:

— Nós, como o *Seu* Raimundo, somos espíritas. Vocês professam alguma religião?

Orlando, contudo, não queria dar trela àquele tipo de entrosamento:

— *Seu* Cláudio, nós achamos a sua atitude favorável a uma união entre as famílias. Precisa o senhor entender que a gente é simples e só queria os três salários que Luís nos dava pra gente criar a menina. Depois que ele morreu...

Interrompi-o, afoitamente:

— Vocês fizeram o pedido ao juiz antes de saberem que meu irmão tinha morrido, tanto que fizeram a representação no nome dele. Depois é que mudaram.

Orlando não se deu por perdido:

— É verdade. É que ele não mandou a quantia e nós corremos atrás do nosso direito, como falou o advogado. Mas logo ficamos sabendo que ele tinha morrido...

Devo dizer que a minha cabeça estava a mil, enquanto chamava o outro, intimamente, de mentiroso, sabendo que ele desaparecera por uns tempos. Trunqueei o que ele estava dizendo, procurando não ser impolido, e pedi que chamasse Setembrina:

— Por favor, chame a sua esposa, que eu não pretendia ficar tanto tempo. Preciso voltar pro depósito porque tenho muita coisa ainda hoje pra fazer.

De repente me vi no carro, sem compreender direito o que falamos no final da conversa. Mas voltava muito triste com Raimundo, porque não me protegera contra as novidades do caso. Não estava raivoso, caso contrário, viria desabafando nele. Estava magoado e sem ação. Enquanto escrevo este episódio, fico a lamentar não ter, em nenhum momento daquele trajeto, lembrado de elevar ao Pai, a Jesus ou aos protetores, nenhuma prece de agradecimento ou de pedido de ajuda.

Passei o restante da tarde macambúzio, a ruminar razões plausíveis para perdoar incondicionalmente o mutismo de Raimundo. Não me esqueci, entretanto, de que, nas noites de sexta, me propunha ao trabalho mediúnico no centro. Por isso, dediquei-me um pouco à leitura das obras de Kardec, sem me desfazer da sombra do desejo de receber mensagem de reconforto e de elucidação dos fatos que tinham gerado a situação que enfrentara junto à família que visitamos.

Não querendo perturbar o estado de concentração, porque dava tremenda importância para o evento espírita, não comentei com Ana Paula a respeito do desastroso encontro. Havia uma espécie de reconhecimento arrependido de que ela estava com a razão, quando me advertiu sobre os perigos que iria enfrentar.

Junto à mesa, nem prestei atenção ao texto de abertura nem às palavras com que Raspace deu início à sessão. Durante cerca de dez minutos, permaneci inativo, sem nenhuma vibração reconhecível de alguma entidade que se acercava para comunicar-se. De repente, num jorro de ideias, passei a escrever o texto que conservei com muita alegria e interesse. Ei-lo:

Bons amigos do Centro Espírita “Coração Amoroso de Jesus”, queridos irmãos e irmãs, venho para explanar a respeito de um tema que muito preocupa os corações dos encarnados, quando se trata de avaliar as mensagens que são transcritas pelos médiuns.

São muito poucas as pessoas que aceitam o fenômeno da transmissão de pensamentos e emoções pelas entidades do etéreo, sem que coloquem obstáculos de toda espécie para a crença de que os protetores estejam habilitados às dissertações de cunho moral, filosófico, científico ou doutrinário. Sempre dão preferência às informações de caráter pessoal, vindo mesmo até esta casa de benemerência espírita com o intuito de ouvir ou de contatar seres muito estimados, capazes de elaborar comunicações plenas de nomes de pessoas e de lugares e também de fatos que possam ser averiguados e confirmados, dando ênfase aos que não estejam no repositório mnemônico do médium.

Quando recebem uma página em que se trata de temas gerais ou que contenham recomendações e prescrições quanto aos procedimentos virtuosos, sem definição desta ou daquela criatura a quem seriam direcionadas, logo buscam qualificar o trabalho do servidor

encarnado como produto típico de sua própria espiritualidade, o que denomina a doutrina de fenômeno anímico.

Muito frequentemente encontramos pessoas piedosas e eméritas na assistência aos espíritos e aos encarnados carentes que desconfiam de que os que se sentam junto à mesa tão só reproduzem textos lidos, porque se lembram, após se devotarem, durante anos a fio, ao estudo das melhores obras produzidas pelos missionários da luz, de que tal ou qual assunto se encontra neste ou naquele autor. Sendo assim, passam a suspeitar de mistificação, de engodo ou de crua falsidade, sem se aterem ao fato de que o mensageiro atual está atento às necessidades imediatas das pessoas presentes.

Com mui curiosa situação se deparam alguns excelentes médiuns cujos ditados classificam como oriundos de sua experiência doutrinária, numa evidente fuga, às vezes consciente, às vezes não, de aplicarem a si mesmos os avisos que escrevem. Para espíritos obsessores, tal acontecimento provoca reações hilariantes, sendo que, se atrás não voltam os encarnados e admitem a incorporação espiritual, acabam nas mãos dos que vêm para o distúrbio, para a provocação, para a anulação dos pendores que se estimulavam.

Dentre as pessoas que se sentem preteridas pelos guias, muitas se enquadram no campo dos requerimentos impossíveis de se atenderem, por razões que devem, inclusive, permanecer desconhecidas, porque são envolvidos outros seres que sofreriam descargas vibratórias de baixa categoria, em lugar das preces de valor energético positivo. Neste caso, optam os mensageiros por fornecer explicações da mesma ordem desta que estou oferecendo ao meu escrevente e aos demais participantes desta comovente sessão.

Asseguro, finalmente, que o instrumento medianímico de que me estou servindo muito pouca participação está tendo quanto à criação do texto, como se poderá concluir posteriormente à análise da linguagem e da composição que recomendo se execute.

Para encerrar, rogo ao Senhor que nos abençoe todas as tentativas sinceras de auxiliar os nossos semelhantes, em nome de Jesus e de seus ensinamentos. Para os que não atinarem com o objetivo desta pequena prece, afirmo que existem muitos irmãozinhos que exigem a comprovação da superioridade do espírito que se comunica, através da menção compungida e respeitosa do nome do nosso criador eterno, Deus, pai de misericórdia e amor infinitos.

Deste irmão, que lhes traz páldas noções dentre o universo dos conhecimentos doutrinários, Padre Zabeu.

20. RODOLFO SE INTEGRA AO GRUPO

Contrariando o costume de deixar aos sábados a loja sob os cuidados dos empregados, na manhã seguinte, conforme me recomendou insistentemente Ana Paula, chamei Raimundo para um entendimento definitivo a respeito dos motivos por que nos escondera acontecimentos tão importantes para a compreensão do processo que nos movia Setembrina.

O velho chegou manso como sempre, sem demonstrar nenhuma apreensão quanto ao que eu tinha para lhe dizer. Talvez se recordasse da mensagem do Zabeu, da noite

anterior, segundo o hábito do centro de se efetuarem, ao final das sessões, as leituras de todos os trabalhos psicografados.

— Boa dia, *Seu Raimundo!*

— Bom dia, patrãozinho! O senhor passou bem a noite?

— Otimamente! E você?

— Dormi como os anjos.

— Quer dizer que não lhe dói a consciência por nos ter mantido na ignorância de fatos tão decisivos pro andamento da demanda contra a família de Maria?

— Quer saber por que não contei nada?

— Se não for muito incômodo...

— Incômodo nenhum.

O velho parecia não entender a minha ironia ou era evoluído demais para atribuir aos meus sentimentos valores transcendentais. Prosseguiu:

— Em primeiro lugar, venho fazendo de tudo pra agradar a família que tão bem sempre me tratou. Caso dissesse alguma coisa que trouxesse aflição ou tristeza, eu não me perdoava o atrevimento.

Impacientava-me com a formulação das frases buscadas e rebuscadas, porque sentia que o empregado havia percebido que me magoara e que tinha pensado muito nas perguntas que sabia que eu iria fazer. Se não estivesse tão envolvido emocionalmente, teria suspeitado de que ele estava recebendo ajuda dos protetores. Em todo caso, observei:

— Mas você acabou me deixando numa situação muito ruim. Você não acha?

— O senhor me pegou desprevenido. Não tive tempo pra dizer nem não nem sim.

Quando vi, a gente estava conversando com a mulher e a menina veio correndo me abraçar.

Nesse instante, Raul e Rodolfo foram entrando sem cerimônias. Logo perceberam que algo de mais grave estava acontecendo, com certeza pelos semblantes dos dois basbaques que conversavam sem ir ao encontro do que interessava.

Foi Raul quem abriu o jogo:

— Que ocorre?

Recobrei a serenidade, lembrando-me de que fora o causador da periclitante situação, e rapidamente referi os sucessos do dia anterior.

Se disser que Raul foi empalidecendo com as revelações das atividades de Raimundo, estarei sendo infiel à verdade. Ele simplesmente ficou transparente. Resolvi, porém, ajustar as minhas baterias contra meu irmão:

— Por que é que você não me avisou de que, nos autos do processo, foram citadas as somas mensais que Luís dava à amante?

Recuperando um pouco a cor, esclareceu:

— Porque não constam, simplesmente. Constam, sim, no pedido endereçado à cúria, porque a requerente deseja ver ressarcido o prejuízo dos três salários mínimos que afirma ter recebido regularmente mas que não comprova materialmente. Vejo agora que Raimundo era a arma secreta a ser sacada no momento do tiroteio no tribunal. E eu que pensava em utilizá-lo como testemunha da defesa...

Rodolfo, que ouvira atentamente tudo, ponderou:

— Vocês estão dando o caso por encerrado. Onde ficou a certeza de que Luís é inocente?

Contra as expectativas, Raimundo, aproveitando-se da acusação de Raul e da defesa de Rodolfo, foi incisivo:

— No meio espírita, as pessoas ligadas à mediunidade devem confiar que os protetores, um dia ou outro, vão permitir aos espíritos que deem as informações definitivas.

Rodolfo acrescentou:

— E se não derem de viva voz, se não escreverem, se não assoprarem no ouvido das pessoas estimadas, irãõ, assim que se juntarem no plano espiritual, fornecer todos os elementos, para que o amor fraterno não fique abalado pelas suspeitas que se levantam sem comprovação. Vamos aguardar pela decisão da justiça dos homens e, acima de tudo, vamos ter fé em que Deus colocará tudo em pratos limpos, quando merecermos adentrar em seu reino de felicidade.

Raul tentou ressaltar um aspecto significativo da exposição de Rodolfo:

— Não há dúvida de que, nesse instante supremo, estaremos fulgurantes em nossa vestimenta de espíritos de luz. Será compreensível, portanto, se desprezarmos o conhecimento das mezinhas atividades humanas inspiradas nos desejos carnis.

Eu mesmo me impregnei do entusiasmo do grupo e aduzi:

— Mesmo bem antes de chegarmos a tão magnífico estágio evolutivo, teremos tido oportunidade de auxiliar a muitos mais carentes de entendimento dos porquês de se envolverem em problemas originados nas emoções e sensações próprias dos terrestres.

Rodolfo, vivaz, aproveitou a deixa:

— Mas o bem deve começar a ser feito já, para podermos alçar voos espirituais de categoria. Como chegar ao final da estrada, sem passarmos pela metade dela? Vamos pensar que somos aqueles anjos, aqueles querubins e serafins a serviço do Senhor, para realizarmos quanto estiver ao nosso alcance em favor daquela família que perdeu um ganho fixo de vários anos.

Raimundo sentiu que era oportuno dar uma informação:

— Agora que vocês sabem que estou a par da situação de Dona Setembrina, devo dizer que, desde que Luís parou de mandar dinheiro, estão passando por graves necessidades. Orlando anda meio abobado, porque o advogado que está tratando de seu divórcio disse que deverá pagar pensão pra ex-mulher. Ele está desempregado e anda bebendo. Ela é que tem feito o possível, lavando e passando, porque não pode arrumar nada fora, já que tem de cuidar dos cinco filhos.

Raul parecia ser o mais interessado:

— E como é que eles conseguem o que comer?

Raimundo complementou:

— Ainda bem que não pagam aluguel, porque a casa é própria.

Tive um momento de lucidez intuitiva:

— Foi Luís quem...

Mas Raimundo não me deixou concluir:

— Luís ajudou na reforma do prédio.

Raul adiantou-se:

— A casa está em nome de Dona Quitéria, a avó de Orlando.

Raimundo concluiu:

— Eles comem mal e, quando não dá, vão buscar a sopa num centro espírita lá perto.

Sempre fui rápido nas deduções:

— Quer dizer que são espíritas...

Mas Raul foi além, porque sabia algo mais:

— Eles foram vistos num terreiro de Umbanda, conforme me asseguraram os advogados dos padres. A sua inferência, caro Cláudio, deveria pender para os lados do Raimundo, pois, com certeza, foi quem arrumou as refeições gratuitas e é quem está dando uns trocados a eles.

Descoberto, Raimundo desculpou-se e se retirou. Eu não vi mas suspeito de que estava com os olhos lacrimejados.

Rodolfo pegou o touro pelos chifres:

— Desempregado ou vagabundo, beberrão que seja, Orlando está passando por momentos complicados. Se concordarem, eu dou um salário mensal e cada um de vocês, mais um. Raimundo sabe o caminho e leva o dinheiro anonimamente. Afinal, parece ter ficado evidenciado que Luís estava exatamente fazendo quase isso.

Lembrei-me da bonita mulher, da filha, das outras crianças que não conheci, da humilhação de receber o óbolo das mãos de Raimundo e da miséria da mesa que um dia abrigara meu irmão e me decidi:

— Concordo, sem objeções.

Raul foi menos cordato:

— Vou aceitar a premissa da ajuda, enquanto a Igreja não for acionada pelo tribunal. Depois disso, a gente suspende o auxílio. Para não me acusarem de *morrinha*, peço a Rodolfo que dê emprego ao Orlando, fazendo o possível para que não frequente nem o bar nem o Candomblé.

Inteligentemente, sentindo que vencera a sua proposição, Rodolfo partiu para um aspecto jurídico implícito na fala de Raul:

— Eu não entendo de questões do Judiciário, entretanto, o bom senso me avisa que o juiz vai dar ganho de causa aos sacerdotes. Afinal, como é que se pode responsabilizar alguém que morreu no acidente?

Raul mordeu a isca:

— Esse é um problema que tenho discutido com um colega mais enfronhado nas pendências em que se solicita ressarcimento de prejuízos. O que precisaria ficar claro na mente do meritíssimo é se Aristides estava ou não no exercício de sua função sacerdotal. Caso contrário, o pedido de indenização haverá de ser solicitado à família dele.

Rodolfo foi um pouco além:

— Agora que estamos vendo que Maria não vai ter o arrimo moral da Igreja e que Raimundo não vai prestar depoimento favorável, sugiro que o Doutor Raul passe a incumbência da defesa a esse seu colega, para você poder dar livremente testemunho em favor de Luís.

Apoiei incondicionalmente a lógica dos raciocínios do expositor:

— Também concordo com isso.

Sáímos os três para contar as novidades às mulheres, congregadas em meu lar por convocação telefônica.

21. LAÇOS QUE SE ESTREITAM

Ainda sob o impacto das discussões do final de semana, uma vez que as senhoras se opuseram a que fôssemos tão benignos quanto desejávamos, abri a loja, na segunda-feira, decidido a efetuar a minha contribuição para desafogar um pouco as necessidades da nova sobrinha.

Conversava com Raimundo a respeito da deliberação caritativa do nosso grupinho espírita, quando Setembrina se fez anunciar por um dos empregados.

Discretamente, Raimundo desapareceu, permitindo que conversássemos à vontade.

Foi ela quem declarou suas intenções, sem esperar que a interpelasse:

— *Seu* Cláudio, Orlando e eu achamos que o senhor mostrou ser uma pessoa confiável. Raimundo sempre elogiou todos os membros da família e eu não posso esquecer-me da generosidade do Luís. Vou ser franca: estamos passando por terríveis necessidades...

Antecipei-me:

— Com certeza, Raimundo foi a sua casa neste fim de semana. Fale a verdade.

Ela me encarava firmemente e seus olhos tinham o condão de me abalar. Eu não podia deixar de pensar em que Luís tivera motivos muito justos para pôr-se enamorado. Mas Setembrina foi taxativa:

— Se ele tivesse ido à minha casa, eu começaria a conversa falando a respeito. Pode acreditar.

— E que é que a Dona Setembrina propõe?

— Detesto esse nome. Pode me chamar de Iná, como todo mundo.

— Pois bem, Dona Iná, o que é que a senhora veio pedir-me?

— Em nome de Luís, vim pedir que os tios de Orlanda continuem a dar a mesada. Prometo que devolverei o dinheiro, quando for possível.

— A senhora quer dizer: quando for Orlanda incluída no inventário?

— Eu sei que tudo isso é muito *chato*, muito aborrecido, mas que mais podemos fazer, se os padres se recusam a adiantar os pagamentos?

— Eu acho que daquele mato não sai coelho. O seu advogado...

— Na verdade, o advogado foi o Orlando quem arrumou, quando precisou se defender. Vocês já devem saber que ele passou uns tempos preso...

Não sabíamos, mas disfarcei:

— Soubemos que ele desapareceu por alguns dias.

— Alguns meses. Vim pra falar a verdade e não vou esconder nada. Esteve preso porque se meteu numa briga...

— Não estou pedindo pra me contar a história de sua vida. A bem da verdade, decidimos que vamos lhe entregar todo mês a mesma quantia que Luís lhes passava.

— Deus lhe pague!

A mulher queria me beijar as mãos mas eu as recolhi e afirmei:

— Não vamos exigir nenhuma devolução, mas vamos cessar a entrega do dinheiro, assim que o juiz decidir sobre o que deve ser feito.

Só aí é que vi lágrimas naqueles olhos.

Mas precisava fazer uma cobrança:

— Como a senhora sabe, nós somos kardecistas. Você sabe a diferença entre a minha linha doutrinária e o que se passa nas tendas da Umbanda?

— Sei muito pouca coisa. Sei que vocês fazem o bem e que, nas mesas brancas...

Não me contive:

— A cor das toalhas não importa: pode ser verde, azul ou vermelha. O serviço que se presta é que vale, é que deve ser imaculado, puro. Mas o que eu queria era impor uma condição, como se faz em qualquer centro que se preza. Lá onde vocês vão buscar a sopa, o macarrão, a carne, o leite e o pão, não pedem pra vocês ouvirem umas preleções?

Iná, sem fazer menção de se surpreender, por certo por imaginar que Raimundo havia contado tudo, confirmou:

— Eu não tenho tempo pra ir no centro, mas Orlando foi várias vezes. Se não for, a gente fica sem a comida.

— Quem disse isso? Não é verdade. A condição é facultativa. Mas o pessoal gosta de mostrar que o centro espírita está fundamentado em ideias muito profundas e verdadeiras.

Notei que a reação dela foi de descrédito mas não insisti. E voltei à carga:

— Eu gostaria muito de ver a sua família toda reunida, uma vez por semana, no centro que nós frequentamos, que fica destes lados da cidade. Pra que não diga que é impossível, eu sei que o seu marido está desempregado. E também posso dar o dinheiro da condução.

A consequência imediata foi que precisamos mudar das terças para as quintas o dia do *evangelho no lar*, porque não iria eu deixar de fiscalizar a presença deles nos dias de palestras.

No dia seguinte, pois, lá estava eu aguardando o pessoal. Para meu desapontamento, Iná chegou sozinha e logo foi explicando:

— Por favor, *Seu Cláudio*, compreenda que eu não mando na vontade de Orlando. Ele se recusou a me acompanhar, dizendo que eu estava mendigando e outras bobagens que passaram pela cabeça dele. Então, deixei Orlando tomando conta dos menores e vim de fugida, com muita preocupação. A minha vizinha ficou de dar uma olhada de vez em quando nas crianças. O senhor não acha que elas iam causar problemas aqui, porque conversam e choram?

Precisei reconhecer que Iná preparara o discurso com razoáveis argumentos. Contrariou-me o fato de não ver Orlando e passou-me pela mente que, desse jeito, não iria afeiçoar-me à sobrinha. Diante, porém, do acontecimento irreversível, precisei ceder:

— Mas a senhora vai ficar até o fim dos trabalhos?

— Vim pra isso.

Era cedo e deu tempo de apresentar Raspace e Rodolfo, tendo eu feito questão de referir, em particular, que era este quem iria participar com um terço da contribuição. Aliás, preciso dizer que a mulher se apresentou dignamente, com roupa modesta mas

limpa, sem outra bijuteria além de uns brincos discretos e de uma gargantilha barata. Não trazia aliança ou anel e o relógio no pulso não chamava a atenção.

Naquela noite, Rodolfo se estendeu sobre a necessidade de as pessoas se entenderem enquanto vivas, ressaltando as palavras de Jesus, quando recomendou ao povo que se reconciliasse com os inimigos. Falou por mais de quarenta minutos e terminou assinalando a recomendação evangélica do amor aos inimigos.

Como Ana Paula não quis encontrar-se com a figura que estava usurpando um lugar na família, pude trocar algumas ideias com Iná na fila do passe. Foi quando fiquei sabendo que Orlando não estava bebendo mais, com certeza por estar sendo obrigado às palestras no centro espírita. É claro que desconfiei de que a infeliz estava mentindo, mas, naquele ambiente sagrado, a todo momento me surpreendia trocando ideias com os meus protetores, como se eles estivessem interessados em orientar os meus pensamentos para a exposição que terminara de ouvir. O que me impressionou nas expressões que Iná utilizou foi a mansidão, a paz, a calma, a segurança com que se manifestava, muito diferente da sofreguidão do dia anterior. Perguntei-lhe a respeito do que estava sentindo naquele recinto e ela correspondeu, confirmando que se encontrava muito bem, confiante em que a vida da família iria tranquilizar de vez.

Como logo chegou a nossa vez de receber as vibrações espirituais na saleta reservada, tive tempo de propor-lhe que aceitasse a minha oferta de condução. Foi assim que, pela primeira vez, conduzi a moça.

No caminho, matei uma curiosidade:

- Qual era a diferença de idade sua de Luís?
- Ele era quase sete meses mais velho.
- Isto quer dizer que você é seis anos mais velha do que eu.
- Estou com trinta e cinco.
- Eu, com vinte e nove.
- Então, o senhor trate de me respeitar...
- E a senhora passe a me tratar por você.

Quando contei a conversa a Ana Paula, a reação dela foi imediata:

— Terça-feira que vem, nós vamos juntos ao centro. A tia Eulália está reclamando que Lucas e Mateus estão crescendo e logo não vão fazer caso de ficar com ela, como os da Odete e também os de Maria. Você está sabendo que o Luisinho tem ficado sob os cuidados de uma babá especializada, enfermeira formada, com diploma universitário?

Desejei brincar com o que me pareceu um ciúme fora de propósito, mas a presença das formas arredondadas de Ana e a lembrança da figura esguia de Iná me preveniram quanto ao encontro delineado.

Preciso avançar nesta narrativa senão não termino mais. O quadro que prenunciava ventos e tempestades se deixou colorir com os tons do arco-íris, porquanto Aninha, tanto quanto acontecera comigo, se encantou com a imagem de Setembrina.

No dia da reunião, talvez para impedir que eu me aproximasse da estranha, Ana puxou-a para si, impediu-a de ouvir a conferência e tiveram uma longa conversa a portas fechadas no gabinete de Raspace. Se eu tentasse reproduzir o que disseram, iria ter de me

fiar nas poucas informações de minha mulher. Mas a consequência mais significativa foi o seu resultado prático, para mim admirável. Disse-me ela:

— Iná precisa muito que a gente lhe dê apoio financeiro. O emprego que Rodolfo ofereceu a Orlando, que não tem qualificação profissional...

— Estou sabendo que é pedreiro, meia-colher ou coisa semelhante.

— Mas não tem saúde. Vai precisar passar por exames médicos rigorosos. Pelo que ela falou, são vermes. Aliás, eu acho que as crianças também deviam merecer a mesma atenção. Vou conversar com Odete e iremos providenciar. Pra que servem os médicos do centro, afinal?

— Você ia falando do emprego...

— Pois é. O cara falou que ia pensar a respeito, porque não sabia se o cargo de ajudante geral na fábrica não ia exigir que carregasse peso, o que ele acha que vai ser impossível.

— Se não der certo com Rodolfo, vou colocá-lo em alguma obra, que não faltam empreiteiros reconhecidos.

Em pouco mais de um mês, estavam as crianças medicadas, Orlando se aplicava em cumprir as tarefas na fábrica e Iná manifestou o desejo de conhecer Maria.

— Com que objetivo? — lembro-me de haver perguntado a Aninha.

— Ela quer tirar a má impressão que causou, mesmo porque, depois que Luís se casou, nunca mais mantiveram relações, além do envio do dinheiro. Ela quer que Maria saiba que nunca deu em cima do seu irmão e que não aceita ser chamada de *a outra*.

— É justo mas... e os sentimentos de nossa cunhada?

— Entendo que a raiva tenha passado. Você não tem reparado que ela está se dando muito bem com Rodolfo?

— Um erro não justifica outro...

— Muito mal empregado esse dito popular. Acho que você foi impreciso; mais ainda: injusto e preconceituoso.

Gostava quando Aninha me devolvia aos trilhos da ponderação e do equilíbrio. Muitas vezes — não foi o caso naquela hora — eu provocava esse tipo de reação, para chamar a conversa para a área moral e doutrinária do Espiritismo.

A observação dela me facultou, agora sim, uma provocação proposital:

— É bom que se entendam aqui mesmo, porque, segundo sei e tenho lido nas obras espíritas, as mulheres e os homens, em diferentes encarnações, se casam ou se unem a diversas pessoas, o que, no plano espiritual, deve causar uma confusão tremenda.

— Veja lá o que você tem pra dizer!

— Pouca coisa. Apenas eu gostaria de conhecer os espíritos dos seus antigos maridos.

Ana, contudo, percebendo que eu gracejava, entrou na minha:

— Os espíritos dos maridos e das esposas, como quando fui homem na Itália e no Japão, em duas encarnações seguidas, conforme pude ler nos arcanos de minha memória, por regressão mediunicamente induzida.

Era mentira o fato em si mas me deu o que pensar a respeito. Essa, porém, é história que vai ficar para outro livro, que pretendo um dia escrever.

Não querendo envolver outras pessoas, Maria, tendo concordado com o encontro, foi ao centro e, de novo, a porta do escritório de Raspace se fechou na minha cara. Contudo, lá entraram Odete e Aninha também, de sorte que o que se passou naquele ambiente resguardado transpirou, para que Raul, eu, Rodolfo e Orlando tomássemos conhecimento.

Foi naquela semana que se decidiu a questão da indenização pleiteada por Setembrina junto à Igreja.

22. PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO JUDICIAL

Numa tarde chuvosa, recebo Raul, olhos tristonhos e fisionomia carregada. Não esperou nenhum comentário meu e logo foi informando:

— A Igreja está fora. O juiz não pronunciou a ré, argumentando que Aristides não estava investido de suas funções religiosas. Estamos sozinhos, navegando num barco furado.

Notei que a reação de ambos deveria ter sido eufórica e pus em evidência o sentimento:

— Pelo menos, não se acusou Luís de pai da criança. No entanto, estamos cabisbaixos, como se, no íntimo, esperássemos ver Orlanda recebendo os três mínimos da arquidiocese.

— Esse dinheiro já estamos providenciando e não deve causar problema. O que não acho justo é ter o clero apressado a manifestação do tribunal. Encerrada essa questão, ficamos à deriva no mar das probabilidades.

Fiquei meio aturdido com a enigmática afirmação de Raul. Percebeu ele o meu ar interrogativo mas a emenda foi pior que o soneto:

— Pense bem, Cláudio: se estamos sendo ludibriados por um advogado ardiloso, ele está firmando suas bases no fato de continuarmos a ação caritativa do Luís. É um reconhecimento de que Orlanda é nossa sobrinha.

— Você ainda tem esperança de que não seja?

— Você não?

— Raul, eu acho que a nossa família toda está torcendo pro time adversário.

— Nós estamos praticando Espiritismo, simplesmente. Trata-se de um dever cristão, baseado na crença de que Luís deve ter sua memória respeitada. Depois, vocês todos caíram de amores pela Setembrina...

— O doutor não se inclui nessa turma?

— E se ela for uma hábil aproveitadora?

— Quem não está crendo na Justiça não sou eu.

— Cláudio, querido, a Justiça já começou sua ação de maneira equivocada.

— Juro que não estou entendendo o seu ponto de vista.

— Veja bem! Eu acho Dona Iná muito simpática, inteligente e trabalhadeira. Vem cumprindo o nosso trato à risca. Mas é do mais alto interesse dela. Como é que vai reagir quando se vir elevada à categoria de pessoa ligada à nossa família?

— Importa o pensamento nosso ou o dela?

Raul sentiu que eu vinha opondo resistência às suas sugestões de repúdio à ação impetrada a favor de mais uma herdeira dos bens do falecido. Tentou safar-se pela tangente:

— Dificilmente iremos integrar a juvenzinha em nosso meio familiar. Então, vai ser muito desagradável a lembrança de que existe mais alguém a exigir de nós o afeto capenga e adventício pela via da responsabilização legal. Eu sei que a sua atitude busca, ao contrário, estimular benquerença e incentivo sentimental, pela aproximação das pessoas. Mas isso é muito perigoso, se estivermos sendo enganados. Crescerá o mal-estar e nos sentiremos como tolos, revoltados, irados, furibundos.

Naquele instante, enquanto ouvia, pus-me à disposição do plano espiritual, tendo invocado mentalmente Zabeu, para que me desse amparo, no sentido de dizer as palavras certas, sem tirar a autoridade de que se revestia o meu irmão mais velho. Sabia que os espíritos estavam ajudando a gente, porém, não acreditava que Raul estivesse em faixa vibratória adequada para a percepção intuitiva dos processos através dos quais os protetores costumam influenciar o nosso ânimo. Foi assim que me expressei:

— Pra mim, talvez seja mais fácil admitir ou aceitar a falcatrua, porque Luís era mais velho que eu. Você, sendo o primogênito, vê a família com olhos de pai, de responsável, de mentor, ainda mais por advogar a nossa causa em âmbito jurídico, apesar de ter passado a representação oficial a outro causídico. Parto do princípio de que Luís não pode ter sido enganado tão completamente. A criança não é filha dele? Isso cabe ao tribunal determinar legalmente. Mas ele a considerava preciosa ou não ajudaria a família, mesmo sabendo que o pai é Orlando.

— Deixa ver se entendi. Você está querendo dizer que Luís, apesar de tudo, estava agradecido pelos favores de Dona Setembrina, apesar de não ser o pai da criança?

— Não estou querendo dizer nada. Apenas levanto uma hipótese fundamentada no dinheiro que ele estava dando a ela. O mérito da questão não ponho em julgamento. Tanto não ponho que acatei a sugestão de Rodolfo e estou participando da coleta mensal. Vou além. Não fui eu que coloquei as cartas na mesa e levei a mulher ao centro? Com que finalidade? Criar amor pela sobrinha, o que, reconheço, está sendo frustrado, porque não tem ido com a mãe. Em todo caso, pretendo ampliar a ajuda à família, conforme plano que estou bolando e que vou passar pra vocês brevemente.

Para compreender a postura de Raul, não posso esquecer-me de dizer que tivera ele apenas um único encontro com Iná. Foi a isso que atribuí a sua exposição final:

— Veja se você não vai cair na esparrela de se envolver com a filha do outro, pensando ser sua sobrinha. Existem laços afetivos entre pai e filha que devem ser preservados. A mocinha não pode imaginar que a pessoa a quem chama de pai não o seja positivamente. Ana não lhe disse que Orlando chamava Luís de tio, conforme informação da requerente? Reflita sobre isso.

Bem que eu quis dizer que, em lugar de um, agora ela tinha dois tios, mas refreei o impulso, para não estimular ainda mais o azedume de meu interlocutor. Simplesmente, conforme sugestão dele, refleti muito, no entanto a respeito de que o tempo reserva maravilhosas surpresas de sabedoria.

Ana Paula, quando lhe contei a conversa com Raul, deu-me incondicional razão, a ponto de estimular-me a lhe contar o projeto de auxílio a Iná que eu tinha em mente. Como que inspirado, desenvolvi amplamente o tema:

— Em primeiro lugar, acho que não podemos interromper o envio da mensalidade. Depois, temos de dar condições materiais de conforto à pequena, o que inclui uma reforma em regra do prédio e a troca da maior parte dos móveis e utensílios. No fundo do terreno, se der, podemos construir uma edícula ou barracão, onde disporemos algumas máquinas de lavar roupa e, pelo menos, uma secadora, dando início ao esquema de uma lavanderia, caso a mulher seja capaz de dar conta do negócio. Se ela quiser expandir, favoreceremos a criação de uma microempresa, para o que trabalharemos em conjunto, Raul, Maria e eu, cada qual em seu setor profissional. Pra concretização do empreendimento, haverá necessidade de colocar as crianças em escolas e creches, segundo a idade de cada um, quando precisaremos dar a ela uma ajudante pros serviços gerais.

Eu iria mais longe na exposição de meus sonhos de benfeitor, se Ana não me interrompesse:

— Você está indo ao centro na terça, na quarta e na sexta. Às quintas, lemos o evangelho. Aos domingos, sempre que pode, vai com os pequenos pra brincarem com os filhos dos outros dirigentes. Sei que você tem lido quanto livro caia em seu poder, tendo passado por mais de vinte de empréstimo da biblioteca. Como vão os negócios no depósito? Não está na hora de serem *expandidos*, pra que Lucas e Mateus, um dia, venham a receber o mesmo benefício que você e os seus irmãos mereceram do seu pai?

— Você está com ciúmes!...

— E não é natural que esteja? Ou você pensa que me esqueci da modelo do *outdoor*?

Não tendo como me sair bem, aventei uma hipótese salvadora:

— Que tal passarmos mais tempo juntos, por exemplo, você me acompanhando nos exercícios da academia?

Ela não compareceu um só dia à ginástica comigo, não obstante, oito meses depois, vestia modelos seis números menores.

23. NAQUELES OITO MESES

Foram muito fecundos aqueles tempos de felicidade do grupo familiar, no qual, particularmente, eu incluía Iná e família.

No centro, impedido Rodolfo de se apresentar para uma das palestras das terças, estando eu disponível, Rspace me chamou à tarde e me comunicou que confiava a mim a aula da noite. Talvez esperasse intimamente pela oportunidade, tanto que não me fiz de rogado e lá fui falar a respeito de meu ingresso no Espiritismo, reforçando a tese de que os estudos é que foram a alavanca espiritual que me facultou o aprimoramento do dom da mediunidade que todos os seres humanos possuem. Penso que não me saí muito mal, tanto que Rodolfo se estimulou a alternar comigo a responsabilidade das palestras, o que vem ocorrendo desde aquela ocasião. Como consequência, pude redigir muitos trechos mais ou menos biográficos que se estão constituindo na base desta narrativa.

Pouco tempo depois da primeira apresentação, atrevi-me a sugerir que os diretores se reunissem por meia hora, a cada quinze dias, para prestação de contas dos trabalhos de cada setor. Seja porque estivessem vendo que me esforçava no cumprimento das tarefas, seja porque quisessem crescer na instituição com o objetivo de assimilar melhor os ensinamentos kardecistas, não só se propuseram à reunião de trabalho como logo alguém propôs e foi acatado o estudo das obras espíritas, depois da reunião oficial, por mais meia hora. Foi assim que as minhas segundas-feiras foram absorvidas pela doutrina.

Nas sessões mediúnicas das sextas, as mensagens que vinha eu transcrevendo começaram a ganhar contornos de mesmice, dando a desconfiar, comigo na frente, que o amigo Zabeu só comparecia para demonstrar que não se esquecia de nós. Jamais recebi recado algum dirigido a determinado consulente, sendo todas as minhas participações no sentido de estimular o povo ao cumprimento dos deveres cristãos. Certo dia, tendo faltado Raspace, a quem cabia coordenar os trabalhos, fui lembrado para a função, o que aceitei prazerosamente, tanto que desconfio até agora de que a mediunidade naqueles termos me pesava. A partir de então, regularmente, sempre que Raspace se ausenta, o que vem ocorrendo com frequência cada vez mais acentuada, sou eu quem providencio os afazeres concernentes ao desenvolvimento da sessão.

Conto o que se passou comigo sem o intuito de engrandecer-me, porque sou bastante tacanho em tudo que faço. Conto porque desejo demonstrar que, em pouco mais de dois anos de idas ao centro, pude, mediante sério estudo e honesta participação, integrar-me naquele ambiente, usufruindo todas as vantagens morais, intelectuais e emocionais que nos propiciam os espíritos benignos e esclarecidos.

Comecei por mim mas poderia ter-me referido primeiro a Ana Paula, que se distinguiu no curso de médiuns, tendo sido convidada para participar das reuniões de desobsessão das sextas-feiras, em sala contígua àquela em que venho servindo. Tem a minha querida consorte sido requisitada por três outros centros para cursos diversos relativos à doutrina, o que vem desempenhando com brilhantismo e profunda alegria.

Por seu turno, Odete, que ficara comigo na sala dos principiantes, logo percebeu que sua área era completamente outra e foi ministrar aulas às mulheres necessitadas de conhecimentos de puericultura, de alimentação e de corte e costura. As gestantes hoje recebem valiosas explicações, verdadeiros ensinamentos de caráter científico, porque Odete não quis assumir nenhuma responsabilidade antes de frequentar, ela mesma, as aulas correspondentes em escola de enfermagem, a título de ouvinte.

Quanto a Maria, deu-se bem com Rodolfo, com quem se casou e a quem acompanha todas as vezes que vem ao Centro.

Para evitar mórbidas curiosidades, preciso dizer que Iná foi convidada para o casório, agradeceu, mandou presente mas não compareceu.

Quanto ao famoso projeto de ajuda à pleiteante de direitos de herança, avancei sozinho, porque julguei que não seria apoiado por ninguém. Não no fiz à revelia da família mas não disse exatamente quais providências ia tomando, à medida que as necessidades avultavam. Ao término daqueles oito meses, a casa reformara-se, os móveis trocaram-se, a oficina de lavanderia instalou-se, a microempresa formou-se, Orlando deixou o emprego e passou a frequentar de novo os bares, em péssima companhia, e Iná chorou copiosas

lágrimas, que eu julgava de agradecimento e arrependimento e que se evidenciaram, depois, como de remorso e pedido de perdão.

Quanto aos aspectos jurídicos, ao final do período, o juiz chamou as testemunhas de defesa e de acusação, porque os exames não foram conclusivos, podendo, pelo tipo do sangue da criança e de Orlando e Luís, ser qualquer dos dois o pai.

Compareceu Raimundo pelo lado da requerente, tendo afirmado, ao ser interpelado pelo juiz, que conhecia os fatos e que Luís entregava regularmente a quantia de três salários mínimos a Dona Setembrina. O advogado da nossa família fez uma única pergunta:

— Pode o senhor afirmar quem é o pai de Orlanda?

Respondeu o inquirido, sob os olhos atentos de todos os presentes:

— Posso dizer que não ouvi nenhum dos dois arrolados afirmar que era o pai da criança.

Meditei sobre o termo *arrolados* e achei que Raimundo sabia de cor a resposta à pergunta que estaria combinada. Até o presente, contudo, não posso asseverar que a desconfiança esteja correta.

Da parte da defesa, comparecemos os irmãos e as cunhadas do falecido, para, sob juramento, afirmar que nada sabíamos a respeito do que Luís havia feito. Maria foi poupada pelos dois causídicos, tendo prestado depoimento apenas durante as fases preliminares do processo.

Os reais interessados na partilha dos bens de meu irmão não se manifestaram, porque não faziam questão de dividir por quatro ou por cinco os bens que o pai havia deixado. Sem dúvida, se interrogados, diriam que precisavam do pai e não da herança.

Entretanto, assim que se consorciaram em matrimônio Rodolfo e Maria, o processo tornou-se financeiramente inexpressivo, porque a fortuna do novo marido era milhares de vezes superior ao quinhão que receberia Orlanda. Tal perspectiva amainou de muito o interesse que tínhamos pelo resultado do processo, com exceção de Raul, que instigava o nosso advogado a recorrer, caso o juiz desse ganho de causa à impetrante.

Aliás, por falar em Raul, deixei de propósito para o final a descrição do seu progresso no Espiritismo, porque foi quem ficou mais para trás. Talvez por haver estudado mais que os outros, talvez por se ter envolvido pessoalmente nas questões concernentes ao passamento de Luís e de Aristides, talvez porque acusasse os benfeitores de não terem providenciado a sobrevivência do irmão, uma vez que permitiram o processo do edema cerebral que o levou, talvez porque não lograsse mais nenhuma visão que evidenciasse estar sob a égide de benfeitor de luz, a verdade é que desistiu das reuniões de desenvolvimento mediúnico e passou a trabalhar somente nas atividades de campo, ou seja, aquelas que não necessitam de nenhum aparato intelectual, como na distribuição da sopa, na montagem dos cenários para as representações teatrais, na armação da barraca para a feira de livros e assim por diante. Eclipsou-se durante as discussões teóricas, reservando-se o direito ao silêncio dos que não desejam contaminar os pares com pessimismo ou má vontade. Mas essa atitude não duraria muito depois daqueles oito meses.

24. NO DIA DAS MÃES

Tudo culminou num dia consagrado ao reconhecimento do valor das figuras maternas. Os maridos davam às esposas os presentes que gostariam de dar à própria mãe, que lhes faltara. Quase sempre, Odete e Maria passavam a data junto às suas progenitoras. Naquele maio, resolvemos almoçar juntos em minha residência, para o que contratamos os serviços de bufê, o que daria paz e tranquilidade às homenageadas.

A presença de Rodolfo facultou o convite a Setembrina, que se obrigava a vir com o marido. No entanto, no último instante, este não veio, levando os dois filhos menores para visitarem a avó. O nosso relacionamento com a pretensa amante de Luís, porém, estava definitivamente selado e já a considerávamos da família.

Antes que chegasse com Orlanda e os outros dois filhos, conversávamos animadamente, estando Odete a recitar as novidades em seus serviços de amparo aos assistidos, carentes da favela que se formava em terreno invadido no bairro. Dizia-me ela:

— Claudinho, se você não estivesse tão envolvido com sua maneira toda própria de fazer caridade, iria ter muitas surpresas no campo da ajuda social.

Ana pôs o bedelho, sentindo-se chamada:

— Eu acho que você, querido, deve ouvir a sua cunhada, e não ficar levando o seu Espiritismo pro lado das teorias e dos protetores. Toda vez que ocupa a tribuna, lá vem com suas teses de animismo, de mediunidade, de mistificação, de mensagens apócrifas, de informações pessoais. Se der mais atenção aos pobres, mesmo aqueles coitados que vêm se comunicar sem saber que desencarnaram, irá compreender melhor o trabalho que Kardec prestou à humanidade.

Raul não perdeu a oportunidade para declarar o seu ponto de vista:

— Pelo que as moças estão dizendo, estou eu mais certo por pertencer ao grupo dos trabalhos forçados, justamente aqueles que rejeitei durante toda a minha vida de advogado e de corretor. Queria sempre fazer prevalecer o meu ponto de vista absolutamente fundamentado nas leis ou prescrever aos clientes a aquisição que lhes daria o máximo de contentamento, em troca de suas economias. Agora, consulto os mais entendidos, antes de fazer qualquer coisa.

Rodolfo mantinha sua postura de expositor:

— Estamos querendo ensinar o pai-nosso ao vigário. Quem é aqui o administrador de empresas? Quem foi que organizou todos os departamentos do centro, orientando para uma finalidade comum? Quem é que preconiza as campanhas ou aponta as necessidades, tanto materiais quanto espirituais? Da minha parte, faço o que posso, dando emprego ao maior número de operários, aceitando, inclusive, gente sem qualificação profissional, a quem ministramos cursos, pagando o correspondente aos que apenas estagiam e acomodando-os nos setores em que poderão ter maior produtividade. Sendo assim, façome advogado do Claudinho e aplaudo o seu discernimento quanto a dar força à família que se pôs em litígio com a nossa.

Eu queria apartear, porque não me sentia merecedor da enxurrada dos elogios, entretanto, Maria se adiantou:

— Pra dizer a verdade, se não fosse por você, meu cunhadinho, Dona Iná ainda estaria comendo o pão que o diabo amassou. Soube que ela recusou o último pagamento, afirmando que estava obtendo um bom lucro na lavanderia.

Aproveitei a deixa para uma palavrinha:

— Não só não aceitou como prometeu devolver a importância toda, conforme a entrada da fêria mensal. O que me aborrece é o comportamento do Orlando. Sabem que ele não tem ido mais a nenhuma sessão espírita, de qualquer natureza?

Todos tinham uma tese a respeito do que fazer para reintegrá-lo ao movimento espírita. Contudo, nesse momento, chegava Iná e o tema congelou-se.

Veio com os olhos inchados e vermelhos, pedindo que lhe déssemos um copo d'água e um pouco de tempo para recompor-se. Orlanda agarrava-se a ela e os outros dois logo foram arrebatados pelos pequenos, para os brinquedos que tínhamos no quintal, desaparecendo de nossa vista.

No meio de respeitoso silêncio, Iná iniciou suas explicações:

— Briguei com Orlando e com o meu advogado, que não quiseram aceitar o meu pedido de desistência da demanda contra vocês.

Nós nos olhávamos com olhos ansiosos. Mas ninguém desejou ir ao fundo da questão, perguntando sobre a paternidade da mocinha presente. Iná, no entanto, elucidou:

— Orlanda é filha de Orlando. Luís jamais foi meu amante. Ele me dava as mesadas porque recebia ordens superiores. Tinha a intuição de que os espíritos é que davam essa obrigação, conforme me disse muitas vezes. Esses mesmos espíritos me pedem pra que não revele os segredos deles, pra não prejudicar as pessoas. Raimundo tem sido muito bondoso e tem explicado como funciona o plano espiritual. Então, eu sei que vocês podem pedir às entidades que venham revelar o que quiserem, conforme os guias que cada um tem e que se manifestam no centro.

Raul fervilhava de alegria e se expandia em expressões de júbilo, mas não ofendia a mulher, pois permanecia ela de costas para ele. Via os seus gestos expressivos, como a dizer-me que sempre tivera razão, enquanto eu mesmo passava por péssimos momentos, como se, de repente, me visse completamente engodado. Precipitei-me, como sempre:

— Dona Setembrina, a senhora me enganou o tempo todo. Isso não se faz. Por que não me contou a respeito das intuições de Luís, dando-me a ideia de que era ele o pai da mocinha aqui presente, que, diga-se de passagem, é o retrato do pai, não fosse a indicação clara do próprio nome, conforme eu mesmo desconfiei e demonstrei aos outros?... A senhora vai me desculpar, mas estou profundamente decepcionado.

Rodolfo, que me defendera antes, voltava-se contra a minha atitude:

— Não seja incoerente, irmãozinho! Pode ter a certeza de que Iná está arrependida até o último fio de cabelo e que só fez o que fez porque se encontra nas mãos do marido e do advogado. Se não fosse por você, pelo seu gesto de desprendimento e de caridade fraterna, ela não teria vindo retratar-se. Não permita que ela peça perdão mas abrace-a, porque não teria sido outra a atitude de Jesus.

Ao mesmo tempo, empurrava-me de encontro a ela, que me recebeu a palpitar, sem soffrear mais o convulsivo pranto.

Perdoem-me o *convulsivo pranto*, que repito para atenuar o efeito das emoções que desequilibram e que levam a sentimentos contraditórios de condescendência e de

angústia, porque, ao mesmo tempo em que satisfazemos o *ego*, com o rebaixamento do desafeto, nos condenamos, por nos sentirmos tão pobres em virtudes e dons evangélicos.

De qualquer modo, contaminou-se o grupo e todos se viram enxugando as lágrimas, desafogados e pesarosos. Será que houve um movimento íntimo de insatisfação, por terem visto que a menina não era do nosso sangue e não poderia fazer parte da família?

Essas ideias me passavam pela mente, enquanto Iná abraçava um a um, repetindo os pedidos de compreensão e os agradecimentos pela vida nova que abríamos para sua visão da realidade. Junto à janela, dei com as crianças correndo pelo pátio, todos entretidos com as brincadeiras, sem presunções de direitos ou de diferenças biológicas.

Passado o impacto sentimental, perto da hora de se servirem os aperitivos e tiragostos, Raul voltou ao habitual sangue-frio de causídico e interpelou a falsa cunhada:

— O que você pretende fazer oficialmente? Vai comparecer perante o juiz e declarar que mentiu sob juramento?

— Revelarei a verdade, doa o quanto for. Foi preciso que alguém me desse apoio, pra que eu entendesse que não valia a pena continuar com o meu pedido. Se o juiz quiser me punir, cumprirei a minha pena. Nesse caso, peço que me socorram de novo, porque não posso deixar os meus filhos ao deus-dará, porque o Orlando está fazendo muitas tolices, já que vai ter de pagar pensão pra *ex*. Foi por isso que ele brigou comigo, achando que não vamos conseguir dar conta de todos os compromissos.

De novo, coube a Rodolfo trazer mais luz ao pensamento da turma:

— A vaga dele na fábrica está aberta. Basta que deixe de se lamentar. Não imponho condições nem quero que volte a frequentar o centro. Seria muito bom mas isso vai ficar para mais tarde. Por ora, deve saber que não vamos desampará-lo nem por um minuto. Lembro-me de Jesus respondendo a Pedro que a gente deve perdoar não sete vezes mas setenta vezes sete ou mais. Que espíritas de meia-tigela nós seríamos, se nos esquecêssemos das normas mais simples do evangelho?!...

A lição aproveitava a todos, contudo, Iná não conseguia encarar nenhum de nós. Foi preciso que Maria a tomasse pela mão e desaparecesse com ela e com Orlanda corredor adentro, dando-nos oportunidade para os comentários imprescindíveis em relação aos tópicos que nos haviam sido revelados.

Enquanto Ana e Odete puxaram as cadeiras para perto de Rodolfo, Raul me chamou para junto da porta de entrada da sala, onde pudemos trocar algumas ideias, em voz baixa. Disse-me ele:

— Você deve estar pensando que essa dona nada tem de ver conosco. Agora ficou evidenciado que ela é uma estranha e que não tem o que fazer aqui. No entanto, a gente precisa tomar cuidado com os aspectos jurídicos, porque o pedido ao juiz está no nome de Orlanda. Talvez seja preferível deixar que saia a sentença e, se contrária aos nossos interesses, ou seja, à verdade, aí recorremos, juntando a declaração da mãe. Vou ter de conversar muito bem com o nosso advogado, porque não estou vendo como explicar o fato de que Luís dava a mensalidade a ela.

— Caro Raul, o mais espantado aqui sou eu, porém, não vejo como não entrar imediatamente com um requerimento instruído com quantas declarações sejam necessárias. Pelo que entendi, o marido não estava de acordo com a revelação, tanto que nem acompanhou a mulher. Se tivesse vindo, acho que seria mais fácil convencê-lo a ceder.

— Cláudio, você tem de entender que Orlando é *carta fora do baralho*. Não só ele não é legalmente o marido como nem tem o nome na certidão de nascimento da garota. Ele não influencia em nada. Por outro lado, a declaração de que é o pai vai repercutir negativamente no tribunal e o juiz poderá responsabilizá-lo também por desacato à Justiça. O caso mais sério é o de Dona Setembrina. Para não sofrer nenhum dano, deve requerer já amanhã que se retire o pedido, correndo, evidentemente, o risco de ser arguida pelo fato de induzir o sistema judiciário a erro.

— E se ela declarar que se dá por satisfeita com os benefícios recebidos?...

— Ela não pode fazer isso, porque o juiz entenderia que o direito de Orlanda estaria sendo postergado. Afirmar de novo que o pai é Luís vai ser o ponto de discórdia entre nós, depois do carnaval, perdão, depois da cena que fez em sua casa.

— Então, não dá pra entender a atitude de arrependimento, já que ela tem tanto a perder e nada a ganhar, a não ser do ponto de vista moral e espírita.

— O pai é Orlando. Ponto pacífico. Ela se afeiçoou à nossa família, em especial a você e ao Rodolfo e viu que praticava uma injustiça tremenda. Estava ao desamparo, sem dinheiro, ouviu o marido e o advogado dele e assinou a papelada. Não se esqueça de que o primeiro pedido era para continuar recebendo a mesada. Somente depois é que viram a brecha para penetrarem na herança do coitado do Luís, que só ajudou.

— Caracteriza a natureza do cão que morde a mão do dono que o alimenta.

— Não vamos, Claudinho, perder-nos em acusações. O mal (se é que houve algum) está feito. Temos de repará-lo.

— De qualquer jeito, Doutor Raul, vou fazer questão de levá-la à casa da mãe, que é a pessoa a ser homenageada por ela.

— Bem lembrado, mesmo porque a nossa família toda deve estar querendo ver-se livre da intrusa.

Não tivemos tempo para a definição mais correta da personalidade de Iná, conquanto eu pensasse em nomes bem mais contundentes e expressivos.

Maria devolveu Iná ao grupo e logo foi dizendo:

— Reconhece a nossa irmãzinha que é demais nesta casa e pede permissão pra retirar-se.

Adiantei-me:

— Permissão concedida. Faço mais: convido-a pra aceitar minha oferta de condução, porque dá tempo de ir cumprimentar a Dona Quitéria.

Setembrina olhou-me com ares de quem entendia o rude bota-fora. Cumprimentou todas as pessoas, enquanto Orlanda ia chamar os irmãos e saímos, ruminando eu que era a última vez que dava carona à intrujona.

No carro, perguntei-lhe:

— Pra onde?

— Pra minha casa.

— Não quer que a leve à sua mãe?

Ela meditou um instante e decidiu:

— A distância é a mesma, embora seja do outro lado da cidade.

— A senhora manda. Afinal, vou ver a ilustre desconhecida. Por que ela não reside com vocês?

Puxava conversa porque me parecia que o silêncio pesaria demais. Levando um assunto mais leve, a viagem logo se encerraria. Respondeu-me:

— Você não está sabendo que minha mãe saiu de casa logo que contei que tinha entrado na Justiça com o pedido de inclusão de Orlanda na partilha?

— Acho que ninguém sabe disso.

— Pois ela se recusou a aceitar que a gente fosse mal agradecida.

— Quer dizer que ela sabe que Orlando é o pai?

— Sem dúvida. E ficou furiosa com o genro.

— E seu pai?

— Meu pai, coitado, não tugi nem mugiu. Foi cabisbaixo atrás da mulher.

— Dá pra você me esclarecer uma dúvida antiga?

— Pode perguntar. Hoje estou abrindo o jogo.

— Por que, na sua certidão de nascimento, não consta o nome de seu pai?

— A pessoa que se casou com minha mãe eu chamo de pai mas não é meu pai.

— Quem é seu pai?

— Meu pai é o seu pai. Somos irmãos. Entende agora por que Luís nos dava o dinheiro?

— Santo Deus!

A revelação pegou-me completamente desprevenido. Não sabia o que pensar ou o que dizer. Encostei o carro junto ao meio-fio e procurei sossegar o coração.

O impulso de acusar a mulher de falsidade se acentuou:

— Você não está inventando histórias?

— Não tenho mais o que perder. Minha mãe foi embora por que estava envergonhada, com medo de que a verdade fosse descoberta. Ela amou muito o nosso pai e não queria ver enlameado o nome dele. Aceitou a casa que ele deu, pensando que ele fosse largar a família, pra viver com ela. Não foi o que aconteceu, como você sabe.

— Quer dizer que ela era moça solteira, na ocasião?

— Solteira e virgem, se é essa a intenção da pergunta.

— O que você está sabendo a respeito de meu pai... nosso pai não ter ido viver com ela?

— Não me contou muita coisa. Mas está viva e você pode perguntar a ela. Não é uma mulher muito forte mas vai aguentar.

Enquanto conversávamos, eu olhava no fundo dos olhos para ver se divisava a alma de Iná. Eram translúcidos e profundamente verdadeiros. Fiquei com muita vontade de abraçá-la e chorar as dores antigas da filha abandonada. Afinal, beijei-a na face e murmurei:

— Bem que eu achava você muito simpática, digna do amor de Luís. Ele sabia que vocês eram irmãos?

— Talvez desconfiasse mas nunca perguntou. Não se esqueça de que, no tempo dele, era Dona Quitéria quem recebia a pensão.

Formei na cabeça a ideia de que Raimundo sabia muito mais do que se dignara contar. Julguei a atitude da amante de meu pai até certo ponto digna, pelo menos em fugir do escândalo e lembrei-me de elevar, ali mesmo, uma prece por ela. Antes mesmo de iniciar, passou-me pela mente a figura de mamãe, a sofredora, agora justificada

plenamente, perante a prepotência do homem a quem devia obedecer e que não lhe fora fiel.

Setembrina, contudo, de alma lavada, com certeza por ter planejado sair do enrosco em que se metera, propôs-me:

— Claudinho (permita-me a intimidade), você acha justo contar tudo agora pro Raul, antes de minha mãe saber que dei com a língua nos dentes?

— Quer que eu seja bem franco?

— Claro!

— Depois de ficarmos na ignorância tanto tempo, acho que os seus melindres e os dela não têm sentido. Você falou em cartas na mesa. Vamos ver no que vai dar. Eu acredito que a reviravolta vai fazer o meu povo feliz, porque eu vi que estava todo mundo sentido em perder a sobrinha. Agora, são cinco os sobrinhos e a felicidade deve estar quintuplicada.

Falava o que me vinha à boca, sem nenhuma reflexão. Envolvido emotivamente, não era capaz de pôr as ideias no lugar.

Iná pegou em minha mão e fez menção de beijar. Fui eu quem trouxe as dela aos meus lábios, pedindo para os três que estavam no assento de trás que me dessem um beijo e que me chamassem de tio Cláudio.

Depois desse transbordamento afetivo, rogou-me Iná que a colocasse num táxi, porque, afiançou-me, queria que a mãe recebesse a notícia apenas através dela.

Ainda tive tempo de perguntar a respeito do processo mas não me respondeu, ou melhor, disse apenas que não sabia o que iria acontecer:

— O Orlando — complementou — vai ficar muito zangado.

Quando entrei na sala, notei nos semblantes que algo havia de estranho no modo de olharem para mim. Concluí de imediato:

— Vocês estão sabendo de tudo!

Foi Maria quem se aproximou, portando umas fotos.

— Veja, Cláudio, se você reconhece alguém.

Ela me mostrou três retratos seis por nove, em preto e branco. Havia um casal, a mulher carregando uma criança recém-nascida.

— É meu pai! Sem dúvida. E essa deve ser Dona Quitéria com Setembrina no colo.

Os outros dois flagrantes tinham sido tirados na mesma ocasião, com as pessoas em poses diferentes, numa das quais se via a criança no colo de meu pai e a outra, no berço.

Raul, que achei um tanto trêmulo, interrogou-me:

— Você sabe onde foram batidas as fotografias?

Examinei os móveis e pude verificar que se tratava da sala da casa de Iná.

Perguntei desde quando sabiam a verdade e Maria me explicou que Iná contou na hora em que se afastaram, tendo entregue as fotos, com a recomendação de não dizer nada a ninguém. Assim, até que foi bom que me tivesse posto a par dos acontecimentos, porque Maria não foi capaz de segurar o segredo. Eu mesmo não teria conseguido, tanto que havia forçado a prestação de contas entre filha e mãe.

O restante da manhã foi aborrecida. Queríamos aceitar Iná como irmã e, ao mesmo tempo, não sabíamos como reagir quanto às críticas que veladamente levantávamos contra o nosso pai, aparentemente muito feliz nos instantâneos.

Foi Rodolfo quem, de certa forma, deu sossego aos corações mais afetados, tendo comandado ligeira leitura do evangelho, com comovida prece em ação de graças por estarmos com boa saúde e suficientemente esclarecidos para compreendermos que a vida nos reserva surpresas, tendo em vista as atuações pregressas dos seres que nos deram origem e por causa também do nosso próprio desempenho espiritual.

Ficaram esquecidos os aperitivos, os vinhos e os licores mas as mães acabaram sendo efusivamente homenageadas, porque as crianças transformaram o ambiente meio lúgubre em festa de inocente benquerença.

No meio da tarde, os homens já jogavam bola com os petizes e as mulheres tricotavam os seus temas prediletos, com certeza prometendo envolver a nova parentela nas malhas de uma amizade sincera.

25. DESENLACES

Nestes últimos meses, vários acontecimentos me convenceram de que a família estava sob poderosa proteção espiritual.

No dia seguinte ao da revelação, saiu a sentença que obrigava Maria a contar Orlanda entre os herdeiros de Luís. Não dera tempo para as providências de sustação do processo. Foi preciso que Raul, através do nosso advogado, requeresse mandado de segurança, cuja liminar suspendeu a aplicação da ordem judicial.

Apenas para constar, devo dizer que o procedimento legal se arrastou, culminando com a comprovação do que a nossa família alegava, através do novíssimo sistema de constatação genética por meio do exame de DNA. As provas científicas levaram o juiz a recriminar publicamente a atitude de Setembrina, sem, contudo, dispor de nenhum ressarcimento de prejuízos, porque, argutamente, percebeu o meritíssimo que, em sendo ela do nosso sangue, a medida não surtiria qualquer efeito penal.

Quanto a nós, estreitamos os laços familiares ainda mais, admitindo a meia irmã no seio da comunidade, muito especialmente quando se descobriu que Orlando não estava tão preocupado com a condenação ao pagamento de pensão mas que possuía uma terceira família, mulher e dois filhos, situação que se constatou facilmente, por simples investigação decorrente da necessidade de atender aos reclamos do fórum.

Não quero dar ênfase a esse episódio menos feliz da minha biografia, porque aprendi que o tempo haverá de sanar todos os quiproquós provocados pela ação do livre-arbítrio humano mal administrado. As atividades espíritas em que tentamos interessar o malfadado deram causa a um temor das consequências dos atos em detrimento das pessoas que ia cativando ou dando origem e, depois, abandonando. É de ver que duas mulheres ficaram sós e, com elas, oito crianças. De qualquer modo, a companheira atual curou-o do vício da bebida, carregando com ele aos cultos da seita protestante de sua adoção religiosa.

Perguntei a Zabeu a respeito e obtive a seguinte comunicação psicografada por mim mesmo:

Cada ser estagia num determinado nível evolutivo. Enquanto não se dispõe a avançar por meio da instrução, a qual engloba o entendimento do mundo espiritual e o

procedimento no campo físico, pelo amor e pelo respeito às criaturas, há de marcar passo, engrossando cada vez mais o rol dos débitos. Mas a pessoa a que você se refere, permita-me lembrá-lo, não é de todo má. É ignorante e desconhece as repercussões afetivas de seus apetites carnis, porque está profundamente mergulhado na matéria. Tempo virá em que precisará reconhecer os males que praticou. Que nesse momento supremo encontre o apoio daqueles que houverem partido mais cedo para as regiões de luz. Ore por ele.

Naquela mesma noite, empolgado pela facilidade com que recebi a resposta, desejei obter notícia de minha mãe e de Luís. Entretanto, Zabeu condensou sua peroração sobre a minha pretensão:

Querido escrevente, por que não me interroga a respeito de quem está mais necessitado de preces e de luz, ou seja, o seu pai? Não preciso trazer a sua mãe para lhe dizer que está bem, que se alegra com o seu progresso e que admira o trabalho profícuo e desinteressado que você presta à comunidade congregada neste centro. Também você não pode desconhecer que Luís está sob amparo dos protetores familiares, lúcido e inscrito num curso adequado ao seu nível intelectual e sentimental, perfeitamente cômico do enlace de Maria com Rodolfo, matrimônio que tem abençoado porque seus filhos estão recebendo a atenção de um homem afetuoso. O seu pai é que tem recebido os dardos da reprovação dos três filhos encarnados, embora se lembrem dele constantemente nas preces, todavia, sem calor, sem entusiasmo, penalizados com o sofrimento de suas mães. Quer saber como ele está? Pergunte a ele, diretamente.

Faleceu-me a coragem naquele instante. Emocionalmente perturbado, rascunhei um pedido de perdão, já que julguei que merecera a reprimenda do guia, mas bloqueei inteiramente o canal de comunicação, sendo incapaz de receber qualquer outra página psicografada.

Ao término da sessão, durante a leitura das comunicações, impressionei-me com a clareza das informações contidas num dos escritos de Joana:

Estou presente por chamamento de meu filho Cláudio. Graças a Deus! Pedi ao nosso protetor e amigo, Padre Zabeu, que perdoasse os sentimentos de revolta que Claudinho guarda em relação a mim. Disse-me o mestre que meu filho é forte e sabe distinguir entre o certo e o errado. Seja. Agora o puxão de orelhas está dado, como ocorreu comigo quando maltratei as pessoas que mais devia ter protegido e amado. Paciência é o que nos pede o Senhor para vencermos todas as provas que a nossa própria intemperança provoca. Devo informar que fui perdoado pela esposa e pelo filho que tão cedo se viu arrebatado do seio dos familiares. Nós três velamos pelas criaturas a que demos oportunidade de volver ao plano terrestre, sob os ensinamentos amoráveis dos conselheiros e mentores. Podemos pouco mas o que fazemos brota do fundo do nosso coração. Acusa-me a consciência ainda de ter praticado atos muito perversos. Enfrentarei, contudo, todas as minhas provas com o coração aliviado, porque tenho por mim as vibrações de alguns seres superiores. Deus abençoe a todos os presentes e estenda seu manto de amor ao meu Claudinho, a Ana Paula, a Lucas e a Mateus, bem como às famílias de Raul, de Setembrina e de Rodolfo! E mande um abraço meu pro Raimundo.

Duas semanas depois, levamos o corpo do negro amigo ao cemitério, onde deixamos correr lágrimas de muito respeito e admiração. Foi, por certo, abraçar o meu pai,

cuja memória resguardou integralmente, reconhecido e afetuoso. A ele dedico esta obra, num momento em que não me encontro totalmente refeito de sua dolorosa perda.

Nos últimos tempos, os companheiros do centro vêm prestando seu concurso para a realização deste texto, principalmente Jurandir, que se empenha em dar-lhe extremos de cuidados gramaticais. Joana ficou satisfeítíssima ao ver reproduzidas as suas mensagens mas Alzira pediu-me que limitasse a descrição de sua capacidade transcendental ao dia em que visualizou o Padre Zabeu. Frederico está empregado na minha firma e me ajuda bastante nos tópicos concernentes aos transportes humanitários a que o lema do Espiritismo me obriga, já que *fora da caridade não existe salvação*. Valdemar passou meteoricamente pelo centro e pelo livro. Ari e Valéria tiveram a satisfação, por diversas vezes, de receber notícias do Diogo e continuam frequentando o centro para ouvir as palestras. Limitam-se a isso. Rosa Maria foi eleita presidente da instituição, mantendo Raspace como seu substituto oficioso. Aliás, Raspace tem realizado uma espécie de peregrinação piedosa, unindo as diretorias de diversas entidades irmãs, buscando experiências válidas e levando alguns trabalhadores da nossa seara como expositores, como no caso já referido de Ana Paula.

De Aristides não tivemos nenhuma informação, nem do que o levou a abalroar Luís, nem do que padece no plano espiritual. Contudo, o seu nome não me sai da cabeça, o que exige de mim a presteza das preces, para não enviar-lhe, em ondas desagradáveis, as vibrações negativas.

Raul voltou às reuniões eruditas e comanda os estudos das segundas-feiras. Odete permanece em seu posto de atendimento às mulheres. Maria só acompanha Rodolfo, o que significa dizer que não sai de perto de nós. Rodolfo, sem deixar de expor os temas doutrinários para os adultos, vem especializando-se em orientar os jovens encarregados da turma da mocidade, onde se encontra com meus filhos e sobrinhos. Iná comparece, sem regularidade, às atividades públicas do centro em que Orlando ia pegar a marmita dos tempos escassos, espaçando cada vez mais as visitas ao *“Coração Amoroso de Jesus”*. Ana Paula tem fugido um pouco das reuniões teóricas, buscando consagrar-se à área do atendimento aos doentes, aos miseráveis, aos desequilibrados, reunindo-se a um grupo que se preocupa em levar o Espiritismo aos hospitais, às favelas e às penitenciárias. Como tenho muito medo de vê-la refém dos infelizes, escolto-a na qualidade de guarda-costas. São ocasiões sacratíssimas, em que posso exercer os conhecimentos da doutrina fora da casa espírita, respeitando, todavia, por causa de meu amadorismo, as lições dos profissionais que nos conduzem, mas construindo, em minha mente e em meu coração, um projeto de envolvimento social mais amplo, para dar condições de progresso espírita a quem não tem qualquer alento material.

Preciso dizer que minhas esperanças se concentraram neste relato, primeiro passo que dou no sentido de bulir com as consciências e com as vontades? Sonho com isso.

Graças a Deus!

Indaiatuba, de 30.07 a 03.10.97.